

ANGÉLICA APARECIDA SILVA DE ALMEIDA

"RELIGIÃO EM CONFRONTO: O ESPIRITISMO EM TRÊS RIOS"
(1922-1939)

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da Prof^a.
Dra. Eliane Moura Silva.

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
18/12/2000.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

BANCA

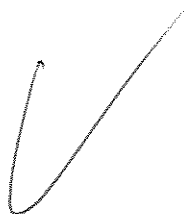
Prof^a. Dra. ELIANE MOURA SILVA (Orientadora)

Prof. Dr. LEANDRO KARNAL

Prof. Dr. JOSÉ LUIZ DOS SANTOS

Dezembro/2000

UNIDADE 80
 N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
AL 64 r
 V. _____ Ex. _____
 TOMBO BC/ 40609
 PROC. 16-392107
 C ☐ D ☒
 PREC. R\$ 11,00
 DATA 07/02/07
 N.º CPD _____



CM-00153379-5

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

AL 64 r Almeida, Angélica Aparecida Silva de
Religião e confronto: o espiritismo em Três Rios 1922-1939 /
Angélica Aparecida Silva de Almeida. -- Campinas, SP : [s.n.],
2000.

Orientador: Eliane Moura Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Espiritismo – Brasil – Séc. XX. 2. Religião. 3. Modernidade.
I. Silva, Eliane Moura. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

No final do século XVIII tem início um processo de afirmação do racionalismo e do cientificismo e de declínio da valorização da religião. Era a gestação da sociedade “moderna” com seus princípios de liberdade, progresso, razão e igualdade.

Nesse contexto, em meados do século XIX, surgiu na França uma religião, o Espiritismo, que buscava se adequar aos novos tempos.

O Espiritismo foi introduzido no Brasil no momento em que várias outras correntes de idéias, originárias da Europa, invadiam a intelectualidade nacional.

A atual cidade de Três Rios(RJ) surgiu a partir da década de 1860, quando se iniciaram os trabalhos de construção das estradas de ferro e de rodagem. Devido a sua privilegiada condição geográfica passou a ser um importante elo de ligação entre Minas Gerais e a Corte, o que desencadeou acentuado processo de sua modernização.

Nesse ambiente, em 1895, se formou o primeiro grupo espírita em Três Rios, denominado Grupo Espírita Fé e Esperança (GEFE). A partir de 1922, o movimento intensifica-se, liderado por um grupo de elevado nível sociocultural e de grande influência política na região. Dado seu estreito contato com a elite carioca, encontrava-se altamente influenciado pelos ideais de modernidade que circulavam na Capital da República. Devido a essa influência, detectamos a freqüente colaboração dos espíritas no processo de desenvolvimento do município no início do século XX.

No campo assistencial, o GEFE fundou uma farmácia homeopática, o albergue noturno, uma escola primária, um orfanato para meninas, uma maternidade. Para ampliar a divulgação da doutrina, criou uma Escola de Médiuns, uma biblioteca, uma livraria, a “Feira do Livro Espírita”, o Jornal **O Nosso Guia**, a 4ª Mocidade Espírita do país, uma Escola de Evangelho para crianças, além de manter um programa radiofônico e duas colunas fixas nos jornais da cidade. A atuação do grupo, tanto na área assistencial como doutrinária, foi fortemente influenciada pelas diretrizes do movimento nacional.

UNICAMP

A expansão do movimento espírita na cidade desencadeou uma série de reações por parte dos responsáveis pela Igreja Matriz e por certos setores da sociedade. Ao sentir a necessidade de opor-se contra essa ofensiva, a direção do GEFE organizou, em 1939, a Primeira Semana Espírita do Brasil, contribuindo para fortalecer as bases do movimento espírita na cidade.

As práticas discursivas e o conjunto de ações acabariam levando o espiritismo a tornar-se um dos agentes de propagação e consolidação dos novos anseios de modernidade, progresso, ordem, liberdade de pensar e agir e de integração da sociedade, típicos do período de transição do século XIX para o XX.

A proposta de aliança entre ciência e religião, adequando-se às novas exigências do mundo moderno e aos anseios de espiritualidade do homem, parece ter contribuído de forma decisiva para a penetração e consolidação de uma mentalidade espírita em nossa sociedade.

Abstract

“Religion on Confrontation: The Spiritism in Três Rios” (1922-1939)

In the end of the eighteenth century it has began a process where rationalism and scientism became more influential and the religion lost prestige. It was the beginning of the “modern” society with its concepts of liberty, progress, reason and equality. A new religion emerged in this atmosphere in France, the spiritism, which intended to be a religion of the new times. The spiritism arrived in Brazil together with others european’s ideas that spread at the national intelligentsia.

The city of Três Rios (in Rio de Janeiro’s state) appeared in 1860’s, when it had began the construction of the railway and the highway. Because of its privileged geographic localization, connecting Minas Gerais State and the Court, Três Rios was subjected to an expressive modernization process.

In that environment, at 1895, it was created the first spiritist group in Três Rios, named Grupo Espírita Fé e Esperança (GEFE). Since 1922, the movement had prospered led by a group with high sociocultural level and political influence in the region. Because of their straight contact with the Rio de Janeiro’s élite, they were much influenced by the modernity’s ideas spread in the national capital. On account of that influence, the spiritists usually cooperated in the developmental process of Três Rios at the beginning of the twentieth century.

The GEFE’s social work was intense. It founded a homeopathic pharmacy, a nocturnal shelter, an elementary school, an orphan asylum and a maternity hospital. The doctrine’s diffusion was extended by the foundation of medium’s school, library, bookshop, spiritist’s book fair, “O Nosso Guia” newspaper, the fourth study group for young spiritists in Brazil and gospel school for children. They had got a radio program and two columns at city’s journals. These social and diffusive works were both influenced by the national spiritism’s tendency.

The advance of the spiritism in the city aroused a number of reactions from the catholic church and some parties of the society. In reply to these attacks, the GEFE

organized in 1939 the First Brazilian Spiritist Week which strengthened the local spiritism.

Through its practices, the spiritism was an agent of the dissemination and consolidation of the modernity's requests such as progress, order and freedom of thinking and acting.

The purpose of union between science and religion in agreement with the needs of the modern world and the spirituality longings of the mankind, may have contributed for the diffusion and consolidation of a spiritist mentality in our society

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo Espírita Fé e Esperança que, na figura de seus Presidentes Carlos Massi e Maria das Graças Lazzarine, abriu as portas desta instituição, possibilitando a realização deste trabalho.

A todos que colaboraram com informações para a pesquisa, em especial para aqueles que comigo compartilharam suas histórias de vida.

Agradeço, especialmente, ao amigo Geraldo Campetti pela dedicação, interesse e pelo apoio dispensado em minhas pesquisas na FEB.

Aos funcionários da FEB, em especial à vice-presidente Cecília Rocha, que me receberam de forma tão gentil, proporcionando-me excelentes condições de pesquisa.

Durante os preparativos para ingressar no mestrado e ao longo desta pesquisa, destaco uma pessoa muito especial. Agradeço à amiga Gláucia por todas as palavras de incentivo, pelo carinho e dedicação, mesmo antes de nos conhecermos. O seu apoio tornou-se indispensável para a concretização desse trabalho.

À FAPESP que ao longo dos anos vem acreditando e incentivando os novos pesquisadores. A bolsa fornecida pela instituição torna possível nossa dedicação integral à pesquisa pois, caso contrário, seria difícil concluir os trabalhos no prazo determinado.

Agradecer, em um único parágrafo, à minha orientadora, Prof^ª. Dra. Eliane Moura Silva, torna-se uma tarefa impossível. No momento em que ainda realizava minha monografia de bacharelado tive a sorte rara de conhece-la, abrindo novas possibilidades de engrandecimento da pesquisa. Essa colaboração foi essencial para

UNICAMP

que eu pudesse tentar alçar vôos ainda maiores e hoje, estou aqui, concluindo esse trabalho. O seu carinho, dedicação e amizade são um estímulo a nos superarmos a cada instante, transformando esse “longo” caminho de elaboração da pesquisa numa verdadeira arte. A você, Eliane, a minha gratidão eterna.

Ao Prof. Alexandre Mansur Barata pela atenção e carinho dispensados em nossas conversas, sempre me encorajando a persistir no trabalho.

Aos amigos Klaus, Alex e Bia pelo interesse constante e pela extraordinária ajuda na coleta de bibliografia e de composição gráfica da dissertação.

A todos os meus familiares, pelo apoio constante e pela alegria a cada etapa cumprida.

Aos meus pais, Claudenir e Etelvina, por terem me dado a vida e a oportunidade de estar aqui. A força que vocês demonstraram quando eu precisei rumar novos caminhos foi fundamental para que eu não desanimasse. Esse carinho e estímulo constantes foram imprescindíveis para que eu pudesse estar escrevendo estas linhas hoje.

Agradeço finalmente ao Alexander, meu companheiro de longas jornadas. Aquele que sempre acreditou em minha capacidade. Suas palavras de encorajamento e persistência, na tarefa a ser realizada, foi o combustível vital para que eu seguisse adiante. Sem a sua força, entusiasmo e paixão eu não teria chegado até aqui. A conclusão desse trabalho eu dedico a você.

ÍNDICE GERAL

Introdução	11
I. De Paris ao Rio de Janeiro. A Chegada do Espiritismo ao Brasil	
1.1 - As Transformações no Pensamento Religioso	19
1.2 - O Surgimento do Espiritualismo Moderno	21
1.3 - O Espiritismo na França	23
1.4 - O Espiritismo e a Ciência	26
1.5 - Os Primeiros Confrontos	27
1.6 - A Chegada do Espiritismo ao Brasil	29
1.7 - O Espiritismo num País Católico	32
1.8 - A Volta ao Rio de Janeiro	36
1.9 - Literatura e Espiritismo	38
1.10 -O Espiritismo e a Sociedade	40
1.11 -Novos Focos de Conflito e a Consolidação do Movimento	43
1.12 -A Organização da FEB	48
II. O Espiritismo Chega à Três Rios	
2.1 - Três Rios e o Espiritismo	55
2.2 - Da Teoria à Prática – Os Trabalhos Assistenciais do Grupo Espírita Fé e Esperança	60
2.3 - Divulgar é Preciso	71
2.4 - Afirmação e Consolidação do Espiritismo em Três Rios	76
III. O Espiritismo em Três Rios e Outras Vertentes Brasileiras: Uma Análise Bibliográfica	
3.1 – As Cidades em Busca da Modernidade	81
3.2 – O Espiritismo: Uma “Religião Moderna”	84
3.3 – Os Primeiros Adeptos e suas Ações na Sociedade	88
3.4 – As Instituições Espíritas	90
3.5 – A Reação ao Espiritismo	93
3.6 – A Divulgação e Legitimação do Espiritismo	97
3.7 – O Espiritismo perante as Transformações Sociais	100
Conclusão	104
Fontes e Bibliografia	108

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 – Antiga sede do Grupo Espírita Fé e Esperança	62
2 – Prédio atual do Grupo Espírita Fé e Esperança	62
3 – Panfleto de peças teatrais realizadas para construção do “Lar Manoel Pessoa de Campos	66
4 – Obra para a construção do “Lar Manoel Pessoa de Campos”	69
5 – Prédio atual do “Lar Manoel Pessoa de Campos”	69
6 – Antiga sede da Maternidade “Walter Francklin”	72
7 – Prédio atual da Maternidade “Walter Francklin”	72
8 – Programação da Primeira Semana Espírita do Brasil	80

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou empreender uma análise do movimento espírita em Três Rios, desde o seu surgimento, em 1895, até 1939, ano da realização da Primeira Semana Espírita do Brasil, um marco no confronto intelectual com a Igreja e na consolidação do movimento. Procuramos avaliar a inserção do movimento espírita no processo de mudanças experimentadas pela localidade, nesse período. Trabalhamos com a hipótese de que o Espiritismo teria se constituído em mais um novo canal de expressões culturais e religiosas, de integração social e de difusão dos novos ideais de modernidade. No entanto, todas essas transformações vivenciadas por Três Rios, no início do século XX, chocavam-se com as tradições vigentes. Muitas foram as reações às mudanças, gerando confrontos entre as representações do *status quo* e aquelas emergentes. A partir desses dados, direcionamos o foco da nossa atenção para os fatores que permitiram o florescimento das idéias espíritas numa cidade de interior e tradicionalmente católica, bem como o porquê da aceitação e da resistência surgidas ante essas novas idéias, buscando, dessa forma, interligar esses conceitos ao desenvolvimento do movimento no Brasil.

No entanto, foram escassas as informações disponíveis para reconstruirmos, com maior precisão, os primeiros anos do movimento na cidade. Devido a essa dificuldade fomos obrigados a redirecionar nosso marco cronológico para o ano de 1922, quando se fundou um grupo com maior projeção e estabilidade e, por isso, detentor de uma vasta documentação sobre sua trajetória.

A preocupação com o estudo das religiões em termos acadêmicos, segundo Mircea Eliade, surgiu a partir da segunda metade do século XIX, sob o nome de “ciência das religiões”. Em 1873 criou-se, na Universidade de Genebra, a primeira cátedra de história das religiões. A seguir, várias instituições de ensino superior na

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Europa inseriram-na em seus currículos, expandindo sua difusão, interesse e novas pesquisas¹. Multiplicaram-se revistas especializadas, bibliografias, dicionários, enciclopédias, congressos, simpósios e seminários².

Dentro das transformações experimentadas pelo meio acadêmico ao longo do último século, a pesquisa histórica ampliou em muito seus horizontes. Num primeiro momento constatamos:

“(...) A substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social e tantas outras”³.

Os temas, antes considerados como “periféricos” aos interesses dos historiadores, tomaram corpo e conquistaram seu espaço. Ocupando-se com questões pontuais, essas abordagens passaram a estudar e analisar tudo o que pudesse explicar e mostrar a organização de grupos e comunidades, acabando por representar uma estrutura ainda mais complexa:

“Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a fala e até mesmo o silêncio”⁴.

¹ ELIADE, M. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. pp. 1-11.

² SILVA, E.M. Vida e morte o homem no labirinto da eternidade. Campinas, 1993. 245 p. Tese (Doutorado em História) – Unicamp. p. 2.

³ BURKE, P. A Escola de Annales. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. p. 12. in: COSTA, F. L. da. Trabalho, Solidariedade e Tolerância. (A Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados. 1912-1989) Paraná: 1995. 180p. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR. p. VIII.

⁴ BURKE, P. (org.) A Escrita da História. Novas Perspectivas. p. 11. in: ibid. p. IX.

O estudo das religiões passou a ocupar historiadores, antropólogos e sociólogos, tendo como objeto de análise os elementos comuns das diversas religiões, estabelecendo uma controvertida e importante área de pesquisas, com suas correntes e tendências⁵.

A nossa pesquisa insere-se dentro do atual panorama de estudos e trabalhos sobre religião e religiosidade, quando detectamos uma forte tendência para pesquisar a trajetória das diversas expressões de religiosidade que não se encontravam diretamente vinculadas à Igreja, mas que nem por isso deixaram de ser elementos importantes no processo de construção de nossa sociedade⁷.

O aprofundamento e a compreensão da dinâmica de implantação e desenvolvimento do movimento espírita no Brasil são importantes, pois nos fornecem subsídios para a compreensão do processo de formação de uma identidade religiosa espírita, um aspecto importante no desenvolvimento da cultura brasileira⁸.

A importância do preenchimento dessa lacuna no conhecimento histórico toma maiores dimensões quando percebemos o quanto os ideais espíritas encontram-se disseminados no seio da nossa sociedade, exercendo uma influência que ultrapassa muito seu círculo de adeptos declarados⁹. Apesar de o povo brasileiro declarar-se majoritariamente católico, 45% de nossa população afirma-se adepta da doutrina da reencarnação¹⁰.

O espiritismo também apresenta a peculiaridade de ser fundamentalmente

⁵ ibid. p. VII.

⁷ SILVA, E. M. "O Espiritualismo no século XIX". Campinas: IFCH/Unicamp, 1997. pp. 3-4.

⁸ CARVALHO, J. J. de. O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de Uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: *Misticismo e Novas Religiões*. Org: Alberto Moreira & Renée Zicman. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75.

⁹ NEGRÃO, L. N. Kardecism. In: *The Encyclopedia of Religion*. Editor in Chief: Mircea Eliade. New York: Macmillan Publishing Company, 1987. pp. 259-61.

¹⁰ VV. AA., A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil. São Paulo: Paulus (Estudos da CNBB n° 62), 1991. in: BLANK, R. J. Reencarnação ou Ressurreição: Uma Decisão de Fé. São Paulo: Paulus, 1995. p. 7.

uma religião das classes médias urbanas. Segundo pesquisa do Data Folha de 1996 e do Data Dia 1997, o espiritismo, diferentemente da maioria das religiões, amplia o seu número de adeptos à medida que aumentam o grau de escolaridade e a renda da faixa pesquisada.¹¹

Apesar de o Brasil ser o único país onde o espiritismo atualmente encontra-se fortemente disseminado e exerce uma importante influência¹², seu estudo não despertou a atenção dos historiadores. A maior parte das publicações sobre a história do Espiritismo é de autoria dos próprios espíritas. O maior número de publicações acadêmicas versa sobre o catolicismo, a umbanda e o candomblé.

O estudo das religiões no Brasil, principalmente no que diz respeito às religiões mediúnicas (Espiritismo, Umbanda e Candomblé), tem despertado maior atenção dos antropólogos. Entretanto seus estudos, de um modo geral, restringem-se às duas últimas expressões de religiosidade, poucos abordando diretamente o Espiritismo¹³.

A opção pela cidade de Três Rios (RJ), como objeto de pesquisa, explica-se pelo fato de esta ter sido uma pequena cidade de interior, tradicionalmente católica, mas que absorveu muito precocemente as idéias espíritas, tão debatidas nas principais cidades do País, no início do século XX. Já em 1895, menos de quatro décadas após o surgimento do espiritismo na França, foi formado o primeiro grupo espírita de Três Rios. Além desse fato precoce, o movimento trirriense apresentou

¹¹ LIVROS mais vendidos. Folha de São Paulo. São Paulo, 31/12/95(Mais 5-9) e 01/97(Mais 5-10).

¹² CARVALHO, J. J. op. cit. p. 75.

¹³ COSTA, F. L. op. cit. p. X.

um grande vigor, que se refletiu pela sua influência em toda a região, bem como na tomada de iniciativas pioneiras no contexto do movimento espírita ⁶ nacional.

Um outro fator, que faz de Três Rios um privilegiado campo de estudos sobre a trajetória do Espiritismo no Brasil, é a existência de um arquivo histórico do movimento, ainda pouco explorado. O arquivo do maior e mais antigo grupo espírita de Três Rios, o Grupo Espírita Fé e Esperança (GEFE), possui vasta documentação de toda a sua trajetória de vida, desde a sua fundação, em 1922, com todas as atas de reuniões e estatutos, projetos arquitetônicos, periódicos locais, quando versavam sobre o grupo, e outros documentos relacionados a Três Rios e ao espiritismo no Brasil. Junte-se a isso o fato de ainda viverem na cidade vários de seus pioneiros, em condições de contribuir, com suas histórias de vida, através das práticas de história oral, para maior compreensão da implantação e desenvolvimento do espiritismo na localidade.

Ao considerarmos a importância do movimento espírita no Brasil, a precocidade e as dimensões alcançadas pelo movimento trirriense, julgamos relevante compreender melhor o porquê da rápida absorção e disseminação das idéias espíritas por uma cidade interiorana e tradicionalmente católica. A compreensão desses fatores, no âmbito de um pequeno município, poderá fornecer um melhor entendimento da dinâmica de implantação do espiritismo nacional, pois como afirmam os historiadores Pedro Paulo Funari e Júlia Alves:

“ (...) O estudo da História através de eixos-temáticos permite que se transite das partes para o todo e vice-versa, em constante vai-e-vem no tempo e no espaço, permitindo-se a compreensão da

⁶ Movimento Espírita é o termo utilizado pelos espíritas para designar o conjunto de atuações que o Espiritismo comporta. O Movimento Espírita engloba desde os lares e centros até institutos culturais, laboratórios de pesquisa, associações profissionais, federações nacional e regionais, hospitais, asilos, orfanatos, imprensa e editoras. in: CASTRO, M. L. V. de. O Que É o Espiritismo. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 17. Por movimento espírita, nos referimos ao movimento social gerado pelos indivíduos e grupos inspirados pela vontade de implantar os preceitos espíritas na sociedade. cf. Rios, A. R. Movimentos sociais. in: Dicionário de Ciências Sociais. 2ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987. pp. 788-90.

totalidade do social em suas contradições, mudanças e permanências”¹¹

A história local em nosso País freqüentemente é desenvolvida segundo uma visão tradicionalista, personalista e livresca. Na atualidade, o movimento de história regional busca um novo enfoque, contribuindo para o resgate da identidade histórica das comunidades, favorecendo o exercício pleno da cidadania.¹²

Para a concretização desta pesquisa foram utilizadas fontes da Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, periódicos (Revista Espírita e o Reformador), livros espíritas e acadêmicos, na tentativa de remontar a trajetória do movimento espírita na França e sua chegada ao Brasil, desde os seus momentos iniciais até a sua consolidação e suas principais repercussões, o que compõe o Capítulo I desta dissertação.

O acervo da Biblioteca Municipal de Três Rios, os arquivos do Grupo Espírita Fé e Esperança e da Igreja Matriz da cidade, além de fontes orais e dos livros que versam sobre a história do município, foram empregados para elaborar o Capítulo II, reconstruindo o processo de implantação do espiritismo em Três Rios, suas principais atividades, seus adeptos, as dificuldades e perseguições vivenciadas e, principalmente, as formas de atuação desses espíritas no conjunto de transformações experimentadas pela localidade nas primeiras décadas deste século e que contribuíram de forma decisiva para a concretização dos novos anseios de “modernidade” na cidade.

A produção de documentação oral se deu através de entrevistas com pessoas que tiveram participação no processo em estudo. A seleção dos entrevistados não foi

¹¹ FUNARI, P. P. & ALVES, J. F. “O Ensino da História no Segundo Grau uma experiência”. Campinas IFCH/Unicamp, 1995. pp. 1-4

¹² LOBO, I. G. Debates Regionais. Fazer História (Des)construção e (In)certeza. João Pessoa. NDIHR/UFPB, 1996. pp. 53-7.

realizada segundo critérios quantitativos e, sim, pela posição do entrevistado no âmbito do tema pesquisado.

Vale a pena ressaltar que a história oral não se constitui em mera complementação de fontes documentais. Quase sempre equivale, em valor, às fontes escritas. Atualmente, a história oral tem influído no comportamento das disciplinas universitárias e atua diretamente na conduta de museus e arquivos do mundo inteiro. A história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade no presente e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Assim, os depoentes e leitores passam a entender a seqüência histórica dos acontecimentos e sentem-se parte do contexto em que vivem. Além disso, a história oral é uma alternativa à história oficial, questionando a posição das grandes figuras como únicos agentes motrizes da história e traz uma nova concepção de história, na qual todos os cidadãos comuns fazem parte do mesmo processo¹⁴.

Utilizamos o método de trabalho com história oral desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Tal método constitui-se basicamente por:

Coleta de dados biográficos sobre as pessoas a serem entrevistadas, a fim de definir o roteiro das entrevistas.

Investigação exaustiva do objeto de estudo em fontes primárias e secundárias, com o objetivo de obter uma base firme de conhecimento do tema, que garanta a qualidade dos trabalhos subseqüentes. Com isso, diminui-se o risco de subaproveitamento da potencialidade dos entrevistados, aumentando a qualidade das entrevistas.

¹⁴ ALBERTI, V. História oral: a experiência do CPDOC: Rio de Janeiro: FGV, 1990.

Entrevistas temáticas semi-estruturadas, gravadas em fitas K-7. A utilização de filmagens em vídeo das entrevistas é desaconselhada, por poder gerar inibição no entrevistado¹⁵.

De posse das informações obtidas, realizamos uma análise comparativa entre as fontes orais, manuscritas e impressas, buscando suas particularidades e, principalmente, seus pontos convergentes¹⁶:

“ A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. (...) Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado dos fontes recompiladas ou acessíveis”¹⁷

No Capítulo III utilizamos todas as fontes expostas anteriormente a fim de empreender uma análise comparativa do movimento espírita trirriense e de outras cidades do país para estabelecer semelhanças e/ou divergências nos caminhos percorridos. Dessa forma, foi possível considerar Três Rios como uma importante amostra de estudo para a compreensão do movimento espírita nacional.

¹⁵ *ibid.*

¹⁶ *ibid.*; FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (org.) usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996 & MEIHY, J. C. S. B. (org.) (Re) introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

¹⁷ LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. in: usos e abusos da História Oral. op. cit. pp. 15-26.

I - De Paris ao Rio de Janeiro: A Chegada do Espiritismo ao Brasil

“Evolução, progresso, trabalho, ciência, razão ao lado de fé, imortalidade da alma, mundo dos espíritos, caridade, misericórdia: só no século XIX, um movimento religioso aliando estas diferenças seria possível”.*

1.1 - As transformações no pensamento religioso.

O século XIX trouxe profundas transformações no pensamento ocidental com o surgimento e/ou valorização de conceitos como: evolução, cientificismo, racionalismo e positivismo. Grande parte de nossas atuais instituições têm suas raízes nesse período.

No meio intelectual predominava a crença de que a conversão às idéias modernas excluiria a religiosidade. Havia uma intensa busca das leis da natureza e da sociedade. A ciência e o materialismo encontravam-se fortemente entrelaçados, perpetuando a crença no desenvolvimento moral, intelectual e técnico ilimitado da humanidade. Pretendiam implantar uma moderna doutrina de vida, destinada a suplantiar todas as formas religiosas. Dessa forma, a ciência, a razão e o materialismo consolidaram-se como os únicos agentes capazes de conduzir e orientar o pensamento e a ação humanas.

Segundo Sylvia Damazio, a racionalidade triunfava, marcando o início de um redirecionamento no sentido de se buscar o conhecimento através da observação empírica dos fatos até a obtenção das respostas, mesmo que diferenciadas daquelas aceitas tradicionalmente, com o *referendum* da Igreja. Como consequência dessa nova postura científica, tem início um confronto permanente com a Igreja, que

* SILVA, E.M. Vida e morte o homem no labirinto da eternidade. Campinas, 1993. 245 p. Tese (Doutorado em História) – Unicamp. p. 205.

condicionava os avanços do conhecimento às verdades contidas na Bíblia e aos dogmas por ela estabelecidos.¹

As certezas racionais da ciência do século XIX acarretaram um recuo da religião tradicional, em especial nos centros mais urbanizados e intelectualizados da sociedade. O predomínio da Igreja Católica, que por longos anos orientou pensamentos e ações, influenciando, diretamente, a nossa visão de mundo, estava chegando ao fim.²

Cândido Procópio Ferreira destaca que a civilização ocidental passou por profundas mudanças que desencadearam um processo de secularização das instituições. A importância da instituição religiosa, enquanto legitimadora e matriz da organização de valores e normas sociais, sofreu um severo questionamento. Devido ao crescimento da população urbana e da educação formal, vinculada ao desenvolvimento tecnológico e industrial, teria havido o crescente aumento da concepção secularizada do mundo.³

Parecia que o cientificismo consolidara-se de forma definitiva, ao menos nos meios mais intelectualizados; parecia que tal estado acarretaria o fim da religiosidade, mas isso não aconteceu. A idéia de religião modificou-se, mas não foi negada. Sylvia Damazio afirma que as correntes científica e religiosa, antagônicas quase sempre, tiveram de coexistir devido à necessidade do homem ocidental moderno de entender e explicar o mundo racionalmente e, também, de preencher o vazio da própria existência com a crença na imortalidade. Em certa medida, a luta era contra a superstição e não contra a fé, contra a Igreja e não contra a religião.⁴

¹ DAMAZIO, S.F. Da Elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. pp.9-13; 53-78.

² SILVA, E. M. op. cit. pp. 158-9 & AZZI, R. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. In: Religião e Sociedade. Mai 1977, nº 1. pp. 125-49.

³ CAMARGO, C.P.F. de. Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973. pp. 9-38.

⁴ DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 149-57.

Segundo Mircea Eliade um homem exclusivamente racional seria uma abstração, uma vez que *“a experiência do sagrado constitui um elemento na estrutura da consciência do homem, e não uma fase dessa consciência”*. O sagrado antecederia ao próprio mundo. Por mais que o homem tentasse se libertar dos esquemas mitológicos da religião acabaria por criar um esquema interpretativo da sociedade, recriando os mitos dentro dos padrões aceitos pela cientificidade.⁵

Essa crise religiosa apontou a necessidade de novas expressões de religiosidade mais adequadas aos novos parâmetros da época.⁶

1.2 - O Surgimento do Espiritualismo Moderno

Na Europa ocorreu o reflorescimento de antigas crenças e práticas como a cabala, a magia negra, a astrologia e quiromancia, numa tentativa de se contrapor à contínua supremacia da Ciência.

Nos Estados Unidos, a reação ao cientificismo expressou-se na forma de movimentos religiosos que tiveram grande repercussão na Europa, como o Espiritualismo Moderno⁷

Para a maioria dos historiadores do Espiritualismo, as matrizes intelectuais e do imaginário espiritualista do século XIX encontram-se no século XVIII e ligadas às

⁵ ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996. pp. 1-23.

⁶ SILVA, E.M. op. cit. p. 159.

⁷ DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 53-78.

figuras de Emmanuel Swedenborg e Kaspar Lavater⁸.

Tradicionalmente os fenômenos observados no ano de 1847, na aldeia de Hydesville, nos Estados Unidos, são considerados como o marco do surgimento do espiritualismo moderno, que ganharia expressão filosófico-doutrinária na França após alguns anos. Embora a prática de invocar os mortos, de tentar contatar as almas seja um aspecto imemorial das sociedades humanas, na segunda metade do século XIX um influxo novo, de acordo com os princípios da ciência positiva, da filosofia secularizada, do materialismo político e racional, invadiu esse domínio, antes exclusivo da religião.

Em uma granja na cidade de Hydesville, a família metodista dos Fox, os pais e suas filhas Margareth e Katie (de, respectivamente, 12 e 15 anos), vivenciaram uma série de acontecimentos inusitados: objetos movendo-se espontaneamente, golpes e pancadas sobre os móveis e as paredes, aparentemente sem nenhum tipo de interferência física. As duas meninas começaram a perceber que os golpes não eram aleatórios, sendo possível até estabelecer um contato inteligível com os “espíritos” produtores dos sons, através de um código que associava o número de pancadas com as letras do alfabeto.

A notícia espalhou-se, rapidamente, pela região e por todo o país, transformando as irmãs Fox em figuras altamente conhecidas. O movimento continuou a sua propagação, suscitando conversões e grandes adversários, chegando do outro lado do Atlântico, em especial na França.

⁸ Estes dois pensadores fizeram parte de um movimento onde as representações do Além ganharam uma extrema humanização fora do espaço do Catolicismo. Ampliavam-se os limites das crenças e doutrinas que transferiam as afeições terrestres para após a morte apresentando as possibilidades de conhecimento da existência após a morte bem como das comunicações entre as duas dimensões, superando a barreira dos medos e incertezas que cercavam o destino moral, numa revolução sentimental e psicológica que marcou o século XIX. in: SILVA, E.M. O Espiritualismo no Século XIX. Campinas: IFCH/Unicamp, Textos Didáticos, Mai 1997, nº 27. pp. 10-8.

Como curiosidade e passatempo de salão surgiram as primeiras reuniões em torno das mesas girantes. Estas manifestações foram objeto de numerosos comentários, mas nada levava a crer que fossem despertar interesse nos meios científicos e intelectuais. No entanto, nesse período, várias pessoas começaram a dedicar-se ao estudo dos fenômenos espirituais, visando a sua divulgação.⁹

Nos Estados Unidos o movimento espiritualista teve centenas de teóricos, estudiosos e médiuns, milhares de simpatizantes e adeptos. Obteve um rápido florescimento, sofrendo uma curiosa integração com diversos ramos do protestantismo por meio de um forte enfoque educacional e através de diversas publicações, centros e grupos de estudo.¹⁰

1.3 - O Espiritismo na França

Este surto espiritualista permitiu a formação de um movimento específico que ficou conhecido como Espiritismo. Foi um francês, Hippolyte-Léon Denizard Rivail, quem sistematizou as revelações ditadas pelos “espíritos”, construindo um corpo teórico de natureza filosófico-científica. Com uma educação acadêmica tradicional, formado no Instituto de Educação do Professor Pestalozzi na Suíça, Rivail foi, durante anos, professor, diretor de Liceu e escritor de livros de ciências, pedagogia e matemática. Preocupado com a investigação pedagógica, que sobrepujasse a razão a qualquer forma de afirmativa dogmática, fosse religiosa ou científica, defendia o direito de livre exame em qualquer matéria tanto de fé como em outra forma de conhecimento, combatendo a intolerância e o dogmatismo religioso.

⁹ *ibid.* pp. 18-72.

¹⁰ Não houve nos EUA a penetração da doutrina espírita codificada por Kardec na França. O movimento espiritualista americano, assim como o inglês, foi diferente do francês e do brasileiro. BRAUDE, A. *Radical Spirits: Spiritualism and Women's Rights in Nineteenth-Century America*. Boston: Beacon Press, 1996.

A partir do ano de 1849 Rivail voltou-se para o estudo dos fenômenos “sobrenaturais”. Em 1855 começou a freqüentar sessões de comunicação espiritual. Após várias observações e experiências concluiu pela natureza espiritual e inteligente dos fenômenos. Entendeu que se abria a possibilidade de uma investigação direta sobre a condição da alma após a morte, a condição dos espíritos e a prova definitiva da imortalidade da alma. Neste instante, começou a organizar sistematicamente seus estudos sobre a matéria.

Rivail, que acabou por assumir o pseudônimo de Allan Kardec, elaborou todo o edifício teórico do Espiritismo, baseando-se nas comunicações mediúnicas recebidas. Começou a levar para as reuniões perguntas sobre diversos problemas e a analisar as respostas dadas pelos “espíritos”. Ao verificar a qualidade do material recolhido e as suas proporções, resolveu publicar os ensinamentos, previamente revistos pelos “espíritos”. Com isso, publicou em 18 de abril de 1857, a primeira obra espírita, ***O Livro dos Espíritos***, fruto das revelações espirituais.

Após a publicação de ***O Livro dos Espíritos***, vieram sucessivamente outras obras: ***O Livro dos Médiuns***; ***O Evangelho segundo o Espiritismo***; ***O Céu e o Inferno ou a Justiça de Deus segundo o Espiritismo***; ***A Gênese, os Milagres e as Predições***. Em 1858 foi fundada a ***Revue Spirite*** e a ***Société Parisienne d'Études Spiritistes***. Essa organização contribuiu para a expansão do movimento espírita na França e em outros países, inclusive no Brasil.¹¹

No entanto, mesmo atribuindo grande valor à existência espiritual, a vida material era altamente valorizada, instrumento da evolução espiritual que, em grande parte, se daria no plano físico pelas múltiplas reencarnações.¹²

¹¹ KARDEC, A. Obras póstumas. 26 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 263-391. & O Que é o espiritismo? 37 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. pp. 9-49. - WANTUIL, Z. & THIESEN, F. Allan Kardec. Meticulosa Pesquisa Bibliográfica. Rio de Janeiro: FEB, 1979. 3v. & NEGRÃO, L. N. Kardecism. in: The Encyclopedia of Religion. Editor in Chief: Mircea Eliade. New York: Macmillan Publishing Company, 1987. pp. 259-61.

¹² A questão da reencarnação foi a responsável pela separação do movimentos das diversas correntes espiritualistas então em voga. In: Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano: 1864. p. 146

O Espiritismo articulava-se com a idéia de progresso, com a ética do trabalho. Mesmo após a morte, o homem continuaria trabalhando pelo seu crescimento espiritual, transformação e aprimoramento dos indivíduos e da sociedade. Todos, sem exceção, deveriam lutar pelo progresso espiritual, moral, social, em todos os momentos de sua existência, seja física ou espiritual¹³.

Muitos autores, em especial Léon Denis, chegaram a comparar as teses espíritas com os argumentos socialistas. Para Denis, o Socialismo e Espiritismo estavam unidos, pois um oferecia ao outro o complemento da sabedoria, da justiça, da verdade e dos grandes ideais, que levariam à construção de uma nova ordem social e a um destino melhor para a sociedade. Juntos deveriam lutar contra as diferenças sociais, privilégios, preconceitos, superstições religiosas, que se constituíam nos grandes obstáculos para o progresso, dando lugar aos benefícios da liberdade, da igualdade e fraternidade. Sendo assim, mesmo que o Espiritismo compreendesse e explicasse a questão social e os problemas econômicos através da lei da reencarnação, ele deveria também reivindicar mudanças estruturais da sociedade a fim de eliminar as desigualdades e injustiças¹⁴.

O movimento espírita incentivava o estudo, a aquisição de novos conhecimentos, o aprimoramento intelectual e moral, objetivando a transformação do próprio homem. Sob este ponto de vista, o movimento espírita assemelhava-se às propostas sociais não revolucionárias de transformação dos homens e da sociedade: o anticlericalismo, o antiinstitucionalismo, o livre-pensamento, o papel preponderante dado à instrução de homens e mulheres de qualquer classe social, a extinção das barreiras que separavam sexos, classes, raças e credos.¹⁵

¹³ SILVA, E.M. op. cit. pp. 18-72

¹⁴ COLOMBO, C.B. *Idéias Sociais Espíritas*. São Paulo: Comenius, 1998. pp. 75-98. & DENIS, L. *Socialismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 1998.

¹⁵ SILVA, E.M. op. cit. p. 167.

1.4 - O Espiritismo e a Ciência

Embora o Espiritismo e o Espiritualismo Moderno¹⁶ tenham feito muitos adeptos e conversões durante os séculos XIX e XX em diferentes meios sociais, chama a atenção o grande interesse que a nova doutrina exerceu nos meios intelectuais, artísticos e científicos da época. Figuras como Arthur Conan Doyle, Robert Owen, William Crookes, Victor Hugo, Camille Flammarion, Cesare Lombroso, entre outros, dedicaram-se a estudar o “mundo espiritual” buscando rever a religião à luz da ciência.¹⁷

Vários grupos de cientistas reuniam-se em torno dos médiuns para estudar e eliminar as possibilidades de fraudes. Muitas destas sessões de estudos eram realizadas em centros de pesquisa, laboratórios e os convidados eram pessoas credenciadas pela comunidade intelectual e científica.

Os fenômenos espíritos foram classificados por muitos pesquisadores como fatos incontestáveis, que mereciam uma série de experiências e conceituações teóricas de acordo com as mais recentes descobertas científicas.¹⁸ Entretanto, diversos cientistas não se convenceram da origem espiritual dos fenômenos.

¹⁶ Allan Kardec na parte introdutória de *O Livro dos Espíritos* justifica a criação dos termos Espiritismo e sua diferenciação Espiritualismo: “Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*. Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: *Filosofia espiritualista*.”.

¹⁷ SILVA, E.M. op. cit. pp. 18-72.

¹⁸ *ibid.*

Para Arthur Conan Doyle as descobertas conduziriam a uma grande transformação e seriam capazes de levar os homens a uma existência mais espiritualizada:

“Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até a evidência por todos que não têm o cuidado de estudá-los, em si nada valem, o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato.”¹⁹

A essa altura, a nova doutrina já contava com inúmeros adeptos na França. No meio intelectual e científico, as opiniões se diversificavam. Não só na França, como em outros lugares da Europa e nos Estados Unidos, os fenômenos espíritos foram objeto de constantes estudos e pronunciamento dos cientistas e intelectuais: uns reconhecendo a realidade dos fenômenos, outros deslegitimando-os enquanto fraudes voluntárias ou involuntárias de seus protagonistas.²⁰

1.5 - Os Primeiros Confrontos

O Espiritismo não escapou de contundentes críticas proferidas pela Igreja, imprensa, intelectuais e juristas.

A nova doutrina, que difundia o princípio da pluralidade das existências e dos mundos habitados, da lei de causa e efeito, e do progresso espiritual, foi transformando-se numa heresia.²¹

¹⁹ DOYLE, A. C. A Nova Revelação. Rio de Janeiro: FEB, 1980. p. 64

²⁰ GIUMBELLI, E. O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 59

²¹ DAMAZIO, S. F. op. cit. pp. 53-79.

A reação da Igreja não se fez esperar e, em 1861, trezentas obras espíritas foram queimadas em praça pública, conhecida como o auto de fé de Barcelona. Este foi o ataque mais grave à doutrina, mas não o único. Nas igrejas multiplicaram-se os sermões, e nos jornais, os artigos. Para a Igreja, a fenomenologia espírita, quando não fraudulenta, seria provocada por demônios e, por isso, devia ser severamente combatida.

O movimento foi duramente atacado pela imprensa e Igreja Católica, que não hesitou em fazer constar do *Index*, a partir de 1864, todas as obras espíritas. A imprensa, de quando em quando, estampava anedotas e “charges” sobre o fenômeno das mesas girantes.²²

Uma grande dificuldade enfrentada pelos espíritas no setor jurídico foi o chamado “Processo dos Espíritas”. No início da década de 1870 começaram a surgir em Paris as chamadas “fotografias espíritas”, ou seja, retratos de pessoas encarnadas, junto às quais apareceriam, mais nítidos ou menos nítidos, seres desencarnados. Eram obtidas nos Estados Unidos e na Inglaterra.

As fotos despertaram grande interesse da parte do público e a “*Revue Spirite*”, a essa altura sob a gerência de Pierre-Gaëtan Leymarie, passou a importá-las para atender às inúmeras solicitações de seus assinantes.

Por essa ocasião surge em Paris um fotógrafo chamado Édouard Buguet, que estava conseguindo fotos, nas quais apareciam “espíritos”, com a sua mediunidade. Leymarie resolveu investigar os fatos, contando com a ajuda de pessoas credenciadas pelo seu conhecimento em fotografia ou em ciência que lhes permitissem formular um juízo seguro acerca dos fenômenos produzidos por Buguet.

²² Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano 1861. pp. 337, 340 e 404 & ARAIA, E. Espiritismo. Doutrina de fé e ciência. São Paulo: Ática S.A., 1996. pp. 46-9.

Convencido da autenticidade dos fatos, acreditou encontrar no fotógrafo um ato simples de mediunidade.

Em 1875, o Ministério Público francês instaurou um processo por fraude contra o fotógrafo Buguet, seu assistente Firman e contra o responsável pela “*Revue Spirite*”, Leymarie. Os acusados tiveram destinos diferentes. Buguet, preso durante meses, confessou que tudo não passava de fraude e conseguiu transferir-se para a Bélgica, onde estabeleceu residência. Firman, através da intervenção de altas personalidades, obteve a liberdade. Leymarie, condenado, só depois de cumprida a pena foi reconhecido inocente, o que se verificou após o ministro da justiça haver recebido uma carta de Buguet declarando que Leymarie desconhecia os processos fraudulentos utilizados na obtenção das fotos.²³

Apesar das inúmeras perseguições e de outras formas de pressão exercidas pela Igreja Católica e por diversos setores da sociedade, a doutrina espírita firmou-se na França e em outros países, notadamente, no Brasil²⁴.

1.6 - A Chegada do Espiritismo ao Brasil

No século XIX o Brasil estreitou os laços que o ligavam à França, centro cultural mais procurado pela elite brasileira em busca de diploma. Segundo Sylvia Damazio, no plano intelectual foi criado um movimento ilustrado que acreditava no poder absoluto das idéias; tinha total confiança na ciência e a certeza de que a

²³ Muitas dezenas de pessoas, de diferentes países europeus, atestaram que Buguet era médium e fotografias mediúnicas verdadeiras foram obtidas por ele. Mas o médium serviu-se várias vezes, quando nada conseguia com a sua mediunidade, da fraude. Na carta dirigida ao ministro da justiça, declarava Buguet, num certo ponto: “*Lastimo, pois, haver dito, na minha fraqueza, o contrário da pura verdade, renunciando eu a minha mediunidade, e peço perdão a Deus por este ato que deploro, pois este serviu para incriminar um homem estimável, cuja boa-fé se tornou suspeita com as minhas afirmações*”. in: LEYMARIE, M.P.G. Processo dos Espíritos. Tradução: FEB, Rio de Janeiro: 1976. pp. 21-39.

²⁴ DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 53-77.

educação intelectual seria o único caminho para melhorar o homem e dar-lhe um destino moral.²⁵ Em síntese, buscava-se a colocação do país ao “nível do século”.

(...) estes homens buscaram instrumentos capazes de integrar-nos, de vez, na grande comunidade euro-americana; ao invés de se entregarem a uma suposta realidade brasileira, procuravam criá-la pela ação educativa da lei, da escola, da imprensa, do livro. (...) Certamente, (...) as idéias que triunfam são exatamente aquelas que melhor servem ao propósito de integração do país na cultura ocidental, confundida com a humanidade; são as doutrinas que nos trazem uma filosofia progressista da história e que dão um sentido ecumênico aos acontecimentos que se verificam no país²⁶

O Espiritismo foi introduzido no Brasil exatamente neste momento em que várias outras correntes de idéias, originárias da Europa, invadiam a intelectualidade nacional. Por volta de 1870, três vertentes dominavam o panorama intelectual: uma “cientificista”, fascinada com a leitura de manuais de positivismo e evolucionismo; outra “liberal”, associada à afirmação do princípio da liberdade humana e das bandeiras políticas do republicanismo e do abolicionismo; e outra, “conservadora”, dominada fundamentalmente pelo pensamento católico. O interessante é que os partidários do espiritismo, formados do mesmo modo sob o influxo de idéias estrangeiras, mantiveram relações com personagens e saberes associados a cada uma dessas vertentes: como os maçons, os espíritas identificaram-se com as causas abolicionistas e republicanas; dialogaram com a “ciência” dos modernos esculápios; e posicionaram-se contra as doutrinas e as instituições católicas.²⁷

De início, a receptividade foi maior na corte, entre grupos de imigrantes franceses com prestígio econômico, social e cultural, constituídos, em grande parte,

²⁵ ibid. & CAVALCANTI, M. L. V. de C. O Espiritismo. in: Cadernos do ISER. n° 23, 1990. pp. 147-55.

²⁶ BARROS, R.S.M. A Ilustração brasileira e a idéia de Universidade. São Paulo: Convívio/Edusp, 1986. p. 13.

²⁷ GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 60-1

de professores, jornalistas e comerciantes. Dentre os introdutores do Espiritismo no Brasil destacam-se Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert e Madame Collard. A posição social de relevo dos novos adeptos e a discrição com que realizavam as suas sessões, fizeram com que não despertassem oposição. A Igreja, preocupada sobretudo com a investida protestante, mostrou-se tolerante e até curiosa. Por outro lado, passando o entusiasmo inicial, o interesse do grupo francês pela novidade arrefeceu.²⁸

Na Bahia o Espiritismo instalou-se de forma mais firme e organizada. Foi lá que se formou o primeiro centro espírita de que se tem notícia, o Grupo Familiar do Espiritismo, fundado em 1865, sob a direção de Luís Olímpio Telles de Menezes. Se não chegou a popularizar-se nessa época, não há dúvida de que a nova doutrina conquistou simpatizantes e praticantes a ponto de sofrer as primeiras repressões por parte da Igreja.

Telles de Menezes, professor e jornalista, foi quem traduziu o primeiro livro espírita a ser impresso no país e quem fundou o primeiro periódico espírita brasileiro, denominado *O Echo d'Além Túmulo*.²⁹ Em torno dele organizou-se um grupo composto por elites intelectuais da sociedade baiana:

“Havia aristocratas, como Francisco Antônio da Rocha Pita e Argolo, Visconde de Passé, filho do Conde Passé, considerado o homem mais rico do Brasil de então, e o Barão de Saruípe. Médicos (...) e até um delegado de polícia.”³⁰

²⁸ ARAIA, E. op. cit. pp. 97-117.

²⁹ FERNANDES, M. ° Luiz Olympio Telles de Menezes – Os Primeiros momentos da edição Kardecista no Brasil. São Paulo: 1993. 190 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – USP. & WANTUIL, Z. Grandes espíritas do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1969. pp. 563-90.

³⁰ MACHADO, U. Os Intelectuais e o espiritismo. De Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Antares, 1993. p. 83.

Contando com a receptividade dos notáveis da sociedade baiana, o grupo propagador da doutrina, liderado por Telles de Menezes, passou a desenvolver campanha para conquista de novos adeptos. Foi por essa época que o grupo intensificou a divulgação do Espiritismo. A propaganda utilizava todos os meios disponíveis, da conversa pessoal ao artigo em jornais.³¹

1.7 - O Espiritismo num País Católico

Por muitas décadas, desde sua chegada ao Brasil, o Espiritismo cresceu num ambiente predominantemente católico, ultramontano e romanizador.

As relações entre a hierarquia católica e a administração do Império eram tensas na segunda metade do século XIX. De toda parte eclodiam conflitos, quando setores da Igreja resistiam ao que consideravam ingerência do governo civil nos assuntos eclesiásticos, culminando na Questão Religiosa (1872-1875). No entanto, o catolicismo continuava usufruindo dos privilégios de ser a religião oficial do país, estabelecido pela Constituição de 1824.³²

Entretanto o catolicismo não era a única religião aqui admitida. A Constituição também abriu, com restrições, a possibilidade de instalação de outros credos. Essa organização deveria apresentar-se de forma discreta, realizando suas práticas em lugares sem identificação externa e evitando a expansão por proselitismo.

A introdução do Espiritismo, e dos preceitos pregados por este, originou uma situação bem diferente: ocorreu na população branca, de classe dominante, nos mais poderosos centros políticos e administrativos do país (Salvador e Rio de Janeiro).

³¹ DAMAZIO, S. F. *op. cit.* pp. 66-7.

³² VIEIRA, D. G. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1980. & SANTOS, J.L. *Espiritismo. Uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997. pp. 12-7.

Em certo sentido representava uma ameaça aos valores estabelecidos³³. Apesar de inicialmente os espíritas interpretarem o espiritismo como uma espécie de complemento para as verdades católicas e não um meio para destruí-las, representando, doutrinariamente, um progresso em relação ao catolicismo, pela revelação de coisas até então ocultas ao homem, o clero ressentiu-se fortemente dessa interpretação³⁴.

A Igreja reagiu duramente ao processo de transformações sociais do século XIX, que buscava minar suas bases e separá-la definitivamente do Estado.³⁵ Seguindo uma tendência internacional, empreendeu uma reorganização interna conhecida como romanização do clero. A romanização buscou o fortalecimento da Igreja como instituição, dando início a um movimento de condenação aos chamados “erros modernos”: o progresso, o racionalismo, o liberalismo, a liberdade religiosa, o naturalismo, o socialismo, o matrimônio civil e a liberdade de ensino. Dois marcos importantes dessa reação da Igreja foram o lançamento pelo Papa Pio IX do “Syllabus dos principais erros de nossa época” e a proclamação da infalibilidade papal. Seu plano de ação assumiu um efeito dúbio, pois à medida que lançava projetos para resguardar seus princípios era vista como “obscurantista”, contrária ao progresso e à civilização moderna³⁶.

Segundo Enrique Dussel, a Igreja via nesses movimentos uma ameaça à sua autoridade no espaço religioso. Era o enfrentamento de várias propostas religiosas em busca da hegemonia.³⁷

³³ SANTOS, J.L. op. cit. pp. 12-7.

³⁴ MACHADO, U. op. cit. p. 108.

³⁵ MENDONÇA, A. G. & FILHO, P. V. Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990. 276p.

³⁶ BARATA, A. M. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). LOCUS, Revista de História. Juiz de Fora: NHR/UFJF. Vol. I, nº. 1, 1995. pp. 125-42. & FAUSTINO, E. O Catolicismo em São Paulo no Segundo Império e o “Dilema da Modernidade”. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) – USP. pp. 55-114.

³⁷ DUSSEL, E. “Tensiones En El Espacio Religioso: Masones, Liberales Y Protestantes En La Obra De Mariano Soler (1884-1902)”. in: Protestantes, Liberales y Francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, Siglo XIX. Compilador Jean-Pierre Bastian. México: Fondo de Cultura Económica, 1990. op. cit. pp. 24-38.

O arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, revelou-se preocupado com um fenômeno muito comum na sociedade brasileira: a manifestação dos “espíritos”. Até então, o fato não passava de superstição, mas com o reconhecimento do fenômeno e sua propaganda pelos espíritas, o fato adquiriu dimensão social.

A invocação dos mortos, praticada nas senzalas e ao ar livre, agora estava sendo sacramentada pelos espíritas e ameaçava invadir a casa grande. O mais singular é que o fenômeno passou, sem transição, de prática das classes mais baixas da sociedade, escravos e libertos, para as classes mais elevadas, que foram aquelas que, inicialmente, revelaram interesse pelo Espiritismo. Isso poderia provocar uma série de mudanças de valores, ameaçando solapar a fé católica do povo brasileiro.³⁸

D. Manoel Joaquim, advertindo os seus diocesanos “contra os erros perniciosos do Espiritismo”, redigiu uma *Pastoral* :

“Nesta Capital publicou-se um pequeno livro com o título – *Filosofia Espiritualista – o Espiritismo* – cujas perniciosas doutrinas, contra toda a expectativa, têm tomado incremento, pondo-se em prática certas superstições perigosas e reprovadas, que estão no domínio do público, e no interesse da vossa salvação, amados Filhos, Nós julgamos conveniente dirigir-vos esta Carta Pastoral, para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e contra as superstições, que segundo as doutrinas nele contidas se estão praticando, como se Nos tem informado, e do que já não é possível duvidar.”³⁹

Os argumentos da *Pastoral* já haviam sido fartamente empregados pelo clero europeu em seu combate a Kardec. A grande preocupação do arcebispo era resguardar a sociedade baiana da disseminação da nova doutrina. Para isso,

³⁸ MACHADO. U. op. cit. pp. 84 -5.

³⁹ D. Manoel Joaquim da Silveira. Carta Pastoral. in: MACHADO, U. op. cit. p. 84

nenhuma arma lhe pareceu mais eficiente que antepor às teorias espíritas, os dogmas da Igreja, tal como se procedia na Europa⁴⁰.

A confrontação entre o movimento espírita e a Igreja Católica, que a organização do espiritismo na Bahia revelou, permaneceu até o final do Império e prolongou-se após a Proclamação da República.

No âmbito estritamente religioso das últimas décadas do século XIX, era o espiritismo a ameaça religiosa mais visível para a hierarquia católica.⁴¹

No entanto, apesar de todo o empenho da Santa Sé, dos bispos brasileiros e do influente grupo ultramontano, desacreditando, excomungando e classificando as novas expressões de religiosidade como fraudulentas ou provocadas por demônios, parte das elites intelectuais e políticas, assim como o povo, continuaram a adotar as doutrinas e/ou práticas condenadas pela Igreja, apesar de não afrontá-la diretamente e permanecerem prestigiando a religião oficial. Diante disso, o brasileiro acostumou-se a incorporar e combinar as mais variadas doutrinas sem que isso implicasse a renúncia da sua condição de membro da Igreja Oficial. Mas, por outro lado, o desejo de ser “moderno” e possuidor de “espírito científico”, juntamente com a constante busca de explicação do destino transcendente da humanidade, permitiu a aceitação das novas correntes de pensamento, como também das práticas ditas ‘científicas’, algumas penetrando no domínio religioso.⁴² Para Cândido Procópio, embora a cultura brasileira seja naturalmente complexa, orientando-se também por valores estritamente racionais e profanos, não seria exagerado afirmar que a solução sacral para a orientação da vida assume, entre nós, uma importância considerável. A capacidade de poder combinar valores éticos internos, organizados de modo

⁴⁰ MACHADO, U. op. cit. pp. 84-5.

⁴¹ SANTOS, J.L. op. cit. pp. 13-4.

⁴² DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 53-77.

racional, com o estilo sacral de interpretação da vida, é uma das principais razões do sucesso do Espiritismo.⁴³

1.8 - A Volta ao Rio de Janeiro

O nascente movimento espírita da Bahia pela ação de seus membros e pela repressão que acarretou, chamou a atenção do restante do país e ajudou a divulgação do Espiritismo, especialmente na Corte. Formaram-se grupos familiares de estudos voltados para a apreensão do conteúdo filosófico da doutrina e, logo, para a prática da caridade, expressa na forma de assistência as necessitados.

Em 1873 organizava-se um grupo pioneiro de estudos espíritas no Rio de Janeiro – Grupo Confúcio -, que formou a base sobre a qual se levantaria a Federação Espírita Brasileira (FEB) uma década mais tarde. O grupo organizou a tradução das obras de Kardec para o português, contribuindo decisivamente para a expansão da doutrina.

Foi no Grupo Confúcio que começaram a se delinear correntes dentro do movimento espírita. A denominada “científica” privilegiava a parte experimental - a dos fenômenos mediúnicos; o “Espiritismo Puro” era uma corrente formada por aqueles que davam destaque à ciência e a doutrina filosófica reveladas, renegando em segundo plano seu desdobramento religioso, calcado nos Evangelhos; uma terceira, a “mística” de orientação evangélica, considerava toda a obra de Kardec e enfatizava a prática da caridade.⁴⁴

⁴³ CAMARGO, C.P.F. de. Kardecismo e Umbanda. Uma Interpretação Sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961. p. 112.

⁴⁴ DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 101-47. & SOUZA, J.B de. O Centenário do Reformador. Reformador. Ano 100. Rio de Janeiro : FEB, n. 1845, 1982. pp. 8-12.

Nessa época, a Igreja voltava a intensificar suas críticas, em especial através da imprensa. As sociedades religiosas, para garantirem seu pleno funcionamento, deveriam possuir a aprovação governamental quanto à parte espiritual. Assim, essas primeiras Sociedades Espíritas apresentavam-se como Literárias, Benéficas ou Científicas, pois assim não necessitavam de aprovação oficial.⁴⁵

Em resposta às perseguições, o fotógrafo Elias da Silva tomou a iniciativa de fundar um periódico espírita no Rio de Janeiro com o objetivo de abrir um novo espaço para a luta ideológica que se travava.⁴⁶ Em 1883 foi lançado *O Reformador*, com publicação quinzenal. No primeiro número, o artigo de fundo definia as diretrizes pacificadoras dos conflitos entre os próprios espíritas, num esforço evidente de conjugar esforços para a consolidação do espiritismo no Brasil. Longe de circunscrever sua atuação ao âmbito religioso, *O Reformador* veiculava artigos, defendendo reformas sociais e políticas consideradas essenciais.⁴⁷ Assim, no mesmo instante em que respondia aos ataques das autoridades eclesiásticas e tentava manter coesos os grupos espíritas, posicionava-se perante as questões cruciais da época, tais como a liberdade religiosa e a abolição da escravatura.⁴⁸

Inicialmente, a tiragem era muito pequena, de 300 a 400 exemplares, e a maior parte era distribuída gratuitamente. Mas, com o tempo, a publicação foi se ampliando, chegando a ser remetida até para o exterior, principalmente para Portugal. Uma demonstração das dimensões alcançadas pelo *O Reformador* pode ser constatada nos Anais da Biblioteca Nacional, onde aparece como um dos quatro periódicos que surgiram no Rio de Janeiro entre 1908 a 1980 e que existe até hoje. Com exceção do *Diário Oficial*, *O Reformador* é o único que jamais teve interrompida a sua publicação desde o seu lançamento.⁴⁹

⁴⁵ FREITAS, W. Primeira sociedade espírita no Brasil - 1865. *Reformador*. Ano 83, Rio de Janeiro : FEB, 1965. pp. 13-22.

⁴⁶ DAMAZIO, S.F. op. cit. p. 112.

⁴⁷ SOARES, S.B. Um grande ano. *Reformador*. Ano 75, Rio de Janeiro, n.1, jan. 1957. pp. 5-6. & SOUZA, J.B. op. cit.

⁴⁸ DAMAZIO, S.F. op. cit. p. 112. & SOARES, S.B. op. cit.

⁴⁹ SOUZA, J.B. op. cit.

O *Reformador* defendeu a criação de um centro formado por representantes de todos os grupos visando a união de esforços para enfrentar as constantes críticas. Para isso, um pequeno grupo se reuniu e decidiu fundar uma sociedade que pudesse congrega todos os grupos através de um programa misto, passível de ser aceito por todos. No dia 2 de fevereiro de 1884 foi eleita e empossada a primeira diretoria da Federação Espírita Brasileira. Damazio afirma que "A fundação da FEB resultou da conscientização de vários espíritas - no sentido atual, globalizante - da necessidade de conjugar esforços para a preservação do espiritismo no país, enfraquecido, internamente, pelas subdivisões doutrinárias, e atacado pela igreja oficial".⁵⁰

A FEB inicia o processo de unificação do movimento espírita brasileiro, visando acelerar a expansão da doutrina. Para tanto, desenvolveu vários projetos na área literária, propiciando maior penetração da temática espírita em meio à população brasileira. Com esse objetivo, a FEB assume a direção da Revista *Reformador*, que acabou se consolidando como porta-voz da Federação.⁵¹

1.9 - Literatura e Espiritismo

A doutrina espírita foi codificada em livros e textos de natureza variada, sobretudo obras concebidas "psicograficamente", através de um médium que escreve mensagens, poesias e textos literários. A partir dos anos 30 um intenso movimento literário espírita dessa natureza implantou-se através de inúmeras editoras, voltadas para a divulgação do espiritismo.

A literatura de natureza psicográfica é a marca do movimento espírita. Sem dúvida, o mais importante representante deste movimento literário é Francisco

⁵⁰ DAMAZIO, S.F, op. cit. pp. 101-47.

⁵¹ SOUZA, J.B. O Centenário da FEB. OS Primeiros anos do século XX. Reformador. Ano 102, Rio de Janeiro, n. 1858, jan. 1984. pp. 7-12.

Cândido Xavier (1910-) que, em seu trabalho de psicografia, já produziu os mais diferentes textos: poesia, contos, romances, trabalhos científicos e filosóficos, depoimentos e mensagens de pessoas falecidas.

A literatura espírita apresenta uma característica interessante, pois a autenticidade dos fatos e das mensagens espirituais não possui um valor real para o público leitor. Apresentando uma visão otimista de vida – espiritual e material –, dotando o homem de capacidades ilimitadas para (re)construir seu próprio destino, torna-se extremamente atraente. Junte-se a isso o fato de procurar conjugar ciência, história e espiritualidade, dando sentido ao cosmos e à vida⁵².

Uma das figuras de maior destaque no processo de unificação do movimento espírita no Brasil foi Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), o grande divulgador e um importante teórico do espiritismo brasileiro. Médico, político liberal da Câmara Municipal da Corte e da Câmara dos Deputados, provocou grande impacto, que se propagou pelos meios políticos, católicos e médicos, ao declarar sua adesão ao espiritismo em 1886, após a leitura de *O Livro dos Espíritos*.

No Rio de Janeiro, espíritas e assuntos espíritas conseguiram angariar certo acesso à imprensa – parte da qual estava comprometida com a crítica ao conservadorismo católico. Após a sua conversão, Bezerra protagonizou o mais importante episódio de divulgação de idéias espíritas, através da imprensa convencional, escrevendo artigos espíritas, durante dez anos, sob o pseudônimo de Max, em três importantes jornais brasileiros. Inicialmente, no jornal *O Paiz*, que possuía a maior tiragem do Brasil, e posteriormente no *Jornal do Brasil* e na *Gazeta de Notícias*.

⁵² SILVA, E.M. Fé e Leitura: A Literatura Espírita e o Imaginário Religioso. Gêneros de Fronteira. Cruzamentos, entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997. pp. 295-300

Convidado a presidir a FEB, cargo que ocupou por duas vezes, Bezerra aceitou o convite com o propósito de tentar a aproximação de todos os grupos existentes. Seu principal objetivo era congregar estudo, orientado no sentido da doutrinação popular, manifestações mediúnicas e a prática da assistência aos necessitados.⁵³ Aos poucos, os grupos espíritas foram se filiando à FEB, aumentando cada vez mais o número de participantes em suas palestras e conferências, apesar de vários períodos de instabilidade e constantes divisões internas.⁵⁴ Uma instituição que entrou em intensos conflitos com a FEB foi a "Liga Espírita do Brasil", fundada em 1926, com a proposta de ser uma nova entidade federativa nacional. Esse conflito perdurou até 1949, ano da realização do "Pacto Áureo", quando a Liga transformou-se em unidade federativa estadual. Apesar de eventualmente ressurgirem propostas de criação de outras entidades federativas nacionais, nenhuma alcançou a projeção necessária para ameaçar a FEB.

1.10 - O Espiritismo e a Sociedade:

O movimento espírita contava com a participação ou simpatia de médicos, advogados, militares, além de membros do Executivo e Legislativo. Também, muitos dos republicanos, abolicionistas e maçons desse período eram ou tornaram-se espíritas, como: Bittencourt Sampaio, Otaviano Hudson, Antônio da Silva Neto, além dos simpatizantes Saldanha Marinho e Quintino Bocaiúva, envolvidos nas reivindicações sociais e liberais dessa época.⁵⁵

Nas décadas finais do século XIX, a ajuda que a maçonaria dispensou aos espíritas foi muito grande. Havia uma grande integração de ideais, como podemos perceber no discurso de Quintino Bocaiúva:

⁵³ KLEIN FILHO, L. org. Bezerra de Menezes. Fatos e Documento. Niterói: Lachâtre, 2000. & WANTUIL, Z. Grandes Espíritas do Brasil. op. cit. pp. 225-43. & SANTOS, J. L. op. cit. pp. 17-29.

⁵⁴ DAMAZIO, S.F. op. cit. p. 114.

⁵⁵ SILVA, E.M. op. cit. p. 194.

(...) se nós nos limitássemos a fazer a caridade, a dar pensões, a ser sociedade de beneficência, cairíamos no ridículo de uma organização tão complicada e tão aparatosa, com cerimonial tão minucioso de palavras, sinais, toques e passos, com sessões noturnas secretas, tão prolongadas, para fins tão insignificantes plenamente preenchido, sem tantas formalidades, por quantas associações, que se acham, para esse fim, estabelecidas entre nós. (...) A Maçonaria é uma associação altamente política. Mas qual é esse política? (...) Política é a arte de educar o povo e dirigi-lo nas vias do progresso e do engrandecimento, até a consecução dos seus fins no seio da humanidade. É isto que nós Maçons chamamos de *alta política*; tal qual delineada na nossa constituição. (...) A nossa política, tão grande como a nossa instituição, é aquela que nos faz amar o *cristianismo*, e detestar o *jesuitismo*; que nos impele a estudar e ouvir os *socialistas* e rebater os *anarquistas*; que nos obriga a aceitar e manter a *República* e repelir a *monarquia*; que nos dá a diferença profunda entre *jacobinismo* e *patriotismo*; pois este é um sentimento de amor, e é aquele um mau sentimento de ódio, contrário ao nosso lema de fraternidade universal, dos homens e dos povos.⁵⁶

Espíritas e maçons defendiam o engajamento de seus membros no processo de “revolução pacífica” de transformação social, defendendo que as mudanças institucionais fundamentais deveriam ocorrer sem convulsões, dentro da ótica da revolução das idéias. Para isso, era necessário trabalhar pelo melhoramento material e moral e pelo aperfeiçoamento intelectual e social da humanidade.

Os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX presenciaram uma atividade mais efetiva dos maçons no que concerne à construção e financiamento de uma ampla rede de escolas primárias e de bibliotecas (instrumento mais sólido utilizado para a divulgação das suas idéias), na imprensa e no Parlamento. Na busca pelo aperfeiçoamento moral do homem, através do desenvolvimento de uma consciência mais fraterna, acabou constituindo-se num importante instrumento para a prática da filantropia e da beneficência, construindo e financiando asilos, orfanatos

⁵⁶ Ver: Boletim do Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro, 2293-40: 144, maio-jun/1897. in: BARATA, A.M. op. cit.

e hospitais. Seu programa era disseminar o abolicionismo; a educação livre e racional; promover a instituição do casamento e do registro civil e a absoluta liberdade de culto. Tais reformas nada mais são do que “corolários da liberdade de consciência e da tolerância”.⁵⁷

Essa constante integração e auxílio mútuo entre espíritas e maçons despertou constantes críticas por parte da Igreja. Foram vários sermões, pastorais e alguns livros visando ao esclarecimento da sociedade. Podemos detectar essa aliança e sua constante crítica nas palavras do padre Bento José Rodrigues:

O *espiritismo* gloria-se de andar de braço dado com a *maçonaria* e o chamado *livre-exame*; auxiliam-se reciprocamente e fazem gala de se proporem o mesmo *fim* pelo emprego dos mesmos *meios*, que dizem ser: “a libertação da humanidade sobre as ruínas do catholicismo”. Assim mesmo! Pois bem, a História devidamente documentada porá em plena evidência que os *benefícios* prestados á humanidade pela *maçonaria* e *livre-exame* são: Ter insubordinado os soberanos, as classes trabalhadoras contra os capitalistas e por ultimo as nações desnorteadas umas contra as outras. Foi o *liberalismo maçônico*, que espalhou por toda a parte os principios subversivos da ordem social; que perverteu idéias, e desnortando as cabeças diffundiu a corrupção dos costumes. (...) Que bellos feitos os da *maçonaria*, fiel alliada do *espiritismo*!...⁵⁸

A tolerância religiosa dos liberais também foi fundamental para a divulgação do espiritismo, principalmente quando abriram as colunas de vários jornais do país para que os espíritas pudessem rebater os ataques do catholicismo ultramontano, por ocasião das grandes querelas entre a ortodoxia católica e os defensores da nova doutrina.

⁵⁷ BARATA, A.M. A Maçonaria e a Ilustração Brasileira. Manguinhos. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, vol. I. Jul-Out/1994. pp. 78-99.

⁵⁸ RODRIGUES, B.J. Catecismo Anti-Spirita. São Carlos: Typ Artística, 1919. p. 219.

Interessante notar que muitas pessoas inclinadas ao espiritismo não conseguiam abandonar definitivamente suas crenças, uns, devido à herança moral-familiar católica, outros, por temer o desajuste social e as perseguições do clero. O medo de ver a sua credibilidade pessoal, psíquica e profissional posta em dúvida dificultou a adesão de alguns novos prosélitos⁵⁹.

No entanto, embora a receptividade da doutrina espírita, nos meios intelectuais e científicos da época, tenha crescido, encontrou também algumas barreiras e opositores importantes.

1.11 - Novos Focos de Conflito e a Consolidação do Movimento

A partir de 1870 começam a intensificar-se as práticas terapêuticas, cujos personagens principais foram os “médiuns receitistas”. Sua presença pode ser constatada em vários momentos, através das menções feitas pelos espíritas e por vários jornais da época, tornando-os responsáveis por boa parte da popularidade e das imagens associadas ao espiritismo no Rio de Janeiro.

O “médiun receitista” era o indivíduo que, inspirado por um “espírito”, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento, na maioria das vezes,

⁵⁹ MACHADO, U. op. cit. pp. 103-27.

homeopático. O povo valorizou, sobretudo, a união da homeopatia e do espiritismo.⁶⁰

O saber médico, ainda em fase de estruturação, devido à fundação das primeiras escolas de medicina e o pouco acesso da grande maioria da população a esses profissionais contribuíram para que os curandeiros, barbeiros, benzedeiras, etc., continuassem a desfrutar de um vasto número de clientes, como também abriram margem para que outras formas de alívio à doença surgissem, com o objetivo de contestá-la.⁶¹

A homeopatia havia sido introduzida no Brasil no começo da década de 1840 pelo francês Benoit Mure, que fundou, em 1843, no Rio de Janeiro, o Instituto Homeopático do Brasil. Atacada por vários médicos, a homeopatia ganhou alguns adeptos e logo passou a se disseminar pelas classes populares. A homeopatia constituiu-se num dos principais precursores da “mediunidade receitista”, legando-lhe os meios terapêuticos.⁶²

⁶⁰ A Homeopatia é uma doutrina médica alternativa criada por Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, médico alemão que viveu de 1755 a 1843. Profissionalmente conceituado, Hahnemann insurgiu-se contra os postulados básicos e os métodos de terapia da medicina de seu tempo, em que os tratamentos à base de sangrias, ventosas e outras formas tóxicas violentas, e a ingestão de medicações sintomáticas como os vomitivos, diuréticos, hipnóticos, etc. compunham uma prática, o mais das vezes, perigosa para o paciente. Em 1789, afastou-se da medicina e voltou a fazer traduções, nesta fase, de obras científicas. Lendo, traduzindo, meditando, foi as poucas compondo um corpo doutrinário no campo da medicina, ao qual incorporou noções metafísicas – como a de fluido universal e energia vital – à prática de cura dos semelhantes pelos semelhantes, princípio antigo, expresso no aforismo *Similia similibus curantur* (curam-se os semelhantes pelos semelhantes). O estado de saúde seria aquele em que o funcionamento do corpo e do espírito se fizessem harmoniosamente, em equilíbrio com a força vital; o estado de doença, a perda da harmonia. Os remédios homeopáticos agiriam no campo energético vital do paciente, reequilibrando-o e, conseqüentemente, restabelecendo a saúde do organismo afetado. Após o advento do Espiritismo, tornou-se comum a prática da caridade pelo atendimento médico homeopático aos necessitados. Entende-se a opção pela homeopatia por parte dos espíritas, se atentamos para a semelhança existente entre os conceitos de Hahnemann e os de Kardec. Naturalmente, para os espíritas – assim como para os espiritualistas em geral –, o princípio espiritual apontado por Hahnemann é o espírito criado por Deus, transcendente e eterno. A força vital tem sua equivalência na noção de perispírito de Kardec, que é a de um organismo fluídico que relaciona o corpo e o espírito, passível de ser afetado por agentes imateriais, também fluidicos. Os conceitos de saúde e de doença são igualmente equivalentes. Por essa proximidade filosófico-conceitual, a homeopatia foi adotada pelos espíritas como forma preferencial de tratamento de saúde, e se constituiu em veículo para a prática da caridade. Ver: DAMAZIO, S.F. op. cit. p. 79-100. & GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 76-7.

⁶¹ SILVEIRA, G. R. Utopia e Cura: A Homeopatia no Brasil Imperial (1840-1854). Campinas: 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp. p. 9.

⁶² *ibid.* & WARREN, D. A terapia espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900. in: Religião e Sociedade. Dez: 1984. pp. 56-84. – A medicina espiritualizada: a homeopatia no Brasil do século XIX. in: Religião e Sociedade. Mar: 1986. pp. 88-107.

Apregoando os princípios da doutrina hahnemanniana e ministrando a nova terapêutica, Mure alcançou, em pouco tempo, notável sucesso clínico. A explicação para a rápida aceitação popular da doutrina era oferecida pelo francês, que definia a homeopatia como um conhecimento capaz de medicar eficientemente qualquer enfermo, procedendo assim a “curas maravilhosas”. Mais do que isso, é necessário levar em conta que a população carioca de então estava sensível a qualquer inovação da modernidade européia e, também, o fato que a terapêutica homeopática era extremamente suave, se comparada aos métodos alopáticos, dos quais nunca estavam ausentes os purgativos, as sangrias e as sanguessugas. Além disso, Mure empenhou-se em atender a todos que o procurassem, pouco preocupando-se em ser remunerado pelos seus serviços e pelos medicamentos ministrados.⁶³

Os ataques ao Espiritismo, de início, por conta do ultramontanismo católico e dos cientistas materialistas, tomaram novos rumos com a crescente popularidade da medicina homeopática exercida pelos médicos espíritas, médiuns e do curandeirismo popular. Por pressão do clero, mas sobretudo dos positivistas e dos médicos (em especial dos psiquiatras), os legisladores criaram o novo código criminal e seus artigos 156, 157 e 158 que passavam a criminalizar as práticas espíritas:

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. (...)

Parágrafo 1º Se, por influência, ou por consequência de qualquer desses meios, resultar ao paciente privação ou alteração, temporária ou permanente, das faculdades psíquicas. (...)

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária, ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo leis e regulamentos. (...)

⁶³ BERTOLLI FILHO, C. Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social. Revista de Homeopatia. vol. 55. n°. 3. Jul-ago/1990. pp. 72-8.

Art. 158. Ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo, assim, o ofício do denominado curandeiro. (...)

Esses artigos estavam inseridos sob o título “Dos crimes contra a tranqüilidade pública”, no capítulo “Dos crimes contra a saúde pública”. A maioria dos “médiuns receitistas” poderia, ser enquadrada nos três artigos: indivíduos sem habilitação profissional (art.156), que se propunham a curar através do “espiritismo” (art.157), prescrevendo medicações homeopáticas (art.158).

O Espiritismo seria um crime de consequências públicas, como o são as falsificações de documentos, os incêndios e atentados contra meios de comunicação e transporte, a alteração de medicamentos e falsificação de comestíveis. Todos estes crimes atingiam diretamente a coletividade. Eram considerados perigosos pelos danos já causados, como a possibilidade de vir a causá-los a outrem.

Na época de sua publicação, esses artigos provocaram polêmicas. Muitos juristas o consideraram inconstitucional, ferindo os direitos expressos na Constituição de liberdade de crença. Mas ele foi defendido por figuras importantes do Direito e da Medicina brasileira, como Nina Rodrigues, Duarte de Azevedo, entre outros.

A reação dos espíritas ligados à FEB foi imediata, através da veiculação de artigos no **Reformador** e nos jornais. Os textos foram redigidos com o fim de prestar esclarecimentos sobre o estado e a natureza do Espiritismo, tentando distingui-lo da magia e da feitiçaria a partir do “estatuto científico” conferido ao Espiritismo por seus defensores. Para eles, a nova doutrina negaria a superstição, sustentando apenas o que a observação e os processos científicos aprovavam.⁶⁴

⁶⁴ GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 79-84.

Os protestos dos espíritas, embora não tenham levado a nenhuma modificação no código penal, mereceram uma resposta do conselheiro João Batista Pereira, redator do código penal, publicada no *Jornal do Comércio*:

“Sabemos respeitar a liberdade de crenças (...). Não discutimos espiritismo e menos censuramos aqueles que o abraçam, como ciência especulativa, sem descerem às suas práticas experimentais ou clínicas. (...) o que não se admite é que se use do espiritismo, como de qualquer outro meio, em proveito próprio, mas em prejuízo da saúde, da vida e, quiçá, da honra alheias. (...) o código não condena as práticas espíritas em absoluto, nem como meio de investigação científica, nem como diversão ou distração (...), mas como indústria ilícita, de que seus exploradores tiram proveito em detrimento da saúde pública.”⁶⁵

A própria imprensa, durante a década de 1880, no Rio de Janeiro, fazia referência a certas exigências da opinião pública, que segundo ela, escandalizada com as práticas espíritas, reclamava providências urgentes. Não era rara a publicação de artigos de denúncia a essas práticas nos grandes jornais e na imprensa católica. Nas notícias e artigos, o espiritismo aparece sempre associado a curandeirismo, suicídios e perturbações mentais – referências do tipo “perigosa mania” e “o espiritismo vai produzindo loucos” são recorrentes neste período. Machado de Assis destaca que qualquer um poderia aceitar os dogmas espíritas, mas a loucura seria sempre uma consequência inevitável⁶⁶. Nesse contexto, os espíritas eram tratados como especuladores à frente de uma indústria lucrativa sustentada pela ignorância/credulidade da população⁶⁷:

⁶² Foram três artigos, publicados sob o título “O novo código penal e o espiritismo” nas edições de 23.12, 24.12 e 30.12.1890.

⁶⁶ MACHADO, U. op. cit. pp. 103-27.

⁶⁷ GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 76-267. & MACHADO, U. op. cit. pp. 103-27.

"A nova seita tem os seus templos e são uns antros, tem os seus sacerdotes que são uns especuladores, e os seus livros que são na maioria dos casos arte de haver o dinheiro alheio."⁶⁸

As acusações nos jornais são muito semelhantes àquelas encontradas na resposta do redator do código penal. Mesmo de forma menos elaborada, trata-se de um discurso no qual o Espiritismo, sempre visto dentro de um contexto que inclui outras práticas, aparece associado à idéia de fraude; seus adeptos aproveitam-se financeiramente e ganham prestígio às custas da ignorância da população, representando um perigo para a saúde daqueles que se entregam a seus cuidados.⁶⁹

1.12 - A Organização da FEB

Até o ano de 1904, as atividades desenvolvidas na FEB não foram atingidas por processos judiciais embasados no novo código penal e nos regulamentos sanitários. No período entre 1891 e 1899, essa imunidade pode ser facilmente explicada pelo fato de a instituição não manter, em sua sede, postos de assistência ostensiva para as práticas médico/terapêuticas e para o fornecimento de receituários mediúnicos, alvos constantes das investidas policiais. Somente em 1899, a FEB montou um posto "mediúnico receitista" para atendimento. É difícil saber por que, em virtude de tais atividades, não foi acusada ou denunciada por um indivíduo ou algum jornalista. Talvez fizesse alguma diferença ter sido presidida nesse período por dois médicos e um advogado⁷⁰.

⁶⁸ Jornal do Comércio 13/12/1874.

⁶⁹ Sobre a associação Espiritismo e Loucura ver: RIBEIRO, L. Novo Código Penal e a Medicina Legal. Rio de Janeiro: Jacintho Editora, 1942. - OLIVEIRA, X. de. Espiritismo e Loucura. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1931. - CÉSAR, O. Misticismo e Loucura: contribuição para o estudo das loucuras religiosas no Brasil. São Paulo: s/n, 1939.

⁷⁰ O médico Dias da Cruz permanece na presidência da FEB entre 1889 e 1894. Após a sua saída assume o cargo o advogado Júlio César Leal. Em 1895 Bezerra de Menezes assume a presidência, permanecendo até 1899.

No entanto, mesmo não tendo sofrido a intervenção direta das autoridades sanitárias e policiais, os diretores e pessoas ligadas à FEB participaram dessa discussão, envolvendo-se diretamente nos diversos processos que vinham atingindo outras instituições espíritas. A própria atuação e discurso da FEB sofreram um redirecionamento para fazer frente a esta nova situação. A primeira atitude foi tentar transformá-la num ponto de apoio e de representação jurídica das outras agremiações espíritas, diante dos processos instaurados. A segunda, revela uma preocupação de enfatizar o caráter especificamente religioso do espiritismo⁷¹.

Para Emerson Giumbelli, essa postura da FEB assumiu um significado muito expressivo, pois, antes desses episódios com a justiça, raramente seus diretores e membros haviam recorrido à categoria “religião” para identificar sua orientação doutrinária. Essa prática demarcaria uma verdadeira mudança no modo de se identificar o Espiritismo. A afirmação do seu caráter “religioso” levava em conta a convicção de que, segundo os textos legais, as práticas “religiosas” podiam ser livremente cultivadas. Sendo assim, essa transformação representava a escolha de uma via de legitimação bem fundamentada e, portanto, com seus direitos assegurados pela Constituição⁷².

Um exemplo disso pode ser verificado em dois processos criminais instaurados contra espíritas, no qual a defesa tem como argumento central a associação entre Espiritismo e “religião”:

⁷¹ Essa situação perdurou até 1895, indicando que a FEB tornou-se, nos quatro anos subsequentes ao surgimento do código penal, um núcleo em torno do qual outros grupos espíritas encontravam um apoio institucional. O seu objetivo inicial de ser um órgão aglutinador de indivíduos preocupados com a divulgação da doutrina ficou renegado em segundo plano. O ano de 1896, no entanto, marcou o ressurgimento dos conflitos internos, entre “religiosos” e “científicos”. Não apenas seria o ressurgimento das fraturas que marcavam desde o início os grupos espíritas, mas o lance decisivo para que na FEB, sob o comando de Bezerra de Menezes, os “religiosos” tomassem definitivamente a frente. In: GIUMBELLI, E. A. op. cit. pp. 105-18. & Federação Espírita Brasileira. Federação Espírita Brasileira. Normas para as sessões públicas de estudo da doutrina e para as de manifestações sonâmbulas adotadas pelo Conselho de associações Federadas do Distrito Federal e aprovadas pela Diretoria da Federação. Rio de Janeiro: Henrique M. Sondermann, 1938. & Grupos Espíritas: sua organização e fins, de acordo com a orientação seguida pela assistência aos necessitados na Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: Typ e Pap. Marques Araújo, 1923.

⁷² GIUMBELLI, E. op. cit. p. 116

“(...) não pretendemos convencer ao M.J. da veracidade da doutrina que professamos, mas provarmos que, **como homens religiosos, amantes da moral e que não prejudicamos a saúde pública, temos, pela constituição, o direito de nos reunir, e pelo Código, a garantia de não sermos perseguidos por motivos religiosos.** Portanto, se havia pessoas doentes presentes era porque acreditavam que sua fé as podia curar, não resultando disso nenhum ganho pecuniário para os espíritas.”⁷³

O juiz aceitou a defesa e a absolveu os acusados, considerando tratar-se do exercício de um direito – a liberdade de crença – expresso na Constituição.

O ponto mais importante nessa redefinição institucional da FEB foi o reerguimento da Assistência aos Necessitados. Seriam construídos um albergue noturno, o gabinete clínico, a instalação de uma farmácia homeopática, entre outros. Dos três objetivos básicos traçados pela FEB para sua atuação – estudo e propaganda, filiação de grupos e promoção da caridade – era sem dúvida o último o que mais ênfase ganhava com as novas reformulações. A promoção da caridade, expressa no funcionamento da Assistência aos Necessitados e na manutenção do gabinete clínico, passava a ser o principal instrumento de propaganda e de normatização da prática doutrinária⁷⁴.

A partir da década de 1910, a expressão “baixo espiritismo” começou a ganhar corpo e se tornar cada vez mais constante no discurso de policiais e juízes numa tentativa de distinguir as práticas tidas como “verdadeiras” ou “falsas” entre os “espíritas”, tornando-se decisiva no processo de diferenciação e legitimação do Espiritismo. A atenção dos legisladores começou a voltar-se para a crescente expansão do “espiritismo popular”, autorizando a polícia a perseguir as tendas e centros de cultos afro-brasileiros e os de “espiritismo popular”.

⁷³ Reformador. (1-7-1894). in: GIUMBELLI, E. A. op. cit. p. 117. & As curas espíritas e sua legitimidade perante a lei: peças dos processos instaurados no juízo dos feitos da saúde pública contra a Federação Espírita Brasileira e o médium receitista Domingos de Barros Lima Filgueiras. Rio de Janeiro: FEB, 1907. (Grifo Nosso).

⁷⁴ GIUMBELLI, E. A. op. cit. pp. 127-9.

Em algum momento da década de 30, a expressão “baixo espiritismo” passou a ser substituída por uma outra: “o falso espiritismo”. Essa categoria teve sua origem nos discursos elaborados pelos próprios espíritas a reconhecer que em torno da “mediunidade”, efetiva ou simulada, desenvolviam-se fraudes e charlatanices.

Partindo desse quadro, os espíritas da FEB desenvolveram especialmente as oposições ignorância/estudo e especulações/caridade toda vez que necessitavam marcar diferenças em relação a outras práticas ou se defender de acusações de vários tipos. A ignorância doutrinária, a exploração da “mediunidade” e a existência de má-fé eram os perigos do “falso” espiritismo, contra os quais tanto os espíritas quanto o legislador deveriam prevenir-se⁷⁵.

Nesse momento, justifica-se a conveniência de um programa restrito ao estudo doutrinário, sublinhando-se os benefícios advindos para o conceito público da doutrina, que deixaria de ser confundida e nivelada com a magia e o sortilégio. As reuniões mediúnicas foram destinadas a um público restrito e inscreveu-se sob o signo da caridade, da prática do bem ao próximo. Esta tomou o primeiro plano e definiu o rumo da consolidação do Espiritismo, popularizado graças à prática da medicina “mediúnica”.⁷⁶

A própria imprensa começou a emitir notas relatando que o “falso espiritismo” se dissemina pelas “classes inferiores” e que “se presta magnificamente para as explorações”. A partir da segunda metade da década de 1910, o meio jornalístico, de um modo geral, passou a aceitar a tese de não ser “falso” o Espiritismo praticado pela FEB, mesmo quando aí surgisse algum tipo de irregularidade. Em contrapartida,

⁷⁵ GIUMBELLI, E. A. op. cit. pp. 187-267.

⁷⁶ Federação Espírita Brasileira. Normas para as sessões públicas de estudo da doutrina e para as de manifestações sonambúlicas adotadas pelo Conselho de associações Federadas do Distrito Federal e aprovadas pela Diretoria da Federação. Rio de Janeiro: Henrique M. Sondermann, 1938. & Regulamento de adesão das Sociedade Espíritas à Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: Typ. Marques Araújo, 1925. & Prescrições adicionais ao regulamento de adesão à Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1929.

pressupunha a existência de "falsos" espíritas, ou seja, indivíduos ou grupos cujos fins não eram "humanitários", nem "desinteressadas" as suas intenções.⁷⁷

O jornalista João do Rio, em visita à FEB, afirmou que esta aparece como a força aglutinadora dos milhares de espíritas cariocas, "gente educada" que cumpre os "preceitos da ortodoxia espírita", magnífica em suas instalações, "louvável por seus desinteressados serviços de cura e piedosa por seus cultos." Por outro lado, descreveu os "exploradores do espiritismo", "traficantes" saídos da "sociedade baixa" que "enganam a credulidade com uma inconsciente mistura de feitiçarias e catolicismo".⁷⁸

A associação entre Espiritismo e caridade, afirmada pela FEB e reencontrada na imprensa como fator de distinção em relação ao "falso espiritismo", vai ser também produzida e reforçada pelo discurso estatal voltado para as questões de assistência social.

Segundo um levantamento governamental, a FEB apareceu ao lado da Maçonaria como uma instituição de caráter misto (civil e religiosa), destacando-se os seus serviços de "assistência moral e médica, física e espiritual, bem como o socorro material".

Nesse tipo de discurso, produz-se, a propósito de uma instituição espírita, uma visão privilegiada de parte de suas práticas, interpretadas como serviços que podem beneficiar a população. Mesmo reconhecendo tais práticas relacionadas a certa doutrina, é como se elas a transcendessem e pudessem ser assim colocadas em pé de igualdade com os serviços prestados por outras instituições de cunho religioso ou não.

⁷⁷ GUJUMBELLI, E. op. cit. pp. 229-43.

⁷⁸ RIO, J. As Religiões no Rio. Rio de Janeiro: H. Garnier, pp. 213-35.

A atuação dos espíritas acabaria por corroborar e reforçar esse discurso estatal. Nas décadas de 1920 e 1930 multiplicaram-se as iniciativas filantrópicas, assumindo formas institucionais mais definidas e tradicionais: asilos, escolas, orfanatos, internatos, etc. A partir de 1937 a FEB passou a subvencionar as escolas criadas pelos grupos espíritas.⁷⁹

Em função de seus serviços, a FEB foi reconhecida, em 1934, como instituição de “utilidade pública municipal” pela prefeitura do Rio de Janeiro. Também, existiam várias instituições espíritas subvencionadas por verbas federais em virtude da prestação de serviços assistenciais. Isso acontecia já na década de 1930 e, em 1944, envolvia 17 associações só no Distrito Federal. Esse reconhecimento oficial das atividades da FEB significava muito para uma instituição cuja doutrina estava entre as condenações do código penal.⁸⁰

Durante toda a primeira metade do século, os diretores da FEB vão recorrentemente se referir à “orientação religiosa” imprimida à entidade para designar seus trabalhos – doutrinários e assistenciais. No entanto, é importante observar que a vitória da ênfase religiosa na organização do Espiritismo no Brasil não eliminou a atenção à racionalidade interna de suas concepções e a preocupação de estar em dia com o conhecimento científico. Procurava-se apresentar o “mundo dos espíritos” como uma realidade objetiva que não colidia com outras realidades objetivas de que as ciências constituídas se ocupavam. A persistência dessa proposta facilitou o enraizamento do espiritismo em setores sociais com acesso à educação formal e sua penetração em grupos profissionais de formação acadêmica.⁸¹

⁷⁹ Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: FEB, 1924.

⁸⁰ GUTUMBELLI, E. op. cit. pp. 244-8.

⁸¹ ibid. pp. 252-3. & SANTOS, J. L. op. cit. pp. 28-9.

Diante desse fatos, não podemos discordar da afirmação de José Jorge de Carvalho quando diz:

"(...) o Brasil possui um lugar muito importante na história do espiritismo mundial, exibindo uma intensa aceitação nacional da doutrina kardecista. Nesses mais de cem anos, o espiritismo consolidou uma tradição extremamente viva na sociedade brasileira a ponto de não faltarem teóricos a dizer que o Brasil, mais que católico, é um país fundamentalmente espírita. (...) Em muitos casos a cosmovisão espírita se tornou constitutiva do ethos nacional(...).⁸²

⁸² CARVALHO, J. J. de. O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de Uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. in: *Misticismo e Novas Religiões*. org: Alberto Moreira & Renée Zicman. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 67-98.

II - O ESPIRITISMO CHEGA A TRÊS RIOS

2.1 - Três Rios e o Espiritismo

A atual cidade de Três Rios(RJ) começou a se formar a partir da década de 1860, quando se iniciaram os trabalhos de construção da Estrada União Indústria, com a chegada dos funcionários dessa Companhia, os quais, para realizar os trabalhos mais facilmente, vieram residir na localidade. Três Rios, que à época denominava-se Entre-Rios, passou então à condição de sub-distrito do município de Paraíba do Sul¹.

Entre-Rios, pela sua privilegiada condição geográfica, permitindo acesso “fácil” ao Rio de Janeiro e a Juiz de Fora(MG), passou a ser um importante elo de ligação entre Minas Gerais e a Corte. Assim, a cidade foi se consolidando, através da circulação de pessoas que por lá passavam, estimulando o comércio, a fim de suprir a demanda dos viajantes.

Seis anos depois da inauguração da Estrada União Indústria, os trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II chegaram à vila. Três Rios foi se transformando no ponto de convergência de todas as localidades servidas pela estrada de ferro, à medida que seus trilhos iam avançando. No entanto, apesar do grande influxo de pessoas, o distrito que se formou possuía condições muito precárias de subsistência. Somente a partir do início do século XX, esse panorama começou a sofrer alterações, influenciado diretamente por uma elite sociopolítico-econômica que chegou à cidade, oriunda de diversos locais do País, em especial, do Rio de Janeiro, atraída pelo intenso movimento da estrada de ferro. Profissionais liberais,

¹ COUTINHO, A. R. Como Nasceu a Cidade de Três Rios – Sua história, literatura e vultos ilustres de Três Rios. Três Rios: s/n, 1976. pp. 102-6; DIAS, O. C. Três Rios – História de Nossas Ruas. Três Rios: Nilmar Comunicações, 1986. pp. 27-38.; KLING, H. J. A Matriz de São Sebastião de Entre-Rios e outras anotações históricas. Três Rios: s/n, 1969. pp. 75-7.

comerciantes, funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil e integrantes do Corpo de Oficiais do Exército chegam à cidade, fortemente influenciados pelos novos ideais e anseios de modernidade vigentes nas principais capitais brasileiras, e dão início ao processo de desenvolvimento local².

A cidade, que gradativamente absorvia o ideário moderno, ia apresentando sinais de transformação em seus múltiplos aspectos. A modernidade implantava-se: na fundação de colégios, clubes, cinemas, grupos literários e teatrais, um grêmio musical, três jornais com circulação diária e sindicatos; na construção de praças, na instalação da rede elétrica e de abastecimento de água e dos primeiros telefones, além do investimento para transformar a economia, basicamente agrária, em industrial e comercial³. Era a preocupação com o estudo, com a liberdade de pensar e agir, com a integração da sociedade, com a ordem e o progresso, típica do período de transição do século XIX para o século XX, que começava a fazer parte do cotidiano da sociedade trirriense. Podemos detectar tais influências num projeto elaborado com o fim de extinguir o analfabetismo no país, publicado no jornal da cidade:

“Art. 3º. Todo chefe de família ou casa, homem ou mulher, assim como todo chefe de empresa ou sociedade, de propriedade urbana, pastoril ou agrícola, de officina, de fábrica, de navio, de estaleiro, de agremiação de indivíduos de toda espécie, tanto na cidade como no campo, em mar como em terra, pagará uma multa de 1\$000 por mez, correspondente a cada individuo analphabeto maior de quinze annos, que estiver sob sua autoridade, fiscalisação ou dependência.

(...) Assim, dentro de poucos annos, não haverá no Brasil, nenhum analphabeto e no seu futuro escudo, ao invés de symbolos varios, figurará um adolescente que lê (...).”⁴

² *ibid.*

³ GUIMARÃES, Irene L. Três Rios – A esquina do Brasil. 1. Ed. Três Rios: s/n, 1988. 80 p.; MIGUEL, Neise. “Três Rios: Panorama sócio-econômico (comunicação no III Seminário de Iniciação Científica da UFJF – 1994); O Arealense. Areal, 19/03/21, 16/02/21, 24/12/21, 31/12/21, 21/01/22, 29/02/22 e 22/04/22.

⁴ O Arealense. Pedro do Rio, 27/08/21.

Foi neste momento histórico de mudanças, em 1895, que foi fundado, sob a iniciativa do Cap. José Valente da Costa Lamin, o primeiro grupo espírita em Três Rios, denominado Grupo Espírita Fé e Esperança (GEFE). Já em 1904, o GEFE se fez representar nas solenidades promovidas pela FEB em comemoração ao centenário do nascimento de Kardec⁵.

Desde então, foram se formando diversos grupos espíritas, mas com duração efêmera. Somente em 1919 foi fundado o primeiro Grupo com personalidade jurídica: o Centro Espírita João Baptista. No ano de 1922, com o objetivo de unificar o movimento dentro do Distrito, foi proposta pela diretoria do grupo João Baptista a sua autodissolução, com o intuito de reorganizar o GEFE. A sugestão foi aceita por todos os membros do grupo e a renomeação justificou-se por ter sido este o primeiro nome dado às reuniões espíritas na localidade⁶.

Esse grupo, responsável pela reestruturação do GEFE, tinha grande influência sociopolítica na região, além de defender os ideais de progresso, livre-pensamento e racionalidade característicos do pensamento liberal da época.

Encontramos vários dos membros desse grupo envolvidos no processo de desenvolvimento do município no início do século XX. Muitos deles compunham a diretoria do Entrerriense Futebol Clube eram amadores teatrais e realizaram várias encenações em benefício de obras sociais e novas construções na cidade, fizeram parte da diretoria da Sociedade Musical, Comércio e Artes, presidiram o Posto de Socorro Público e, posteriormente, a Repartição de Assistência aos Necessitados, foram vereadores e deputados estaduais diversas vezes e fizeram parte também da

⁵ São escassas as informações disponíveis sobre os primeiros anos do movimento espírita em Três Rios. Desse modo, não nos foi possível delinear com precisão seus primeiros passos. Entretanto, dispusemos de uma vasta documentação sobre o período a partir de 1922 que, sem dúvida alguma, foi o mais vigoroso e importante para a sua consolidação.

⁶ Ata da Assembléia Geral para a reorganização do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e Assembléias de Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-7, pp. 2-3.; Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72, pp. 1-5. O Arealense. Pedro do Rio, 13/05/22.

comissão Pró-Hospital, quando foi lançada a campanha para a construção desse nosocômio⁷. A grande maioria da nova diretoria que se formou no GEFE (José da Silva Vaz*, 1º presidente, Walter Gomes Francklin, Virgílio Torno, Guilherme Pereira Bravo**, Isaltino Antônio da Silveira*** e Rita Cerqueira) estava engajada no movimento em busca da autonomia do distrito, compondo a “Liga Progresso de Entre-Rios”. Participaram da realização de comícios, conferências e propagandas no intuito de envolver grande parte da população e políticos da região, que passaram a defender a causa da autonomia entre-riense. A Confeitaria Guarani, de propriedade de José Vaz, era o principal ponto de encontro dos autonomistas para a realização de suas assembléias gerais.

Walter Gomes Francklin foi uma das principais figuras no processo de emancipação de Três Rios. Tornou-se prefeito da cidade de Paraíba do Sul em 1936.

⁷ O Arealense. Pedro do Rio, 08/07/17; 23/01/19; 22/01/20; 06/08/21; 17/09/21; 23/08/30.

* José da Silva Vaz, primeiro presidente do GEFE, sempre foi muito participativo nos eventos realizados na cidade. Destacou-se na campanha autonomista, abrindo espaço de sua Confeitaria e Cinema Guarany para os constantes debates políticos. Muito interessado pelas artes cênicas, participou, na juventude, do “Grêmio Dramático Beneficente Dias Braga”, o primeiro grupo de amadores teatrais da cidade, fundado em 1913. Devido a isso, empenhou-se na construção do Cine Teatro Glória, permitindo a apresentação de vários espetáculos na cidade. Em certa ocasião, adquirira um terreno para montar uma fábrica de fósforos na cidade, mas cedeu grande parte deste ao Departamento Nacional do Café para montar uma usina de beneficiamento do produto no local, sob a condição de que se o negócio não fosse adiante o local seria revertido para a construção de um clube, um posto médico ou uma escola. A construção falhou e o prédio transformou-se no “Grupo Escolar Condessa do Rio Novo”. Ainda no terreno, posteriormente, foi construída a sede dos Correios e Telégrafos e o Teatro Celso Peçanha. Posteriormente, o colégio ampliou sua demanda e transferiu sua sede, cedendo o prédio para o Fórum da cidade. in: PINTO FILHO, M. B. A História de Três Rios e seus Vultos Importantes. Rio de Janeiro: Netuno, 1992. pp. 153-4.

** Guilherme Pereira Bravo foi o primeiro prefeito constitucional de Três Rios, em 1947. Jornalista, escreveu vários artigos em prol da autonomia da cidade, além de ser um dos iniciadores desta campanha. Casado com a professora Zelusca, o casal participava ativamente dos eventos culturais e esportivos da cidade. Foi regente da “Banda Comercial e Artes” e da “Orquestra Santa Cecília” e foi membro fundador do “Grupo Dramático Beneficente Dias Braga”. Ao lado do major Arthur de Andrada foi o criador do grupo de escoteiros de Três Rios. Conhecedor da homeopatia, auxiliou ativamente no atendimento das vítimas da epidemia de febre amarela e de gripe espanhola na localidade. *ibid.* p. 165.

*** Isaltino Antônio da Silveira veio para Três Rios no início do século. Após trabalhar muitos anos como coreiro, resolveu montar um outro negócio. Abriu uma livraria/papelaria, posteriormente anexando uma pequena tipografia. Dois de seus filhos, associados a Waldemar Fahndrich, passaram a confeccionar um jornal, entrando em circulação em 1935, intitulado “Entre-Rios Jornal”. Foi um grande incentivador do “Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa”, fundado em 1937, numa reunião na redação de seu jornal. No início das atividades deste Grupo, apesar de possuir poucos recursos, Isaltino contribuiu diversas vezes com recursos próprios para evitar o encerramento de suas atividades. *ibid.* & KLING, H. J. op. cit. pp. 78-84.

Contudo, após o golpe de Estado em 1937, a instabilidade política se alastrou, com fortes suspeitas de que o interventor do estado iria destituir os governantes de seus cargos. Mas Walter Francklin conseguiu permanecer na prefeitura e, gozando de influência na administração do Comandante Amaral Peixoto, pleiteou a autonomia de Entre-Rios. Em 1938, o subdistrito foi elevado à categoria de município. No final do ano de 1943 a cidade passou a chamar-se Três Rios⁸.

Também em Três Rios foi freqüente a associação de espíritas às Lojas Maçônicas⁹. Muitos chegaram a compor a diretoria da Loja Maçônica 25 de Março, fundada na cidade em 1911.¹⁰

“Em propaganda da doutrina espírita e da maçonaria esteve na localidade e aqui realizou duas conferências, uma no GEFE e outra na Loja 25 de Março, o Sr. Coronel José A. Martins, diretor técnico e fotógrafo do Jornal “A União e Revista” e o “Espelho Maçom”, ambos editados em Mendes, neste Estado”.¹¹

O movimento espírita, sua organização, suas instituições e atividades, foi contemporâneo das mudanças vivenciadas pela localidade. Havia marcada simbiose entre o movimento espírita e as outras instituições sociais que se formaram na época (grupos teatrais, cinemas, clubes sociais e esportivos, rádio, jornais e maçonaria). Várias peças teatrais foram apresentadas em colaboração para a construção das obras espíritas, umas compostas pelo grupo de amadores teatrais da cidade (fundado em 1913), outras vindas de fora do município. Muitos espíritas participaram ativamente da construção do prédio do Teatro Celso Peçanha, até hoje o único da cidade¹².

⁸ COUTINHO, A. R. op. cit. pp. 102-6. & PINTO FILHO, M. B. op. cit. p. 53.

⁹ No ano de 1897, dois anos após a criação do primeiro grupo de estudiosos do espiritismo em Três Rios, foi fundada a primeira Loja Maçônica na cidade, denominada “25 de março”. in: PINTO FILHO, M. B. op. cit. p. 47.

¹⁰ O Arealense. Pedro do Rio, 11/03/22; 02 e 03/06/22.

¹¹ O Arealense. Pedro do Rio, 14/06/24.

¹² COUTINHO, A. R. op. cit. pp. 41-85.

Nos primórdios do espiritismo em Três Rios havia uma certa sintonia com as práticas religiosas do catolicismo; principalmente, na realização de batizados, cerimônias de casamento, catecismos e sessões comemorativas da paixão de Cristo¹³. No entanto, com o passar do tempo, essas cerimônias foram sendo abandonadas, numa tentativa de preservação da “pureza doutrinária”. Apesar disso, o espiritismo sofreu uma intensa oposição por parte da Igreja, uma vez que se inseria no conjunto de idéias e instituições que buscavam seu espaço no início do século XX, e que, portanto, sofriam a resistência das instituições estabelecidas. No âmbito religioso, a Igreja católica era predominante, posto que os protestantes e as religiões afro-brasileiras igualmente buscavam se firmar¹⁴.

2.2 - Da Teoria à Prática – Os Trabalhos Assistenciais do Grupo Espírita Fé e Esperança

Tão logo foi rearticulado em 1922, o GEFE iniciou os trabalhos assistenciais com vistas a atender à comunidade. Tal característica angariou para o movimento espírita trirriense, como ocorrerá em todo o país, grande credibilidade e aceitação social.

Os esforços empreendidos na reestruturação do GEFE foram secundados financeiramente pelo comerciante português Manoel Pessoa de Campos*. A sede do GEFE foi por ele construída e doada (Figura 1). Fato interessante foi que durante

¹³ Nosso Guia. Três Rios. Ano II. n.º. 15. 01/04/34. O Arealense. Pedro do Rio, 15/04/22.

¹⁴ Sobre protestantismo no Brasil ver, MENDONÇA, A. G. O celeste porvir: A inserção histórica do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984. 267 p. & Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990. 279 p.

* Manoel Pessoa de Campos chegou à vila de Entre-Rios em 1895. Foi trabalhar no 3º Depósito da Estrada de Ferro. Após juntar algum capital, abriu um depósito de toucinho e lombo salgado, que eram vendidos em Entre-Rios, Petrópolis e outras localidades. Com os irmãos, vindos de Portugal, adquiriu uma fazenda para plantar arroz e milho e montou uma firma: “Campos e Irmãos”. Não possuindo família, construiu com recursos próprios, em terreno adquirido por ele, a casa que se transformou na sede do GEFE e em anexo uma pequena casa que, posteriormente, transformou-se na maternidade. Mais tarde, doou um terreno à mesma instituição para que se criasse um orfanato. Deixou expresso em testamento que esses prédios não poderiam ser utilizados para nenhum outro fim, somente para abrigar as instalações do GEFE. PINTO FILHO, M. B. op. cit. pp. 159-60.

todo o processo de construção do casarão, seu objetivo foi mantido em sigilo pelo proprietário. Tal procedimento desencadeou, para o doador, uma série de inconvenientes por parte do governo do estado e da própria imprensa. O governo almejava comprar a edificação para fundar um grupo escolar. Mas, diante da recusa do proprietário, este foi constantemente criticado pela imprensa local, sendo acusado de ser “inimigo da instrução das crianças trirrienses”. Um dos maiores críticos de sua atitude foi o jornalista Ramiro Gama que, posteriormente, tornou-se espírita e presidente do GEFE por longos anos¹⁵. As atividades do grupo foram desenvolvidas nessa casa até o ano de 1964, quando foi inaugurada a nova sede do grupo (Figura 2).

A primeira instituição assistencial criada pelo GEFE foi uma farmácia homeopática, que teve seus trabalhos iniciados no mesmo ano da fundação do grupo. Sob a direção de Marcelina Chaves, expedindo receitas homeopáticas, sob inspiração espiritual, e distribuindo medicamentos gratuitamente, a farmácia cresceu. Marcelina acabou tornando-se uma médium receitista procurada pelos vários setores da sociedade. Os receituários homeopáticos transformaram-se em importante meio de divulgação, permitindo a popularização do espiritismo¹⁶.

Dando continuidade às metas assistenciais, o ano de 1923 trouxe outras duas novas realizações: o Albergue Noturno “Maximino José Pecene”^{*} e a Escola Primária “Francisco Cerqueira”^{**}.

¹⁵ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 1-2.

¹⁶ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios. Livro de Atas de assembléias e Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-27, p. 13.

^{*} Maximino José Pecene foi um dos sócios fundadores do GEFE e um dos pioneiros na difusão do espiritismo na cidade.

^{**} Este nome foi dado em homenagem ao primeiro bibliotecário do GEFE.



SEDE PRIMITIVA

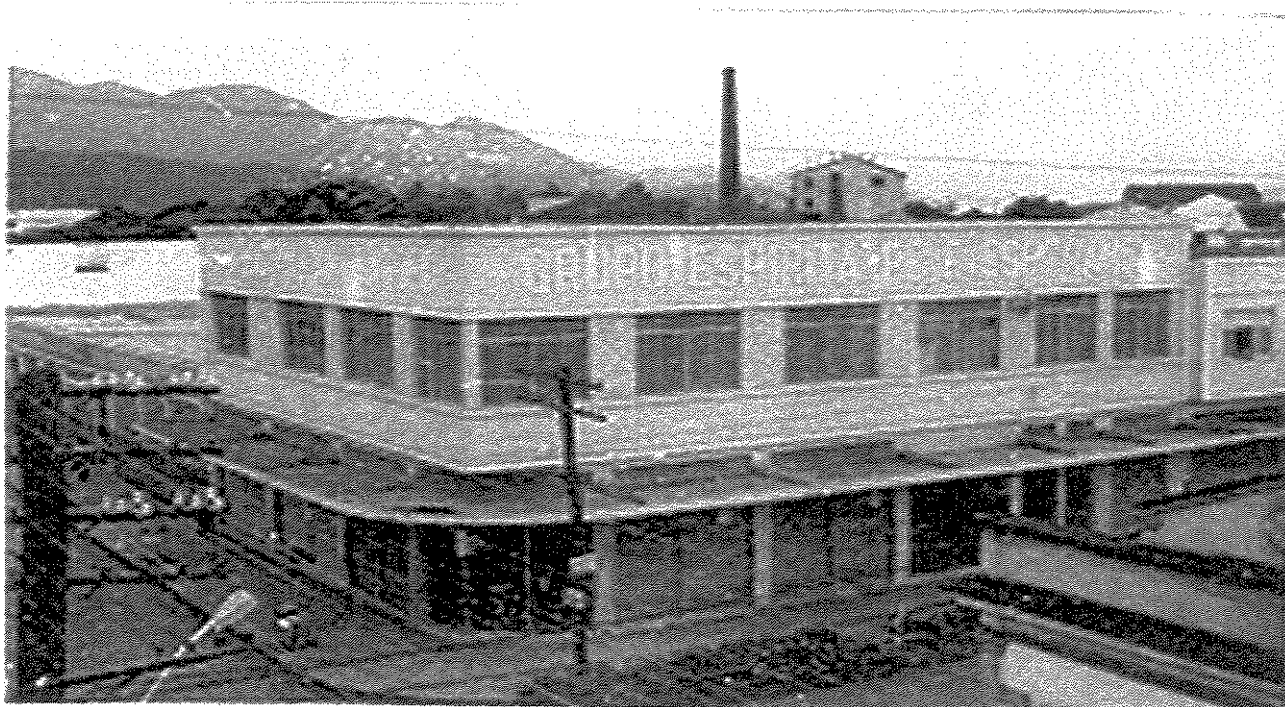


Figura 1: Na foto superior encontramos a antiga sede do GEFE, inaugurada em 20/06/22.

Figura 2: Na foto inferior observa-se a nova sede do grupo, construída em substituição a anterior, inaugurada em 1964.

Três Rios, por ser um importante entroncamento rodoferroviário do país, sempre recebeu grande número de viajantes. Muitas pessoas chegavam à cidade sem condições de financiar sua hospedagem. O Albergue Noturno abrigava grande parte desses indivíduos, dando-lhes abrigo, alimentação e ensino moral. Anualmente era atendida uma grande quantidade de pessoas, muitas destas chegando a permanecer dias na instituição. Somente no ano de 1940, foram atendidas aproximadamente 1.500 pessoas.

Nos primeiros anos de funcionamento, o albergue desenvolvia seus trabalhos numa sala nos fundos do prédio-sede do GEFE. Após 13 anos de sua inauguração e devido à crescente procura pelos seus serviços, foi construída sede própria em anexo.

No entanto, em 1957, após 34 anos de funcionamento, foram encerrados seus trabalhos sob a alegação, por parte dos próprios espíritas, de não poder funcionar no centro da cidade uma hospedaria com tais características. A ausência de policiamento também dificultou muito suas atividades, pois ali apresentavam-se, muitas vezes, pessoas com comportamento considerado impróprio e “ofensivo à ordem pública”,¹⁷. Junte-se a isso o fato de não satisfazer às condições de higiene exigidas pela saúde pública. Mesmo com todos os esforços empreendidos, o fluxo de usuários era muito grande, o que dificultava a organização da área. O grupo, não apresentando terreno disponível para ampliar e melhorar as dependências, nem

¹⁷ Entrevista Realizada com Celina Reis no dia 07 de Junho de 2000. * Celina Reis tornou-se espírita por volta dos vinte anos e sempre teve uma participação bastante intensa no movimento trirriense. Frequentou a mocidade e nela iniciou vários trabalhos assistenciais: confecção de enxoval e cursos para gestantes, aulas de costura e tricô, participava das campanhas e festas para arrecadar fundos para as diversas obras do grupo e auxiliava nos trabalhos do albergue e escola de evangelização. Após alguns anos, devido às desavenças internas, afastou-se do GEFE passando a frequentar outro centro na cidade, desenvolvendo suas atividades. Foi uma figura importante na coleta das entrevistas, pois nos forneceu uma visão diferenciada do conjunto das atividades do GEFE e seus integrantes.

recursos humanos e financeiros, optou por encerrar as atividades do albergue.¹⁸ As suas dependências foram adaptadas para a instalação do Departamento Social, controlado pelos membros da Mocidade.

As atividades assistenciais passaram a abranger também a área educacional, a partir da fundação da escola primária “Francisco Cerqueira”. A princípio, era mantida pelo grupo, oferecendo estudo gratuito e ajuda para os alunos necessitados. Os recursos eram angariados em várias campanhas na tentativa de auxiliar maior quantidade de alunos, para que eles pudessem freqüentar as aulas regularmente. As professoras lecionavam na escola gratuitamente; apenas uma precisou ser contratada pelo grupo para complementar os quadros da escola. A grande carência de vagas nas poucas escolas públicas da cidade gerava grande procura pela escola mantida pelo GEFE, transformando-a numa obra social relevante e com um impacto positivo na imagem dos espíritas na localidade.

O ensino e o funcionamento da escola destacaram-se em diversos eventos promovidos pelo município: uma aluna chegou a receber o maior prêmio escolar conferido pelo município, a Medalha de Ouro “Rita Cerqueira”. A procura de vagas aumentava a cada ano, o que impôs à diretoria a abertura de mais um turno para comportar os novos alunos¹⁹.

Em 1937, após uma visita às instalações da escola e averiguando o trabalho que ali se desenvolvia, a FEB delibera o pagamento de uma subvenção mensal para auxiliar na manutenção da escola. Na década de 50 a prefeitura passa a manter a escola com recursos do município.

¹⁸ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios. Livro de Atas das Assembléias Gerais Extraordinárias do GEFE, 1933-52, pp. 11-2. & Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72. pp. 5-6. * Por várias vezes a diretoria do GEFE elaborou planos para a sua reabertura, mas todas as tentativas não se concretizaram e o albergue permanece fechado até os dias de hoje.

¹⁹ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas de Assembléias e Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-27, pp. 15-17 e 28. & Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72. p. 6

Apesar do conjunto de atividades supracitadas desenvolvidas pelo GEFE, a obra de maior impacto e que mais mobilizou a sociedade trirriense foi a criação do Lar Manoel Pessoa de Campos. Esse orfanato, criado a 22 de novembro de 1930, atendeu a um desejo, expresso em testamento, do doador do patrimônio primitivo do grupo, Manoel Pessoa de Campos, que sempre se manifestou a favor da criação de um espaço para abrigar e educar crianças. No início de suas atividades, o orfanato atendia crianças de ambos os sexos. Algum tempo depois, com o crescimento das crianças, surgiram dificuldades para abrigar, simultaneamente, adolescentes dos dois sexos. Como o número de meninos era bem inferior, vários espíritas se responsabilizaram pela educação destes e o orfanato passou a dedicar-se apenas à educação de meninas.

Com o passar dos anos, a procura pelo abrigo foi se intensificando, levando a diretoria a traçar os primeiros planos para a construção de um prédio próprio que pudesse comportar um maior número de crianças. A partir daí, iniciou-se uma campanha que durou aproximadamente 12 anos (1936-48) para arrecadar recursos e construir o prédio. Vários eventos foram promovidos, contando constantemente com a colaboração da sociedade, dentre eles: o lançamento do livro “O Sol da Caridade” do jornalista Ramiro Gama, a campanha do tijolo e da telha, o “Bazar do Bem”, entre outros. Times de futebol profissional e peças teatrais foram levadas a Três Rios para se apresentar, além das encenadas pelo grupo de amadores teatrais da cidade. A ajuda que os grupos teatrais dispensaram ao movimento espírita na cidade foi muito grande²⁰. (Figura 3)

Em 1936, foi lançada a pedra fundamental da obra com a presença de representantes do espiritismo da região, da imprensa e de autoridades políticas,

²⁰ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 6-9. ; Entre-Rios Jornal. Três Rios, 27/04/39, 11/05/39, 18/05/39 & Entrevista realizada com Celina Reis no dia 07/06/2000.

CAMPANHA PARA ACABAMENTO DA SÉDE PRÓPRIA DO
Asilo Manoel Pessoa de Campos

CIRCO-TEATRO ABELARDO

Propriedade de ABELARDO CAMPAGNOLI

Solidamente armado nesta cidade. — A maior organização circense,
com o melhor elenco teatral que percorre o Brasil.

HOJE - às 8 e 30 - HOJE

Em benefício do ASILO MANOEL PESSOA DE CAMPOS

SENSACIONAIS ATRAÇÕES!

Na 1.ª parte — UMA HILARIANTE COMÉDIA

Na 2.ª parte — Um COLOSSO que não se repetirá:

O CORCUNDA DE PARIS

Drama de real valor, pois é uma joia do teatro francês, que,
por certo, agradará ao culto povo desta cidade.

Não deixem de assistir este drama, extraído do filme «**AS
DUAS ORFAS**» — em 4 atos de grande emoção, no qual
se destaca o ator Abelardo Campagnoli, no papel de corcunda.

É monumental a peça de hoje, cujo título basta para impôr
ao fino gosto deste digno público o desejo de não perder este
grande e sublime espetáculo, assistindo, assim, a maior peça
dramática francesa de todos os tempos e que ficará gravada
nos corações dos que tiverem o ensejo de assisti-la hoje.

PREÇOS

Cadeiras, Cr\$ 3,00 — Geral, Cr\$ 2,00

— Crianças, estudante com carteira em uniformizados Cr\$ 1,00 —

Inclusive solo

AGUARDEM — MUITO BREVE a grandiosa peça:

O FUGITIVO

— Grandioso sucesso da Companhia! — Não percam! —

Figura 3: Panfleto de divulgação de peças teatrais com renda para a construção do "Lar Manoel Pessoa de Campos".

como o prefeito Walter Francklin e os espíritas Leopoldo Machado* e Manoel Quintão**²¹. As obras tiveram início em 1940, quando foi possível reunir uma certa quantia monetária, proveniente das diversas campanhas. Os primeiros cinco anos de construção do orfanato foram gerenciados pelo então presidente do GEFE, José Ferreira de Cerqueira***, seguido por Evaristo Domingos Arneiro e Acyr Farias†.

O prédio do asilo foi a primeira obra arquitetônica de caráter modernista da cidade, com projeto e cálculos oferecidos gratuitamente pelo arquiteto Fernando Saturnino de Brito# e pelo engenheiro Joaquim Cardozo### (responsável pelos cálculos de concreto armado de importantes construções na Guanabara, Belo Horizonte, Brasília e outras capitais), por intermédio do Dr. Milton Coelho de Vasconcelos. Ambos, apesar de não serem espíritas, se entusiasmaram pela obra, dada sua finalidade filantrópica e passaram, gratuitamente, a vistoriar mensalmente a construção. Seu modo inovador de construção para a época, baseado em pilotis,

* Leopoldo Machado, professor e escritor, tornou-se espírita por volta de 1915. Radicado na cidade de Nova Iguaçu (RJ). Dando grande valor à educação dos jovens, fundou o “Colégio Leopoldo”, as primeiras mocidades espíritas e as escolas de evangelização infantil do país, incentivou as Semanas e os Congressos Espíritas. Publicou vários livros (espíritas e literários). Participou da “Caravana da Fraternidade”, percorrendo os estados do Norte e Nordeste buscando adeptos para o Pacto Áureo a fim de promover a unificação do Movimento Espírita no Brasil. in: LUCENA, A. de S. e GODOY, P. A. Personagens do Espiritismo. São Paulo: FEESP, 1997. pp. 128-31.

** Manuel Quintão conseguiu, como autodidata, grande cultura humanística. Foi jornalista. Ingressou na FEB em 1903, integrando seu quadro social por 44 anos. Médiun curador, exerceu cargos na Diretoria da FEB, inclusive a presidência nos anos 1915, 18, 19 e 29. in: XAVIER, F. C. Parnaso de Além-Túmulo. Rio de Janeiro: FEB, 1994. p. 27.

²¹ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas das Assembléias Gerais Extraordinárias do GEFE, 1933-52, p. 10. O Arealense. Pedro do Rio, 27/06/36.

Os materiais para a construção do asilo vinham principalmente de São Paulo. Por solicitação de José Ferreira de Cerqueira, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, o material era transportado gratuitamente através de ferrovias. Nas viagens que fazia, aproveitava para levar fotos e plantas da construção. Mostrando a seus conhecidos na capital, conseguia muitos materiais gratuitamente. Cerqueira, que assumiu a presidência do GEFE em 1940, cargo no qual permaneceu por 5 anos, desempenhou um importante papel frente ao grupo. Muito da solidez e estrutura apresentada pelo grupo atualmente se deve, em grande parte, aos esforços por ele empreendidos.

† Ambos exerceram diversos cargos na diretoria do GEFE, sendo que Acyr Farias permaneceu por 20 anos consecutivos na presidência do grupo (1947-67), retornando em 1970 até 71, ano de sua morte.

Fernando Saturnino de Brito concluiu o curso de Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes, onde foi companheiro de Oscar Niemeyer, vindo, posteriormente a trabalhar em seu escritório no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Estado de Pernambuco. in: NIEMEYER, Oscar. As Curvas do tempo. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

Joaquim Cardozo foi engenheiro, pintor e poeta. Como poeta publicou livros, adquirindo certa notoriedade com seu estilo modernista. Integrou a equipe de calculistas de projetos de Niemeyer, participando da construção de Brasília. Faleceu no Recife em 1978. *ibid.*

gerou receios na população, que evitava transitar nessa rua temendo o desabamento do edifício²². (Figura 4). Em 1948 foi inaugurado o prédio, que acabou sendo apelidado “Palácio de Cristal”, pela sua fachada de vidro e por ser o único prédio da rua²³. (Figura 5).

O asilo, que recebeu o nome de “Lar Manoel Pessoa de Campos”, abrigou muitas crianças em caráter permanente, dando-lhes, além de abrigo, instrução, ensino profissional e noções de moral evangélica. À frente dos trabalhos e cuidando das internas estavam Rita Cerqueira* e Helena Chaves Arneiro**. “Mãe Ritinha”, como era chamada pelas internas, em 1940 mudou-se definitivamente para o Lar, dedicando sua vida exclusivamente à educação daquelas crianças. Em virtude de seu trabalho pelos necessitados, era procurada por pessoas de qualquer credo religioso²⁴. Uma demonstração da admiração que os trirrienses tinham por Rita Cerqueira foi obtida na data de seu falecimento, quando o prefeito de Três Rios decretou luto oficial por 3 dias²⁵.

²² Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 6-9.

²³ Entrevista realizada com Elza Farias nas dependências do Lar Manoel Pessoa de Campos em julho de 1997. * Elza Farias (Filha de Acyr Farias, que exerceu a presidência do GEFE várias vezes) ultimamente vinha exercendo a diretoria do Lar Manoel Pessoa de Campos, cargo que ocupou até 1998.

* Rita Cerqueira nasceu em 1889 em Além Paraíba (MG). Ficando órfã aos 9 anos, passou a residir com a avó materna Raquel Saldanha Marinho. Era descendente de Joaquim Saldanha Marinho, advogado, deputado estadual, escritor e grão-mestre da maçonaria. Ao contrair matrimônio com Francisco Ferreira de Cerqueira transferiu-se para Três Rios, por ser este funcionário da Central do Brasil. Por volta de 1918, foi acometida por uma enfermidade. Após consultar vários médicos e não encontrar nenhuma solução, tomou conhecimento de um médium espírita na cidade de Porto Novo da Cunha. Pediu ao esposo que fosse consultá-lo. Na volta, trouxe-lhe remédios homeopáticos, ervas e a recomendação para que lhe fossem ministrados passes. Seguiu todas as instruções e em poucos dias restabeleceu a saúde. Dessa data em diante ocorreram os primeiros fenômenos mediúnicos. Passou a frequentar o grupo espírita e a praticar a mediunidade de cura. Dedicou-se às atividades do “Lar Manoel Pessoa de Campos”, vindo em 1940 a mudar-se definitivamente para lá com a filha, ainda solteira. Realizava partos na maternidade mantida pelo grupo, além de exercer a presidência deste entre os anos 1928-32. in: LUCENA, A. de S. e GODOY, P. A. op. cit. pp. 151-4. & PINTO FILHO, M. B. op. cit. pp. 166-7.

** Helena Chaves Arneiro foi a primeira diretora do “Lar Manoel Pessoa de Campos”, cargo que exerceu, posteriormente, junto com seu marido Evaristo Domingos Arneiro, até o ano de 1967.

²⁴ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. p. 16.

²⁵ COUTINHO, A. R., op. cit. pp. 102-6. & PINTO FILHO, M. B. op. cit. pp. 166-7.

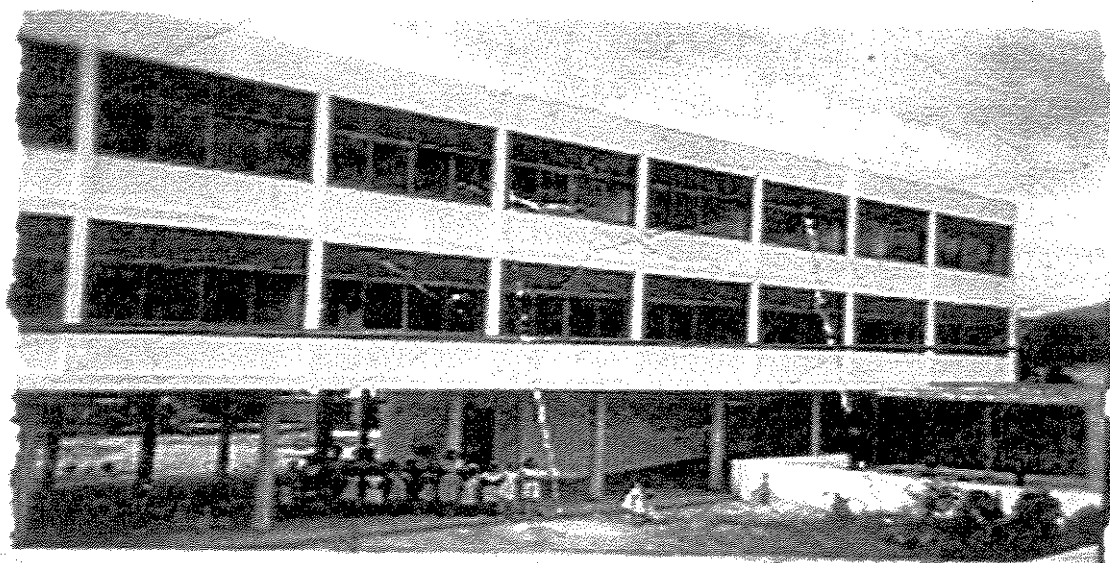
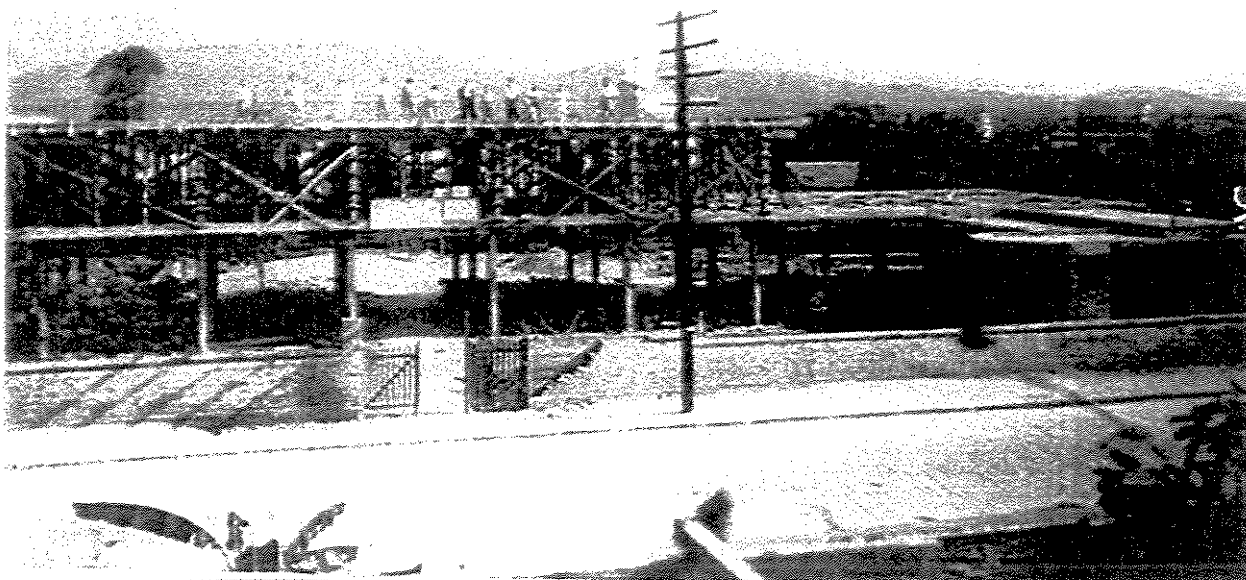


Figura 4: Na foto superior podemos observar o processo de construção do “Lar Manoel Pessoa de Campos”, iniciado em 1940.

Figura 5: Na foto inferior encontramos o edifício pronto e em funcionamento, inaugurado em 1948.

O desempenho das atividades do asilo para meninas chegou a ser noticiado na *Revista Médica do Centro de Saúde de Niterói* (RJ) pelo prof. Lopes Costa do departamento de Saúde Pública do Estado, destacando o aumento da capacidade de assistência do município promovida pelo orfanato e que a sua boa organização tende a despertar o auxílio da população e dos poderes públicos²⁶. O interventor do estado do Rio de Janeiro também visitou as dependências dessa instituição e, interessando-se pelo trabalho desenvolvido, concedeu aumento da subvenção estadual para o Grupo²⁷.

Uma outra obra assistencial relevante para a região começou a funcionar cinco anos após a fundação do “Lar Manoel Pessoa de Campos”. Nas primeiras décadas desde século, a precariedade e quase ausência de assistência médica às gestantes, com baixa renda, acarretavam altas taxas de mortalidade materna e perinatal. Em vista disso, foi inaugurada em 1935, por sugestão do médico Walter Gomes Francklin, uma maternidade. (Figura 6).

A assistência prestada era totalmente gratuita, pois o grupo não recebia nenhuma colaboração da Previdência Social. Os recursos para sustentar a maternidade eram obtidos em várias campanhas, entre elas a “Campanha do Quilo”, que recolhia mantimentos pelas ruas da cidade. Os médicos também realizavam suas atividades sem cobrar nenhum honorário. Além de auxiliar nas despesas da Maternidade, esses alimentos eram utilizados para suprir as necessidades do orfanato²⁸.

²⁶Entre-Rios Jornal. Três Rios, 27/04/39. * Até 1972 (ano em que o grupo comemorou 50 anos de atividade) o Lar já tinha abrigado e educado 242 crianças até a idade adulta. Muitas internas se formaram em magistério ou contabilidade nos colégios da cidade, custeadas pelo GEFE. Nos dias de hoje o Lar não mantém alunas internas, funcionando apenas em regime de creche e semi-internato, mas com funções semelhantes às desempenhadas no passado.

²⁷Entre-Rios Jornal. Três Rios, 18/05/39.

²⁸Muitas pessoas que colaboravam com doações solicitavam anonimato por não desejarem assumir publicamente suas simpatias à doutrina espírita. Alguns até mesmo aceitavam seus preceitos, mas não permitiam que suas crenças fossem reveladas.

O renome alcançado pela maternidade transpôs os limites do município, chegando a várias cidades do estado do Rio de Janeiro, bem como a Juiz de Fora. Por diversas vezes, a maternidade recebeu visitas do governador do estado, do prefeito do município e de outras autoridades que começaram a liberar subvenções governamentais para melhorias no atendimento. A partir daí, as dependências foram sendo ampliadas, com a construção de um centro cirúrgico, um berçário, uma farmácia para distribuir remédios e foi aumentado o número de leitos²⁹. (Figura 7). Por quase três anos a maternidade foi a única instituição hospitalar da cidade.

Por tais obras na área social, já na década de 30, o GEFE foi declarado de utilidade pública municipal³⁰ e, na década de 60, veio a se tornar de utilidade pública estadual e federal³¹.

2.3 Divulgar é Preciso

No ano de 1927 o GEFE solicita e obtém sua adesão à Federação Espírita Brasileira³². Sua atuação, tanto na área assistencial como doutrinária, foi fortemente influenciada pelas diretrizes do movimento nacional, num momento em que a FEB buscava maior união das práticas e ensinamentos em defesa da legitimação e consolidação do espiritismo brasileiro³³.

Como reflexo dessa preocupação, o GEFE começa a tomar uma série de medidas com relação à divulgação da doutrina e suas práticas. No ano de 1928,

²⁹ COUTINHO, A. R. op. cit. pp. 100-02; PINTO FILHO, M. B. op. cit. pp. 165-6. Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 9-12.

³⁰ Nosso Guia. Três Rios. Ano V. n. 41. 12/1940. pp. 1-4.

³¹ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 1-5.

³² Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e assembléias do GEFE, 1927-42, p. 2.

³³ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas das Assembléias e Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-27. pp. 17, 39-40, 44, 47 e 49.

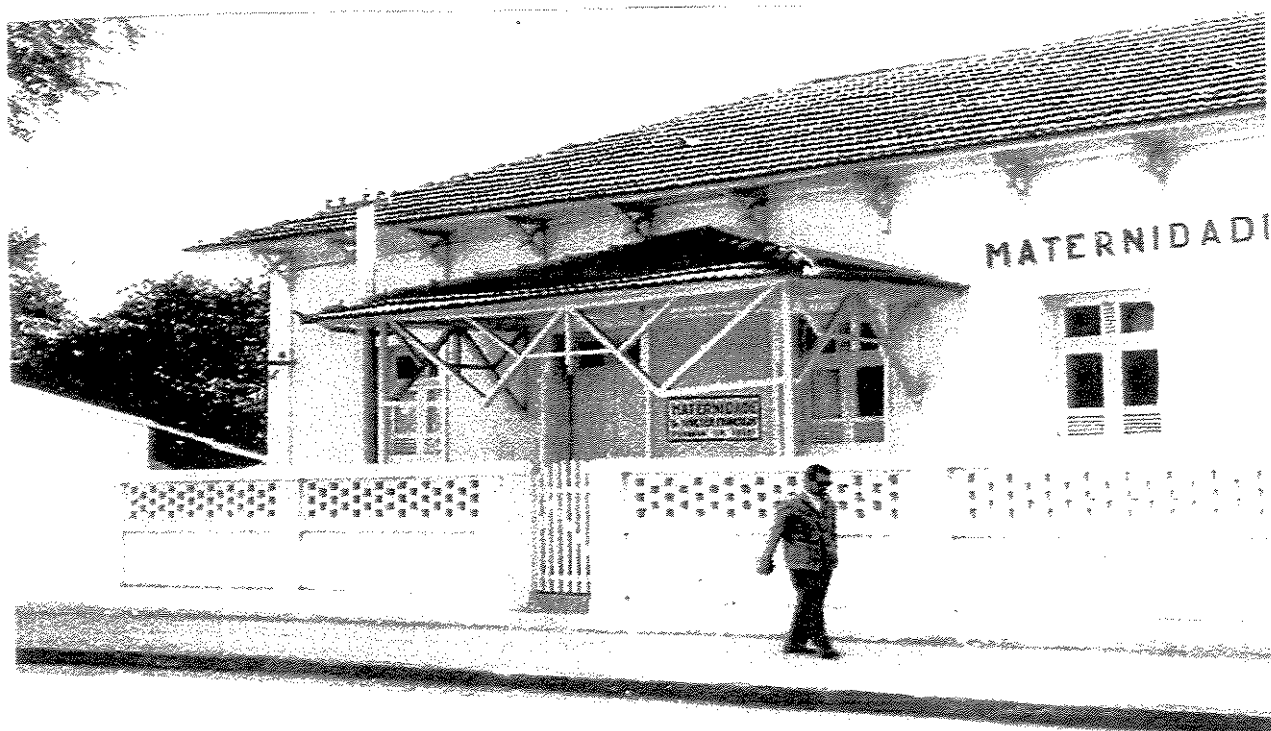


Figura 6: Na foto superior observa-se a antiga sede da Maternidade, inaugurada em 1935, que foi substituída posteriormente, no mesmo local, pelo edificação representada na foto inferior em 07/11/67. (Figura 7)

seguindo um padrão nacional, promove a separação entre reuniões doutrinárias e práticas, sendo esta última restrita aos médiuns e diretores do grupo. Cria uma escola de médiuns alegando, ser muito importante a sua educação, baseada nos fundamentos do *Livro dos Médiuns*, como forma de evitar problemas e confusões na divulgação do espiritismo³⁴.

Em 1934, funda a Biblioteca “Thomé Nicoliche”^{*} que, com o passar dos tempos, foi tendo maior procura. Devido às dificuldades financeiras do grupo, estava tornando-se difícil a aquisição de novos livros a fim de suprir a crescente demanda. Por isso, a biblioteca foi transformada em livraria, tendo em vista permitir que os espíritas pudessem adquirir as novas publicações com maior rapidez.

Com o desejo de divulgar ainda mais o espiritismo, a livraria começou a realizar anualmente a “Feira do Livro Espírita”. Até nos dias atuais uma barraca é montada na praça central da cidade, geralmente no mês de maio, permitindo que um número maior de pessoas possa ter acesso e tomar conhecimento das produções literárias espíritas³⁵.

Seguindo a mesma tendência de divulgação doutrinária, o GEFE lançou, em 1933, o Jornal **Nosso Guia**, sob a coordenação do escritor e jornalista Ramiro

³⁴ Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e assembleias do GEFE, 1927-42, pp. 1, 8-9, 11-2.; Nosso Guia. Três Rios. Ano III. nº. 32, 33 e 34/ 02 – 04/38.

^{*} Thomé Nicoliche exerceu vários cargos na diretoria do grupo e foi um de seus sócios fundadores. Conhecedor da homeopatia, tornou-se importante médium curador. in: Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72. p. 9.

³⁵ *ibid.* pp. 21-2.

Gama³⁶. Posteriormente, na tentativa de ampliar as edições, que antes eram produzidas manualmente, o grupo adquiriu uma pequena máquina tipográfica. No ano de 1937, o jornal amplia sua circulação, chegando a atingir a marca de mil assinantes pelo Brasil³⁷. O Nosso Guia constituiu-se num importante veículo de discussões sobre o movimento trirriense e nacional. Nos seus 12 anos de circulação debateu as principais tendências do movimento, seus aspectos científicos, filosóficos e religiosos, suas principais divergências e as perseguições ao espiritismo. Em suas páginas, encontramos constantes discussões em defesa da separação definitiva entre o “falso” e “verdadeiro” espiritismo, polêmica dominante neste momento³⁸.

“O espiritismo é uma religião e por isso garantida pela constituição. Crime a própria lei denomina “baixo espiritismo”. A magia, bruchedos, sortilégios, são artifícios da macumba que é ofensiva aos bons costumes, à ordem pública, à paz e tranqüilidade, criam estados mentais graves, perturbações que levam à loucura. É o “falso espiritismo que a lei incrimina”³⁹.

Mas, devido a algumas dificuldades, o jornal teve sua publicação interrompida por diversas vezes. Finalmente, no ano de 1945, foi encerrada definitivamente sua publicação, pois a tipografia estava avariada e seu conserto era muito dispendioso. Todo o dinheiro disponível foi destinado para a construção do asilo⁴⁰.

³⁶ COUTINHO, A. R. op. cit. pp. 102-6. * Ramiro Gama foi jornalista, escritor, poeta, conferencista e um espírita atuante. Participou de inúmeros Congressos e eventos, sendo o criador da 1ª Semana Espírita do Brasil (em Três Rios), contando com a participação de figuras importantes do movimento brasileiro. Publicou cerca de vinte livros espíritas e não espíritas. Pertenceu à “Academia Carioca de Letras”, na cadeira de Augusto dos Anjos. Foi o patrono da “Academia Trirriense de Letras e Artes”. Escreveu dois livros sobre o Teatro Espírita, sendo filiado à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Em Três Rios sempre exerceu o jornalismo amador, como redator de “A Estrela”, polemizando a causa dos antigos escravos da Condessa do Rio Novo, e , posteriormente, com “O Nosso Guia”. in: ibid. pp. 50, 73-4. & LUCENA, A de S. e GODOY, P. A. op. cit. pp. 149-50.

³⁷ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. p. 22.

³⁸ Nosso Guia. Três Rios. Ano I. n°. VIII. 09/1933. p. 1.; Ano II. n°. 16/05/34. p. 1.; Ano III. n°. 27-34 09/1937 a 04/1938. Ano V. n°. 41, 46 e 53 de 05/ 1941, 12/ 1941 e 12/1948.; Ano VI. n°. 54 e 56 01/1942 e 03/1942.; Ano VII. n°. 75 e 82 de 08-09/1944 e 05/1945.

³⁹ Nosso Guia. Três Rios. Ano VI. n. 56 03/1942. p. 2.

⁴⁰ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. p. 22.

Outro empreendimento de grande significado, realizado pela diretoria do GEFE, foi a fundação da 4ª mais antiga Mocidade Espírita do Brasil em 1937⁴¹. Os jovens da Mocidade Espírita “Bezerra de Menezes” (MEBEM), além dos estudos empreendidos, prestavam serviços na área social, confeccionando enxovais, ministrando aulas de corte e costura, participando das festas e apresentando peças que visavam arrecadar recursos para as obras mencionadas. Também realizavam a “Campanha do Quilo” e, por certo período de tempo, ficaram responsáveis pelo programa de rádio que o grupo mantinha semanalmente no ar⁴².

Os membros da mocidade ficaram responsáveis pela manutenção da Escola de Evangelho para a Criança e a Juventude, onde eram ministradas aulas de moral cristã e dos preceitos fundamentais do espiritismo. Inaugurada em 1956, funcionava inicialmente anexa à sede do GEFE, sendo, posteriormente, instalada em sede própria nos fundos do Asilo. As aulas tinham uma frequência média de 65 alunos. Posteriormente, foi inaugurada uma sucursal no bairro de Vila Isabel, onde até hoje funciona um posto avançado do GEFE, intitulado “Posto Espírita Rita Cerqueira”.⁴³

A evangelização espírita infantil era motivo de muitas controvérsias entre os espíritas em todo o Brasil. Somente em 1977, vinte anos após o seu início em Três Rios, é que a idéia da evangelização espírita infantil foi encampada pela FEB, dando início à “Campanha Nacional de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil”. Essa campanha, que se mantém até os dias atuais, tem o objetivo de “motivar o meio espírita para uma ampla conscientização quanto à necessidade da Evangelização”⁴⁴.

⁴¹ GAMA, R. Lindos casos de Bezerra de Menezes. São Paulo: FEESP. pp. 39-45.

⁴² Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 12-3.

⁴³ Desde 1930 a direção do GEFE manifestou o desejo de criar uma escola de evangelização infantil, mas só foi concretizada no ano de 1956. Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e assembleias do GEFE, 1927-42, p. 21.

⁴⁴ Reformador. Ano 115. n. 2019, p. 161.

O GEFE caracterizou-se por constante presença na mídia local, mantendo um programa radiofônico e colunas fixas em dois jornais trirrienses. O programa intitulado “Hora Espírita Trirriense” era transmitido às quintas-feiras e domingos. Nos primeiros dez anos de funcionamento foi patrocinado por firmas comerciais da cidade e, posteriormente, passou a ser patrocinado pela própria Rádio Três Rios. Após 16 anos de transmissão ininterrupta, o programa saiu do ar, pois a emissora iniciou a cobrança pelo espaço ocupado na programação como o fazia com qualquer outra religião. O presidente do GEFE à época não concordou com tal iniciativa, por considerar ser o programa altamente educativo e sem qualquer forma de sectarismo religioso. O pedido de reconsideração não foi aceito pela emissora e o programa foi extinto.

A propaganda escrita perdurou por longos anos nas publicações ***Entre-Rios Jornal*** e ***O Cartaz***, os dois periódicos de maior circulação na cidade. A ligação dos espíritas com a imprensa local era muito forte, tanto que os jornais usualmente noticiavam os acontecimentos relativos ao grupo, bem como divulgavam solicitações de doações para os empreendimentos levados a efeito⁴⁵.

2.4 - Afirmação e Consolidação do Espiritismo em Três Rios

Ao longo desses anos, o movimento espírita trirriense foi crescendo e se consolidando, aumentando substancialmente seu número de adeptos. A principal justificativa apresentada pelos recém-convertidos era a de não conseguirem compreender e aceitar o conjunto de mistérios e dogmas oferecidos pela Igreja, tão questionados à época, e a condenação eterna para o céu ou inferno. Grande parte passou a manter-se distante de qualquer tipo de credo religioso, voltando-se posteriormente para o Espiritismo, alegando ser esta uma doutrina que se propõe a explicar o destino transcendente da humanidade, dando-lhes um futuro mais

⁴⁵ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 13-4. *Entre-Rios Jornal*. Três Rios, 08/06/39.

racional, através da imortalidade da alma e da lei da reencarnação, proporcionando esperanças, consolos e a certeza do progresso constante. O estímulo à prática da caridade também é citado como um fator que levaria várias pessoas a se tornarem adeptas do espiritismo, por ser um importante meio de trabalho e de constante e aprimoramento pessoal⁴⁶.

A expansão do movimento espírita na cidade desencadeou uma série de reações por parte dos responsáveis pela Igreja Matriz e por certos setores da sociedade. Muitos dos simpatizantes da nova doutrina, embora contribuíssem para a realização de suas obras, solicitavam o anonimato, por temor a represálias. Alguns membros da comunidade diziam ser o espiritismo algo demoníaco e, como tal, traria infelicidades e tragédias à cidade. Por várias vezes, o vigário da paróquia realizou severas e agressivas críticas ao espiritismo. Os ataques do padre chegaram ao ponto de ameaçar incendiar a construção onde funcionava o asilo para crianças⁴⁷

Na década de 30, a Igreja sofria uma forte retração na localidade, tanto que em 1934 as missas eram freqüentadas apenas por cinco pessoas, levando a Igreja a fundar a Liga Católica Jesus, Maria, José na tentativa de angariar um número maior de adeptos. Além disso, a Igreja vinha sofrendo constantes críticas por não praticar nenhuma obra em benefício da população local. No ano de 1936, a Igreja iniciou uma campanha para a construção de um hospital para a cidade⁴⁸.

"Notando-se a falta dum Hospital em Entre-Rios e sendo necessário fazer frente a influência sempre crescente dos inimigos da Igreja o Vigário da Paróquia Padre José Custódio Pereira Barroso entendeu-se com o Rev. André Arcoverde para estudar-se um meio de levar a cabo alguma realização concreta

⁴⁶ Nosso Guia. Três Rios. Ano I. n. II 03/1933. p. 2.; CAVALCANTI, M. L. V. de C. O Mundo Invisível. Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983. pp. 65-71.

& Entrevista realizada com Sr. Djalma Tepedino no dia 03/11/99. * Djalma Tepedino exerceu vários cargos na diretoria do GEFE, inclusive a presidência várias vezes.

⁴⁷ KLING, H. J. op. cit. pp. 38-43 & Entrevista realizada com Celina Reis em 07/06/2000.

⁴⁸ ibid. & Livro de Tombo da Paróquia de Três Rios 1934/1965. pp. 4 e 5

que afastasse os catholicos de tão mau caminho e se combatesse os inimigos da Igreja no mesmo pé de igualdade e com a arma da realização que os inimigos vinham fazendo.⁴⁹

Ao sentir a necessidade de contrapor-se a essas constantes ofensivas, a direção do GEFE organizou, em 1939, um conjunto de conferências que deram origem à Primeira Semana Espírita do Brasil. Ao tomar ciência desse evento, o padre promoveu, na praça central da cidade, uma série de pregações sob a óptica católica dos temas a serem abordados nas palestras espíritas (reencarnação, espiritismo, inferno, caridade, ciência e fé raciocinada). Como as pregações católicas ocorriam duas horas antes das palestras espíritas, ao encerramento daquelas, grande parte do público dirigia-se ao GEFE para verificar a visão espírita dos temas. As palestras foram realizadas por oradores espíritas nacionalmente conhecidos como Manoel Quintão, Carlos Imbassahy, entre outros, além de contar com a participação de Leopoldo Machado e Sebastião Lasneau^{*}. Com isso, a Primeira Semana Espírita do Brasil fortaleceu ainda mais as bases do movimento espírita na cidade. Atualmente, as Semanas Espíritas estão difundidas por todo o País⁵⁰. (Figura 8).

O papel do espiritismo em Três Rios é freqüentemente destacado nos livros que versam sobre a história do município, o que evidencia a inserção do movimento espírita no processo de transformação da sociedade trirriense. Muitos desses espíritas, pioneiros do movimento, vieram, posteriormente, a ser homenageados com

⁴⁹ Livro de Tombo da Paróquia de Três Rios 1934/1965. p. 5. (Grifo nosso).

^{*} Sebastião Lasneau foi poeta, repentista e trocadilhista. As Semanas Espíritas de várias cidades dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e outros não estavam completas sem a sua presença. Dava expansão à rima e ao ritmo, registrando a presença dos espíritas em quadrinhas. Nenhum de seus biógrafos registrou o motivo pelo qual ele se tornou adepto do espiritismo. Em 1944 ingressou no quadro social do Grêmio Espírita de Beneficência de Barra do Pirai (RJ), exercendo sua presidência em 1954. Além de poeta era também expositor. Editou alguns livros de sua autoria, inclusive um intitulado “Espiritismo em Três Rios”. Dedicou-se também ao jornalismo, sendo o redator de vários jornais. Musicou alguns de seus versos e fez paródias espíritas de músicas famosas da época, sendo cantadas nos movimentos de mocidade. in: LUCENA, A. de S. e GODOY, P. A. op. cit. pp. 164-66.

⁵⁰ Ata da Assembléia Geral para a organização da 1ª semana de palestras espíritas de Três Rios. Três Rios, Livro de Atas e Assembléias de Reuniões do GEFE, 1932-42, pp. 87-9.; Relatório do movimento do GEFE de Entre-Rios. Três Rios, jan.-dez. 1939, p. II. ; Entre-Rios Jornal. Três Rios, 22-26/06/39.

o nome de várias ruas da cidade.⁵¹.

⁵¹ COUTINHO, AR. op. cit.; DIAS, OC. op. cit.; KLING, HJ. op. cit

Semana de Palestras Espiritas

De 24 a 30 de Junho de 1939, ás 19 horas e 30, na séde do

GRUPO ESPIRITA FÉ E ESPERANÇA

Falarão diversos oradores, entre os quais os srs. **M. Quintão, dr. Henrique Andrade, dr. Moreira Guimarães, dr. Carlos Imbassahy, dr. Arminio de Carvalho, sr. Humberto de Aquino e dr. Guillon Ribeiro**, este ultimo, Presidente da Federação Espirita Brasileira.

Serão ventilados os seguintes temas:

- Dia 24 - Sabbado: «João Batista e o Problema da Reencarnação».
- Dia 25 - Domingo: «Que é Espiritismo». — *Manuel Quintão*
- Dia 26 - Segunda: «O Inferno perante a Razão». *Romão Gomes*
- Dia 27 - Terça: «A Moral, a Filosofia e a Ciência Espirita». *L. A. Lima*
- Dia 28 - Quarta: «O Espiritismo á luz dos fatos». *dr. M. Guimarães*
- Dia 29 - Quinta: «A Fé cega e a Fé raciocinada». *L. A. Lima*
- Dia 30 - Sexta: «Fóra da Caridade não ha Salvação». *L. J. Pires*

A ENTRADA É FRANCA

Entre-Rios, Junho de 1939

A Diretoria

Figura 8: Programação da Primeira Semana Espírita do Brasil, em 1939.

III - O ESPIRITISMO EM TRÊS RIOS E OUTRAS VERTENTES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, procuramos interligar o movimento espírita trirriense ao movimento nacional, ensaiando algumas interpretações. Para tanto buscamos comparar os nossos achados com os das diversas localidades do país cujo histórico do movimento espírita nos foi possível obter. A grande maioria das comparações será realizada com Ponta Grossa(PR), Sacramento(MG), Rio de Janeiro e com cidades do estado de São Paulo (Campinas, Barretos, Matão, Piracicaba, São Carlos) pela maior disponibilidade de dados dessas regiões.

3.1 – As Cidades em Busca da Modernidade

No final do século XIX o Brasil buscava firmar-se como integrante das nações modernas. O Rio de Janeiro apresentava uma nascente classe média, composta por funcionários públicos, pequenos negociantes, médicos, tenentes, interessada em mudanças sociais urgentes. Era necessário sanear e modernizar a Capital Federal, abrindo perspectivas de progresso. No ano de 1854 foram criadas as primeiras estradas de ferro, incentivando a imigração e a criação de indústrias¹. Os comentários acerca da inauguração da primeira avenida na cidade e do teatro municipal ilustram bem o pensamento da época:

“ (...) A inauguração da formosa avenida que foi, no dia da festa da República, a concretização mais evidente e irrecusável das promessas de melhores dias.

(...) O estrangeiro que visitar agora a nossa Capital já tem na Avenida um bello exemplo do progresso material que o Rio de Janeiro se sente resolvido a realizar. Está de vez morta a exclusividade de seducção que a natureza, e só ella, exercia sobre quantos extranhos nos visitavam. Subsistirá sempre a seducção das bahias, das arvores e dos morros, mas a Avenida já prova que estamos resolvidos a construir outras joias que nós mesmos

¹ Nosso Século. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 1900/10. pp. 18-32.

fabriquemos sem nos limitarmos tão sómente a exhibir aquellas em que de modo algum trabalhamos.

(...) inauguração dessa monumental Avenida, que agora se oferece não somente à nossa admiração, mas à de todo o país e à do estrangeiro, (...)uma contribuição pedida a todas as individualidades para o engrandecimento moral e material desta terra”.

“A noite de ontem foi de grande, de intenso júbilo para a alma carioca, alguma coisa de uma noite verdadeiramente de gala, associada à grande data que a França e o mundo comemoram, a inauguração do belo e opulento Teatro Municipal, com muito poucos rivais nas grandes capitais européias. (...)

Tudo ali falava no nosso progresso, do nosso adiantamento, da nossa cultura espiritual, da civilização dos nossos costumes, do apuro do nosso gosto: o edifício que se harmoniza com a nossa sociedade, a sociedade que faz honra ao grande sacrifício do poder municipal, dotando a cidade com aquele rico monumento e fazendo calar os velhos reclames de não possuir o Rio de Janeiro uma casa de espetáculos digna do seu desenvolvimento”².

A cidade de São Paulo, igualmente, ia apresentando sinais de transformação com o desenvolvimento da cultura do café e a industrialização. As principais metas eram a construção de um teatro, a melhoria do calçamento da cidade, o abastecimento de água e a construção do Paço para a Assembléia Provincial. O desenvolvimento da rede ferroviária provincial completou-se com a ligação da Estrada de Ferro D. Pedro II à linha da Companhia São Paulo-Rio de Janeiro, unindo a cidade à Capital do Império³.

Havia reuniões constantes entre altos funcionários públicos, intelectuais, políticos, estudantes da Faculdade de Direito, maçons para discutir política, religião, finanças... .

² <http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj09.htm>. Consulta realizada no dia 10/09/2000.

³ MONTEIRO, E.C. Batuíra. Verdade e Luz. São Paulo: Lúmen, 1999. pp. 25-51. & São Paulo na virada do século. Espaços públicos e privados 1889/1930. Cadernos de História de São Paulo. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1994/5. n. 3/4. 72p

Desde a segunda metade do século XIX, cerca de 170 periódicos surgiram em São Paulo. O país começou a intelectualizar-se com a democratização da cultura e da informação, através do desenvolvimento e proliferação da tipografia⁴.

A cidade de Ponta Grossa, no início do século XX, apresentava grande desenvolvimento. A inauguração da estrada de ferro, em 1883, facilitou e aumentou o tráfego de mercadorias entre o município, o interior e demais regiões, acabando por constituir-se no maior entroncamento rodoferroviário do sul do Brasil. Caracterizando-se como um centro em expansão, atraiu profissionais das mais diversas áreas⁵.

Esse processo de modernização da sociedade atingiu de igual forma, como já visto, a cidade de Três Rios, levando a uma constante busca por transformações e melhoria na qualidade de vida da população.

Com o surgimento das locomotivas muitas cidades se modificaram. Com o custo dos transportes reduzidos, muitos produtores investiram em novos empreendimentos comerciais e financeiros. As cidades se povoaram, fundaram-se escolas, clubes, praças, instalaram o telégrafo, serviços telefônicos, a iluminação a gás, as notícias passaram a circular com mais rapidez, companhias de teatro passaram a realizar apresentações pelas cidades, dando origem a uma vida associativa.

No século XIX o trem de ferro foi festejado em prosa e verso como o símbolo do progresso e modernidade por poetas como Raimundo de Magalhães:

⁴ *ibid.*

⁵ COSTA, F.L. da. Trabalho, Solidariedade e Tolerância. (A Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados. 1912-1989) Paraná: 1995. 180p. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR. p. 79.

Rijo, forte e veloz; é uma idéia
Condensada em metal, em ferro espesso;
Não recua, não cai, não titubeia;
E voa, e rasga, o luminoso ingresso,
O ramo arterial, a grossa veia
Por onde corre o sangue do Progresso.

A locomotiva e o progresso passaram a ser associados com frequência. Constituíam-se num marco de um novo tempo, um importante símbolo de todo um projeto de modernidade, ao qual o Brasil vinha dando início no final do século XIX. As palavras do republicano Francisco Quirino dos Santos, espectador da inauguração da plataforma de Campinas em 1872, ilustra a representação dessa nova conquista:

“Contavam-se três horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme: ouvia-se longínquo um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas belas campinas o férreo galopar do misterioso hipógrifo. O que se passou neste instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se. Girândolas, foguetes, baterias, aclamações, música, tudo isto ergue-se num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo a perder-se numa vertigem de alegria indefinida.

Espetáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara, nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrasear a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada (...)”⁶.

3.2 – O Espiritismo: Uma “Religião Moderna”

No início do século XX o número de adeptos da doutrina espírita foi, aos poucos, crescendo substancialmente. As razões apontadas pelos convertidos são

⁶ MARTINS, A. L. República. Um Outro Olhar. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 23-42.

muitas, mas em todas as localidades pesquisadas, como em Três Rios, as que mais se destacaram foram a ênfase na prática constante da caridade e por considerarem-na uma religião consoladora, capaz de explicar de modo racional os destinos do homem em vida e após a morte. Nela, o homem passa a ser a força motriz de seu destino, dependendo do seu esforço e trabalho constantes para adquirir melhores condições de vida. As chamadas “ciências vulgares”, aquelas que repousariam somente sobre as propriedades da matéria, pareciam insuficientes diante das carências pessoais e das dificuldades do mundo e do enfrentamento da morte. Por outro lado, o conjunto de dogmas e mistérios indecifráveis da Igreja, dando muito lugar para o inexplicável, o milagroso e a condenação eterna entre céu e inferno fez com que muitos se afastassem da “religião oficial”, numa época onde tudo deveria ser estudado e compreendido, oferecendo respostas objetivas à luz da razão⁷. Segundo uma pesquisa realizada por Pierucci & Prandi, em São Paulo, 33% dos entrevistados tornaram-se espíritas por uma opção filosófica/intelectual e 44% devido a problemas de saúde na família ou pela morte de algum parente. Além disso, 56% desses espíritas possuíam nível superior (3º grau) e 45% estariam nas classes sociais de renda mais alta (média de 20 salários mínimos)⁸.

As palavras de Kardec simbolizam o pensamento dominante à época:

“Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância. Convenhamos que o quadro pela religião esboçado, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamadas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão

⁷ COSTA, F. L. da. op. cit. pp. 129-46. ; DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 149-55. ; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 43, 127-64. ; e Nosso Guia. Três Rios. Ano I. n. II 03/1933. p. 2.

⁸ PIERUCCI, A F. & PRANDI, J. R. A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996. in: SANTOS, A. P. dos. Geografia do (In)Visível. O Espaço do Kardecismo em São Paulo. São Paulo, 1999. 231p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP. pp. 69-74.

ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem. (...) Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta.”⁹

“A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo que se deve crer. E, para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é deste século, tanto assim, que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número de incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.(...) *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*”¹⁰

Neste sentido, explicita-se o desejo de racionalizar a fé, uma fé que deixaria de ser sentida para tornar-se sabida, a tratar eventuais mistérios como fatos científicos¹¹. É a partir desse condicionamento cultural mais amplo que se pode entender um dos fatores pelos quais o espiritismo foi crescendo para além dos pequenos grupos nos quais suas concepções foram introduzidas primeiramente¹².

O espiritismo procuraria conciliar a moral cristã à “clareza” e à “precisão” que conduziriam à efetivação de uma ciência ideal, capaz de transformar a vida moral do homem e conduzi-lo à perfeição, afastando-o das tendências redutoras do materialismo que se verificavam entre muitos acadêmicos¹³.

Os preceitos espíritas tencionavam unir a faceta explicativa das ciências à crença religiosa num destino transcendente da humanidade. Era a junção de um aspecto fundamental do pensamento moderno a um aspecto fundamental do pensamento tradicional. Essa união teria sido um dos fatores determinantes para o

⁹ KARDEC, A. O Céu e o Inferno. Rio de Janeiro: FEB, 1998. pp. 20-5.

¹⁰ KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, 1995. pp. 302-3.

¹¹ FERNANDES, M.O. op. cit. pp. 127-64.

¹² SANTOS, J. L. op. cit. pp. 78-9.

¹³ FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 127-64.

acolhimento do espiritismo pelos grupos de elite e pelas classes médias emergentes no Brasil. O discurso espírita permitia que esses grupos legitimassem a sua crença em um plano extrafísico e nos seus fenômenos, sujeitos a experimentação nas sessões espíritas, confirmando uma tendência específica da sociedade brasileira: apesar de nos guiarmos também pela razão, a orientação sacral de vida assume entre nós considerável importância¹⁴. As doutrinas importadas que aqui chegavam receberam tratamentos diferenciados. Muitas, apesar de incorporadas ao pensamento nacional, ficaram restritas a setores mais intelectualizados. Esse fato encontraria explicação na oposição à teologia e à metafísica, impostas por algumas dessas novas teorias. Apresentavam-se como sistemas de explicação do Universo, em oposição aos sistemas metafísicos tradicionais¹⁵.

“(...) Elaborada num momento histórico em que o pensamento filosófico e científico encontrava-se dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, os ideais da *razão* e do *conhecimento racional* (opostos às noções de mágico e sobrenatural) são explícitos na codificação: as noções de revelação e de experiência, inconciliáveis na perspectiva do discurso científico, complementam-se no espiritismo(...)”.¹⁶

A sociedade brasileira refletiria, em grande parte, a afirmativa de Alphonse Dupront, “*O religioso exprime o humano quase em sua mais alta e mais enérgica medida.*”¹⁷

A Igreja, nesse momento, vivenciava um período de grandes questionamentos, principalmente após a publicação em 1864 pelo Papa Pio IX da Carta Encíclica “*Quanta Cura*” com o seu adendo, o “*Syllabus dos principais erros de*

¹⁴ CAMARGO, C.P.F. op. cit. pp. 111-25. & DAMAZIO, S. f. op. cit. pp. 149-55.

¹⁵ DAMAZIO, S. f. op. cit. pp. 149-55.

¹⁶ CAVALCANTI, M. L. V. de C. op. cit. pp. 147-55.

¹⁷ DUPRONT, A. Antropologia Religiosa. (org.) LE GOFF, J. & NORA, P. História Novas Abordagens. p. 81. in: COSTA, F. L. da. op. cit. p. VII.

nossa época”^{*}. Nesse documento, a Igreja condenava todos os ideais da modernidade tão propagados a partir do século XIX. Para agravar mais a situação, cinco anos depois, o Papa convocou em Roma o “Concílio Ecumênico Vaticano I” que proclamou a sua infalibilidade em matéria de fé ou de costumes.

Alguns católicos menos fervorosos sentiram o impacto dessas publicações, e abandonaram a Igreja, muitos ingressando no protestantismo. No entanto, com o passar do tempo muitos acabaram tornando-se ateus:

“Fui católico, fui presbiteriano, sou ateu. Minha criação fez-me católico; a leitura da Bíblia separou-me de Roma; a razão tornou-me incrédulo”¹⁸.

3.3 – Os Primeiros Adeptos e suas Ações na Sociedade

Dentro desse contexto histórico surgem os primeiros adeptos da doutrina espírita no Brasil¹⁹. Tanto na cidade de Três Rios quanto nas demais regiões estudadas, os primeiros espíritas possuíam elevado nível sociocultural e prestígio político, influenciados diretamente pelos novos ideais vigentes. Interessante notar, entretanto, que a cidade de Barretos, a princípio, apresentou um quadro diferenciado. O primeiro grupo espírita, fundado em 1906, era composto, em sua

^{*} O “Syllabus” é uma lista de oitenta proposições condenadas pela Igreja. Foi um trabalho de três comissões diferentes, e levou quinze anos (de 1849 até 1864) para ser concluído. Sua principal proposição seria a de que: “O pontífice Romano não pode e nem deve conciliar-se ou transigir com o progresso, com o Liberalismo e com a Civilização Moderna”. in: FAUSTINO, E. O Catolicismo em São Paulo no Segundo Império e o “Dilema da Modernidade”. São Paulo, 1991. 176p. Dissertação (Mestrado em História) – USP. pp. 3-13.

¹⁸ ibid. p. 113.

¹⁹ O primeiro grupo espírita que se formou em Três Rios foi o *GEFE* em 1895, no Rio de Janeiro foi o *Grupo Confúcio* no ano de 1873, em São Paulo foi o *Grupo Verdade e Luz* no ano de 1890, na Bahia foi o *Grupo Familiar do Espiritismo* no ano de 1865 e em Ponta Grossa foi a *Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados* no ano de 1912, mas já no ano de 1902 foi fundada a Federação Espírita do Estado do Paraná.

maioria, por pessoas de pouca projeção social. Somente a partir da década de 20 esse panorama sofreu alterações com o surgimento de novos adeptos²⁰.

Assim como em Três Rios detectamos, com frequência, a participação dos espíritas nos variados processos de desenvolvimento experimentados nas demais regiões analisadas. Não raro, detectamos também a aliança dos espíritas com maçons, livres-pensadores, republicanos, abolicionistas; em todo o Brasil, em defesa das transformações que se processavam. A abolição da escravidão e a proclamação da República sempre foram objeto de discussão e ação por parte dos espíritas, tanto que 10% da arrecadação com as assinaturas da primeira revista espírita do Brasil - *O Écho D'Além Túmulo* - eram destinados para comprar a alforria de escravos²¹.

Muitos envolveram-se diretamente com a política, chegando aos cargos de vereador, prefeito e deputado, além de contribuir intensamente nos processos de emancipação de vários municípios²². Em Ponta Grossa, os espíritas criaram e dirigiram a Sociedade Operária Beneficente e lideraram a greve dos ferroviários em 1917.²³ No Rio de Janeiro, em 1931, foi formada a "Coligação Nacional Pró-Estado Leigo", onde associações religiosas, humanitárias, culturais e filosóficas uniram-se aos liberais, maçons, entre outros, a fim de evitar a supressão do livre-pensamento e das liberdades individuais dos cidadãos. O primeiro presidente da "Coligação" foi o espírita Artur Lins de Vasconcelos Lopes, secundado por um pastor Evangélico e por elementos das mais variadas tendências filosóficas e religiosas. Este movimento expandiu-se por todos os estados, abrangendo centenas de cidades do país²⁴.

²⁰ LEX, A. 60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (Nossa Vivência). São Paulo: FEESP, 1996. pp. 25-6.

²¹ FERNANDES, M. O. op. cit. p. 135.

²² COSTA, F.L. da. op. cit. ; DAMAZIO, S.F. op. cit. ; FERNANDES, M. O. op. cit.; MACHADO, U. op. cit. & LEX, A. op. cit. & MONTEIRO, E. C. ; GARCIA, W. Cairbar Schutel. O Bandeirante do Espiritismo. Matão: O Clarim, 1986.

²³ COSTA, F. L. da. op. cit. pp. 97.

²⁴ MONTEIRO, E. C. ; GARCIA, W. op. cit. pp. 179-86.

Do mesmo forma como ocorreu em Três Rios, em São Paulo, sob a iniciativa de Antônio Gonçalves da Silva, o Batuira²⁵, foi criado um teatro espírita, incentivando as artes cênicas e cultivando um espaço de lazer e integração social²⁶.

3.4. As Instituições Espíritas

No Brasil, diferentemente dos demais países, as práticas assistenciais, assumiram um papel preponderante dentro do movimento espírita. Seus integrantes valorizam, primordialmente, a máxima espírita "*Fora da Caridade não há Salvação*". Interessante notar que, em várias localidades, as práticas assistenciais se desenvolveram de modo semelhante e sempre contaram com o auxílio dos diversos setores da sociedade²⁷.

Havia uma preocupação constante com a fundação de escolas primárias (consoante com a grande importância atribuída pelo espiritismo ao estudo e ao aprimoramento intelectual do homem, como base para a transformação da sociedade), de escolas profissionalizantes para as mulheres e, conseqüentemente, a criação de creches que, além de favorecer o ingresso da mulher no mercado de trabalho, eram utilizadas para doutrinar as crianças nas bases espíritas.²⁸

²⁵ Antônio Gonçalves da Silva (o Batuira) nasceu em Portugal e veio para o Brasil aos 11 anos de idade. Durante 3 anos trabalhou no comércio da Corte. Daí passou para Campinas, onde ficou por algum tempo até se transferir definitivamente para a capital paulista. Foi distribuidor do Correio Paulistano, o que, de certo modo, concorreu para despertar-lhe os ideais abolicionistas e republicanos. Foi apelidado "o batuira" devido a uma ave muito ligeira que freqüentava os charcos do atual parque D. Pedro II. O teatro de Batuira funcionou no período de 1860 a 1870 com lotação para 200 pessoas. Ali, igualmente se pronunciavam, por qualquer pretexto, discursos patrióticos, políticos e literários. Com a morte repentina de seu filho torna-se espírita e restabelece o Grupo "*Verdade e Luz*" em 1890. Deu início à publicação quinzenal de um periódico de mesmo nome. Criou centros espíritas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e realizou conferências em várias cidades. Estudou a homeopatia a fim de medicar gratuitamente aqueles que o procuravam. Criou em 1908 a "*União Espírita do Estado de São Paulo*" que federaria todos os grupos existentes no estado. Ao final de sua vida Batuira doou todos os seus bens em benefício do patrimônio do grupo *Verdade e Luz*. Faleceu em janeiro de 1909. in: WANTUIL, Z. Grandes espíritas do Brasil. Rio de Janeiro: FEB, 1969. pp. 208-24.

²⁶ MONTEIRO, E.C. op. cit. pp. 31-4.

²⁷ COSTA, F.L. da. op. cit. 129-46. ; DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 149-55.; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 127-64.; & MONTEIRO, E.C., GARCIA, W. op. cit. pp. 91-136.

²⁸ *ibid.*; Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas de Assembléias e Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-27, pp. 13, 15-17 e 28. & Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 6-9.

As farmácias homeopáticas e as consultas “mediúnicas” também alcançaram importante parcela da população, num momento de grande dificuldade e precariedade do atendimento médico no país. Para milhares de pessoas, esse era o modo como o espiritismo se apresentava, tornando-o conhecido para além dos grupos que criavam sociedades espíritas, permitindo sua maior penetração em setores sociais menos favorecidos econômica e intelectualmente. Cumpre destacar que grande número de pessoas com prestígio social e político também procuravam os serviços de atendimento mediúnico para si ou para seus familiares²⁹.

Hospitais, maternidades e sanatórios contribuíram igualmente para amenizar a ausência dessas instituições em algumas localidades. Em Três Rios, a maternidade mantida pelo GEFE permaneceu por quase três anos como a única instituição hospitalar do município³⁰. Somente no ano de 1938 foi inaugurado o primeiro hospital da cidade.³¹

A criação das “Caixas de Socorro”, uma constante no país entre os espíritas, inseria-se no contexto da época, que se caracterizava pela procura por membros de associações religiosas e laicas, como garantia econômica para eventuais imprevistos³². A Caixa de Socorro em Três Rios visava fornecer peças de enxovais a recém-nascidos, atendia a necessidades urgentes do asilo, albergue, farmácia e maternidade, ou adquiria material para as crianças da escola mantida pelo grupo³³.

²⁹ *ibid.*

³⁰ *ibid.*

³¹ KLING, H. J. *op. cit.* pp.15-22.

³² COSTA, F.L. *da. op. cit.* ; pp. 129-31.

³³ Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72.

O mutualismo³⁴ foi uma prática adotada no Brasil a partir da metade do século passado. No Brasil, devido à sua industrialização e a conseqüente organização dos trabalhadores dos diversos setores, o mutualismo apresenta-se de forma mais concreta entre 1890 e 1935. Essa prática envolveu ferroviários, bancários, portuários, associações de imigrantes, lojas maçônicas, centros espíritas, grupos vinculados à Igreja Católica e outros diversos segmentos da sociedade. As modalidades e fins a que se destinavam as mutuais abrangiam um grande leque de opções como: auxílio-doença, funeral, educação, pensões para viúvas, etc.³⁵. Encontramos num jornal de Três Rios uma representação dirigida ao Congresso Nacional pelo povo da cidade, sugerindo a criação de um sistema previdenciário, baseado no mutualismo, para idosos, doentes e inválidos:

"(...) Considerando que o Estado, como succede entre outros povos cultos, não pode enfrentar com seus reduzidos meios um problema tão oneroso e complexo para o qual a renda toda do Thesouro seria talvez insufficiente, e que a iniciativa particular também não dispõe de recursos para tão avultados soccorros, o povo desta localidade tem a honra de rogar-vos a adopção de sabia medida de que lançaram mãos outros paizes e que consiste na decretação de leis creando o systema de seguro contra as moléstias, invalidez e velhice nas condições em que é acceito na Allemanha, na Inglaterra ou na França. Outrora nesses paizes por maiores que fossem os esforços do Estado e da iniciativa privada nunca se lograva desvellar as misérias sociaes. Só após a descoberta desse recurso admirável foi que a colectividade poude vêr-se alliviada da sobrecarga de desventurados. Esse systema maravilhoso baseado no mutualismo, reúne nos departamentos de seguro do Estado as cotizações da previdencia das classes pobres e os auxilios dos poderes publicos das classes abastadas. É a orientação da fortuna publica com o objetivo philanthropico. O que um indivíduo não pode conseguir isoladamente logra alcançar

³⁴ Sistema de solidariedade entre os membros de um grupo à base de ajuda mútua. Associação de pessoas com uma finalidade social de previdência ou de auxílios mútuos, graças às cotizações de seus associados. No Brasil, presentes desde o século XIX, as sociedades de ajuda mútua foram uma das primeiras formas de organização dos trabalhadores. Ainda durante o séc. XX, estas sociedades, também denominadas de mútuo socorro, conviviam ao lado dos sindicatos e apresentavam-se bastante ativas. in. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1998. pp.4136.

³⁵ COSTA, F.L. da. op. cit. p. 130.

por meio do esforço colectivo(...)”.³⁶

O assistencialismo representou uma aliança entre teoria e prática espírita. Esse conjunto de atividades ajudou os espíritas a construir uma imagem positiva em amplos setores da população brasileira. Uma das características do espiritismo no Brasil é a aceitação de seus princípios e o respeito a suas práticas por uma parcela da população muito maior do que a dos adeptos que se consideram espíritas. Um exemplo disso, identificamos quando foram promovidas campanhas para a construção de sedes próprias dos vários serviços prestados pelas instituições espíritas. Foram organizados peças teatrais, encontros artísticos, jogos de futebol, propagandas em jornais e rádios, recebidos donativos das indústrias, comércio e da população em geral, permitindo que os ideais espíritas fossem disseminando-se ainda mais pelo país³⁷.

3.5 – A Reação ao Espiritismo

O desenvolvimento do movimento espírita acabou desencadeando uma série de críticas proferidas por variados setores da sociedade. Nesse momento, encontramos um marco divisor nas diferentes regiões do país. Em Três Rios, Matão e Ponta Grossa detectamos críticas provenientes primordialmente do plano religioso. Dificilmente encontramos menções a perseguições médicas ou jurídicas como aconteceu freqüentemente no Rio de Janeiro e São Paulo. As discussões que agitaram aquelas cidades advinham de sermões, pastorais e algumas publicações do clero local, condenando as práticas espíritas como uma heresia³⁸.

³⁶ O Arealense. Pedro do Rio, 22/05/20.

³⁷ COSTA, F. L. da. op. cit. pp. 129-46. ; DAMAZIO, S. F. op. cit. pp. 149-55.; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 127-64.; & MONTEIRO, E. C., GARCIA, W. op. cit. pp. 91-136.; SANTOS, J. L. op. cit. pp. 21-4; Entre-Rios Jornal. Três Rios, 27/04/39. ; Entre-Rios Jornal. Três Rios, 11/05/39. Entre-Rios Jornal. Três Rios, 18/05/39.

³⁸ COSTA, F. L. da. op. cit. ; pp. 91-7. ; KLING, H. J. op. cit. pp. 15-29. Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 18-22. & MONTEIRO, E. C., GARCIA, W. op. cit. pp. 63-78.

Os vigários das paróquias de Três Rios, Matão e o bispo de Ponta Grossa, por diversas vezes, aconselharam os seus fiéis a não contribuírem com as obras espíritas, por serem originárias de práticas demoníacas, mas muitos não deixavam de entregar seus donativos, às vezes solicitando o anonimato, temendo por prejuízos em sua reputação social.³⁹ Em Três Rios, como já destacamos, o ponto culminante desses desentendimentos levou à realização da Primeira Semana Espírita do Brasil, que acabou contribuindo para a consolidação do movimento na cidade, angariando muitos adeptos⁴⁰.

O movimento em Ponta Grossa, ao contrário, sofreu uma retração por volta da década de 1930 com a nomeação de um bispo, para a cidade, que intensificou as críticas. Somente a partir de 1939 ocorreu uma reestruturação com o aumento das atividades e do número de adeptos. O segundo bispo enviado à cidade não se opôs fortemente ao espiritismo, permitindo que católicos e espíritas passassem a desenvolver trabalhos sociais paralelos⁴¹.

A cidade de Matão(SP) também passou por um episódio semelhante a Três Rios, mas com conseqüências diferentes. Cairbar Schutel decidiu discursar em praça pública para enfrentar a intimidação que vinha sendo movida contra seu centro espírita, e seu decorrente esvaziamento. No momento em que falava, uma passeata de católicos teria sido organizada e se dirigido até a praça onde estava, gerando uma situação muito tensa, somente contornada com o apoio dado a Schutel por um médico e um advogado local. A Igreja chegou a incentivar os fiéis católicos a não comprarem medicamentos na farmácia de Schutel e aconselhou-os a conduzir a procissão de sexta-feira santa até a frente do centro espírita e incendiá-lo⁴².

³⁹ *ibid.* & *Nosso Guia*. Três Rios, Ano III Abr. 1938. n.º. 32/33/34.

⁴⁰ Ata da Assembléia Geral para a organização da primeira semana de palestras espíritas de Três Rios. Três Rios, Livro de Atas e Assembléias de Reuniões do GEFE, 1932-42, pp. 87-9.; Relatório do GEFE de Entre-Rios. Três Rios, jan-dez 1939, p. II. & *Entre-Rios Jornal*. Três Rios, 22-29/06/39.

⁴¹ COSTA, F. L. da. *op. cit.* pp. 91-128.

⁴² MONTEIRO, E. C., GARCIA, W. *op. cit.* pp. 63-9.

No caso específico de Três Rios, podemos levantar a hipótese de não ter havido oposição por parte dos médicos e juristas, devido ao fato de não encontrarmos associações organizadas desses setores na cidade para tentar impedir que os médiuns exercessem “ilegalmente a medicina”, como eram acusados regularmente no Rio de Janeiro. O hospital da cidade só foi inaugurado em 1938, quando começou a chegar maior número de médicos à cidade⁴³. A Igreja, por outro lado, constituía-se num poder mais organizado e estabelecido, representada pela Liga Católica de Entre-Rios, buscando sempre combater as possíveis contestações a sua doutrina⁴⁴.

No Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Sacramento(MG) as perseguições aos espíritas partiram também de intelectuais, a exemplo de Machado de Assis, artigos em jornais, médicos, juristas, além do clero⁴⁵. A freqüente associação de espiritismo e loucura desencadeou uma série de teses e publicações de conceituados psiquiatras, defendendo os perigos físicos e mentais de se tornar adepto da nova doutrina⁴⁶.

As acusações de curandeirismo, charlatanismo e estelionato foram freqüentes nas primeiras décadas do século, com o fechamento da Federação Espírita Brasileira por duas vezes, sob a acusação de exercício ilegal da medicina e exploração pecuniária dos fiéis em suas dependências.

Em Sacramento(MG), a perseguição ao médium Eurípedes Barsanulfo desencadeou um processo judicial por exercício ilegal da medicina:

⁴³ Entrevista realizada com Celina Reis em 07/06/2000.

⁴⁴ COUTINHO, A.R. op. cit. pp. 109-12. ; KLING, H.J. op. cit. pp. 15-29. & Entre-Rios Jornal. Três Rios, 19/11/38.

⁴⁵ COSTA, F. L. da. op. cit. pp. 91-7.; DAMAZIO, S.F. op. cit. pp. 53-99; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 59-95.; MACHADO, U. op. cit. pp. 59, 81-127. ; MONTEIRO, E.C. op. cit. pp.83-6. & NOBRE, F. A Perseguição Policial contra Eurípedes Barsanulfo. São Paulo: Edicel, 1987. 93 p.

⁴⁶ Sobre a associação Espiritismo e Loucura cf. RIBEIRO, L. Novo Código Penal e a Medicina Legal. Rio de Janeiro: Jacintho Editora, 1942. - OLIVEIRA, X. de. Espiritismo e Loucura. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1931. - ROXO, H. de B. B. Manual de Psiquiatria. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938. - SILVA, A. C. P. Psiquiatria Clínica e Forense. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1940.

“(...) O Sr. Barsanulfo faz intervenções cirúrgicas, ministra remédios internos e externos e aplica “passes” inculcando a cura de moléstias curáveis e incuráveis, a fim de fascinar e subjugar a credulidade pública”⁴⁷.

O jornal *Lavoura e Comércio* trouxe uma matéria intitulada “Seita Maldita” do Círculo Católico de Uberaba oficiando ao Delegado de Polícia local:

“O Espiritismo é condenado pelas leis básicas do Brasil (...) Como, pois permitir, tolerar que o Sr. Eurípedes Barsanulfo, um vesânico reconhecido, mantenha na cidade de Sacramento uma escola pública para ensinar o Espiritismo a crianças, inocentes e indefesas, inoculando-lhes na alma pura o germen da loucura e do suicídio?”⁴⁸.

(...) “O Espiritismo é uma seita abominável; O Espiritismo é a fonte mais perniciosa da loucura; o maior número de loucos encarcerados nos manicômios vem do espiritismo; O Espiritismo é causa freqüente dos mais horrendos suicídios; O Espiritismo é origem dos mais bárbaros assassinatos; (...) é condenado pela legislação de quase todos os países da terra”⁴⁹.

Além disso, o confronto religioso também ultrapassou os limites das instituições religiosas, tendo sido promovido um comício na praça da cidade. O padre Feliciano Yague, de Campinas, devido a sua boa capacidade discursiva, veio à cidade a pedido dos padres da Igreja Matriz para realizar um debate com Eurípedes Barsanulfo. O objetivo era provar que o espiritismo é ateísmo, que os fenômenos espíritas só poderiam ser explicados pela intervenção diabólica e que o espiritismo não é religião nem ciência. Ao debate compareceram várias caravanas de espíritas, vindas de diversas localidades, além dos próprios moradores da cidade. Barsanulfo teria conseguido rebater os argumentos do padre e a discussão foi encerrada. Após o acontecimento, mandou imprimir um boletim com a síntese da polêmica,

⁴⁷ NOBRE, F. op. cit. p. 18.

⁴⁸ ibid. p. 20.

⁴⁹ ibid. pp. 25-6.

distribuindo-o entre o povo e cidades vizinhas⁵⁰.

3.6 – A Divulgação e Legitimação do Espiritismo

Todo esse conjunto de críticas acabou levando os espíritas, sob a orientação da FEB, a intensificar a divulgação do espiritismo, tentando padronizar suas ações e atividades para evitar confusões com outras agremiações que usavam os termos espírita/espiritismo de forma não condizente com os preceitos de Kardec. Para o sucesso do movimento não bastava só a base de adeptos organizados em grupos ou só a disponibilidade de livros e outras publicações espíritas. Uma e outra tinham de andar juntas. Por meio da divulgação dos textos básicos do espiritismo e do registro de suas idéias e problemas em periódicos, procurava-se garantir uma certa concordância interna, evitando que os grupos se distanciassem demais uns dos outros. Publicar era uma maneira eficiente de contribuir para ampliar o movimento e fugir das acusações de charlatanice e de venalidade⁵¹.

A preocupação para divulgar a doutrina revelou-se em todo o país com a criação e/ou ampliação de bibliotecas, livrarias e feiras do livro, escolas de evangelho e de médiuns, grupos de estudos para os jovens (mocidades), programas de rádio, publicação de periódicos, com o objetivo de reafirmar suas bases científica, filosófica e religiosa, defendendo a prática desinteressada da caridade e, portanto, impossível de ser qualificada como crime⁵².

⁵⁰ RIZZINI, J. Eurípedes Barsanulfo o Apóstolo da Caridade. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1992. pp. 101-06.

⁵¹ GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 105-18.

⁵² COSTA, F.L. da. op. cit. pp. 86-91.; Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas das Assembléias e Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-27. pp. 17, 39-40, 44, 47 e 49. ;Ata da reunião da diretoria do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e assembléias do GEFE, 1927-42, pp. 1, 8-9,11-2.; Nosso Guia. Três Rios. Ano III. n. 32, 33 e 34 de Fev. - Abril de 1938.; Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72. pp. 9, 12-5, 18-22.; COUTINHO, A.R. op. cit. pp. 102-6. & GAMA, R. op. cit. pp. 39-45. MONTEIRO, E. C., GARCIA, W. op. cit. pp. 73-8,143-60, 193-212.

A cidade de Matão aparece como exemplo máximo dessa filosofia que dava extrema importância ao estudo e a divulgação do espiritismo. Nessa cidade privilegiou-se a disseminação da doutrina em detrimento das práticas assistenciais. Como o hospital mantido pelo grupo espírita, sob a direção de Cairbar Schutel⁵³, vinha aumentando significativamente o número de pacientes, dificultando as tarefas espirituais e de divulgação da doutrina e diante da impossibilidade de disponibilizar recursos financeiros e humanos para a manutenção dos dois periódicos editados pelo grupo e o hospital, optou-se pelo fechamento deste. A citação abaixo exemplifica bem os ideais do Grupo:

“(...) Esta sociedade composta de Centros aliados está destinada a prestar ótimos serviços ao Espiritismo, porque o seu fim exclusivo é a propaganda espírita pela palavra e pela imprensa, e o esforço que expender é para orientar os Centros que lhe são aliados no estudo da Doutrina e no desenvolvimento moral e filosófico dos seus componentes.”⁵⁴

Em Três Rios, assim como nas demais regiões estudadas, os espíritas buscavam ativamente ocupar espaços nas mídias locais, notadamente jornais e rádios. Para tanto, contavam com a colaboração dos veículos de imprensa que, usualmente, cediam gratuitamente seus espaços.

Desde a década de 30, os espíritas, em todo o país, procuram divulgar a doutrina por intermédio do rádio. A União Federativa do Estado de São Paulo conseguiu criar sua própria rádio-transmissora. Através de várias campanhas construiu sua sede e em 1940 inaugurou a Rádio Piratininga, chamada “A Estação dos Espíritas”. No entanto, após três anos de funcionamento, a rádio teve as suas

⁵³ Cairbar de Souza Schutel foi um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro. Convertido ao Espiritismo, fundou em 1905 o Centro Espírita Amantes da Pobreza e o jornal “O Clarim” e em 1925 a “Revista Internacional do Espiritismo”. Esses dois órgãos circulam até os dias de hoje. in: WANTUIL, Z. Grandes Espíritas do Brasil. pp. 254-64.

⁵⁴ MONTEIRO, E. C., GARCIA, W. op. cit. p. 195.

atividades encerradas por dificuldades financeiras e por desavenças internas⁵⁵. Em Três Rios, apesar dos espíritas não possuírem uma emissora própria, por 16 anos mantiveram programas radiofônicos.

Os meios de comunicação constituíram-se num importante instrumento de afirmação do caráter “real” do espiritismo. Apesar de não precisar se defender no campo médico e judiciário, o GEFE, através do seu periódico o **Nosso Guia**, sempre esteve ciente das questões que envolviam a FEB, outras instituições e seus freqüentadores, abrindo as páginas do jornal para reafirmar os princípios espíritas e defender os acusados. Nesse contexto, como em todo o Brasil, procurou-se estabelecer uma distinção entre o “verdadeiro” e o “falso” espiritismo. Alegava-se que apenas este último seria praticado por interesseiros e exploradores da credulidade pública, devendo, portanto, ser combatido judicialmente⁵⁶.

Essa constante atuação repercutiu em toda a sociedade e acabou levando a uma divisão entre “falso” e “verdadeiro” espiritismo, buscando legitimar as atividades desenvolvidas pela FEB e seus associados, consagrando o espiritismo e suas práticas perante a comunidade⁵⁷.

Um outro esforço de delimitar claramente o espaço do espiritismo, como uma religião diferente das demais, se deu com relação ao catolicismo. Nos anos iniciais do espiritismo em Três Rios, constatamos uma certa sintonia com as práticas religiosas católicas. Essas posturas, segundo as observações de Magali O. Fernandes, marcaram os primeiros passos do espiritismo no Brasil⁵⁸.

⁵⁵ LEX, A. op. cit. pp. 89-91.

⁵⁶ Nosso Guia. Três Rios. Ano I. n°. VIII, 09/1933. p. 1.; Ano II. n°. 16, 05/34. p. 1.; Ano III. n°. 27-34, 09/1937 a 04/1938. Ano V. n°. 41, 46 e 53, 12/1948, 05/1941 e 12/1941.; Ano VI. n°. 54 e 56, 01/1942 e 03/1942.; Ano VII. n°. 75 e 82, 08-09/1944 e 04/1945.

⁵⁷ GIUMBELLI, E. op. cit. pp. 221-43.

⁵⁸ FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 30, 33 e 62.

A simbiose entre os preceitos católicos e espíritas também foi citada por Ubiratan Machado, ao afirmar que os espíritas interpretavam a nova doutrina como uma espécie de complemento para as verdades católicas e não como um meio para destruí-las. Representava, doutrinariamente, um progresso em relação ao catolicismo, pela revelação de coisas até então ocultas ao homem. O catolicismo fundava-se em bases fixas, cuja natureza permanece desconhecida ou ignorada, o espiritismo viria com o objetivo de explicar essas bases⁵⁹. O maior propósito do espiritismo deveria ser o de lutar contra os infiéis e o materialismo⁶⁰. Apesar de na França e em várias partes do Brasil o espiritismo não ter inicialmente se apresentado como antagônico à religião tradicional, em Três Rios não encontramos indícios dessa tentativa de aproximação sem rupturas.

Com o passar dos anos, várias discussões foram sendo travadas em torno do assunto. Em Três Rios, identificamos várias propostas, em reuniões da diretoria do GEFE e em artigos publicados no jornal da cidade, a fim de abandonar essas práticas, levando em consideração a “pureza doutrinária”, que não atribuía importância a essas cerimônias como símbolos de salvação e consagração⁶¹. Aos poucos, esse sincretismo foi desaparecendo, consolidando o espiritismo como uma religião com um conjunto de práticas diferenciadas do catolicismo.

3.7 – O Espiritismo perante as Transformações Sociais

Ao longo dos anos, o conjunto de atividades desenvolvidas pelos espíritas, em todo o país, não visava apenas à solução imediata dos problemas humanos, através das práticas assistenciais. Ao contrário, sempre encontramos uma preocupação constante com o papel a ser desempenhado pelo espiritismo (através de suas

⁵⁹ MACHADO, U. op. cit. pp. 108-9.

⁶⁰ FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 33-4.

⁶¹ Ata da Assembléia Geral para a reorganização do Grupo Espírita Fé e Esperança. Três Rios, Livro de Atas e Assembléias de Reuniões de Diretoria do GEFE, 1922-7. p. 28; O Arealense. Pedro do Rio, 19/06/19; 01/01/20 e 25/03/20.

instituições e práticas) na transformação da sociedade. Essa preocupação aparece nos artigos em jornais, nos estudos e palestras, nas reuniões de diretoria dos diversos grupos, buscando analisar e questionar os setores essenciais que regem o país. Com base na lei de justiça, igualdade, progresso e trabalho, citada freqüentemente nas obras kardequianas, detectamos discursos em defesa do papel da mulher, dos poderes públicos, da educação e saúde, da condição de vida das crianças e idosos, da maior integração do negro na comunidade, alertando a todos quanto às suas responsabilidades na criação de uma melhor distribuição da justiça social. Mais que uma mudança nas leis e instituições, seria preciso promover uma mudança interna e definitiva, solucionando os problemas cotidianos das pessoas⁶²:

“(...) Mas se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob um outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento e o homem (...) vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que aqui adquire em saber e moralidade lhe é perdido, e que o seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo. (...) compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ele mata o egoísmo e, muito naturalmente, imbuído destas idéias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais. O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo.”⁶³

“(...) numa época em que os privilégios, restos de outra idade e de outros costumes, caíam diante do princípio de igualdade de direitos de toda criatura humana, os da mulher não poderiam tardar a ser reconhecidos. (...) se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual (...) o Espírito pode sucessivamente revestir

⁶² COLOMBO, C. B. op. cit. pp. 75-106.; COSTA, F. L. da. op. cit. pp. 129-53.; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 96-126.; MACHADO, U. op. cit. pp. 157-8.; MONTEIRO, E. C. op. cit. pp. 31-43 e 125-7. & Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE. Três Rios, 1922-72.

⁶³ KARDEC, A. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. 1864, p. 324.

invólucros diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e da igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raça.”⁶⁴

“(…) Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”⁶⁵

Essas práticas discursivas e esse conjunto de ações levaram o espiritismo a se tornar um dos agentes de propagação e consolidação dos novos anseios de modernidade, progresso, ordem, liberdade de pensar e agir e de integração da sociedade, típicos do período de transição do século XIX para o XX. Por congregar em seu corpo doutrinário os ideais vigentes, teria contribuído para o surgimento da sociedade moderna. Através de suas práticas e instituições (trabalhos de assistência social, evangelização e escolas como incentivo ao estudo, programas de rádio, publicação de jornais, realização de peças teatrais) que obtiveram uma larga difusão social e cultural ante os diversos setores da sociedade, contribuiu para a disseminação dessas idéias. O espiritismo, que fora inserindo-se nesse conjunto de transformações, acabou constituindo-se em mais um novo espaço de sociabilidade, de expressões culturais, religiosas e de circulação dessas novas idéias.

A proposta de aliança entre ciência e religião, adequando-se às novas exigências do mundo moderno e aos anseios de espiritualidade que sempre povoaram o interior do homem parecem ter contribuído de forma decisiva para a penetração e consolidação de uma mentalidade espírita em nossa sociedade⁶⁶. Apesar de ter consolidado a ênfase religiosa como a base fundamental do movimento, procurou-se também manter a preocupação com o racionalismo de suas

⁶⁴ KARDEC, A. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. 1867, pp. 167-8.

⁶⁵ KARDEC, A. A Gênese. pp. 44-5.

⁶⁶ DAMAZIO, S. F. op. cit. 149-64.; FERNANDES, M. O. op. cit. pp. 96-126.; CAMARGO, C. P. F. de. op. cit. pp. 111-22.

concepções. O espiritismo conseguiria, assim, apresentar-se, aos que se aproximavam dele, como uma religião racional⁶⁷. Dessa forma, o espiritismo acabou constituindo-se num dos agentes formadores da identidade cultural e religiosa brasileira, transformando o Brasil no país com o maior número de espíritas do mundo. A afirmação do antropólogo José Luiz dos Santos completa nossa análise:

“O espiritismo tem hoje um lugar assegurado no universo religioso brasileiro. O movimento espírita está consolidado, possuindo uma imagem de respeitabilidade e consegue exercer uma influência que vai muito além do âmbito de suas instituições espíritas.” (...) O espiritismo estabeleceu-se solidamente como uma religião brasileira (...)”⁶⁸

⁶⁷ SANTOS, J. L. op. cit. p. 28.

⁶⁸ ibid. p.5

IV – CONCLUSÃO

Este trabalho procurou realizar uma análise do movimento espírita na cidade de Três Rios, buscando identificar as possíveis relações dos espíritas com o processo de transformação experimentado pela cidade no início do século. Além disso, avaliamos se Três Rios se constituiria numa significativa amostra para a compreensão do movimento nacional.

Ao longo das primeiras décadas do século XX a cidade apresentou um importante desenvolvimento em amplos setores: educacional, político, econômico, cultural e social. Houve intensa participação dos espíritas nesse processo, através da fundação de colégios, grêmios literários, teatrais e musicais, o apoio à saúde com a construção de uma maternidade e com a ajuda dispensada à Igreja, posteriormente, na construção do primeiro hospital da cidade, na emancipação política, muitos tornando-se vereadores, deputados estaduais e prefeito. Os pioneiros do espiritismo trirriense participaram de modo marcante das principais transformações “modernizadoras” da localidade e também atuaram ao lado de outros segmentos sociais (maçonaria, artistas, jornalistas, políticos, entre outros) que igualmente buscavam o desenvolvimento da cidade. A presença na mídia era constante, publicando artigos, destacando a importância da educação e do ensino laico, da liberdade religiosa, da importância da mulher, além do jornal editado pelo próprio grupo e dos programas radiofônicos que além de abordarem esses assuntos, também procuravam discutir as principais diretrizes e contestações ao movimento no Brasil. Por todos esses fatores, o movimento espírita contribuiu para a disseminação dos emergentes ideais de modernidade, tornando-se mais um novo canal para a elaboração, divulgação e concretização dessas novas concepções.

Todo o conjunto de atividades desenvolvidas pelos espíritas, particularmente as de caráter assistencial, contribuíram de forma decisiva para maior penetração do

ideário espírita na sociedade, bem como para angariar maior respeitabilidade de uma população, a princípio, predominantemente católica.

Nesse momento a Igreja Católica local passava por um processo de letargia, representado pela constante perda de fiéis. Muitos justificavam seu abandono por não conseguirem aceitar os dogmas e mistérios mantidos pela Igreja, num momento de forte questionamento desses princípios pelos novos ideais de livre-pensamento, razão e estudo. A Igreja mantinha-se distante destes princípios, chegando mesmo a condená-los. Alguns mantiveram-se distantes de qualquer outro tipo de credo religioso, mas outros voltaram-se, posteriormente, para o espiritismo alegando ser esta uma religião mais dirigida para o estudo e questionamento, onde nada deveria ser aceito sem o livre exame a os princípios racionais.

No entanto, mesmo com esse enfraquecimento aparente do catolicismo, o espiritismo foi intensamente contestado, em especial pelo clero, mas também por parte dos moradores da cidade. Ambos consideravam-no demoníaco e que por isso, a sua presença desencadearia uma série de tragédias para a cidade.

Apesar das resistências, o espiritismo conseguiu consolidar-se na cidade de Três Rios e, com o passar dos anos, aumentou substancialmente seu número de adeptos, principalmente após a realização da Primeira Semana Espírita do Brasil, onde o GEFE teve uma maior possibilidade de debater publicamente com a Igreja e de expor melhor os principais temas que geravam polêmicas em torno do espiritismo.

Ao analisar diversas localidades no país, percebemos que o movimento na cidade apresentou características muito similares ao espiritismo nacional, constituindo-se numa importante amostra para compreendermos melhor a dinâmica de implantação e consolidação do movimento espírita no Brasil.

A preocupação com as atividades assistenciais, destacando a importância da caridade desinteressada, predominou em quase todo o país, especialmente nos momentos em que o espiritismo vinha sendo mais duramente atacado por médicos, juristas, a imprensa e o clero. A ênfase no seu aspecto religioso contribuiu positivamente para que o espiritismo pudesse escapar mais facilmente das constantes críticas, uma vez que a liberdade religiosa estava garantida pela Constituição. Em todas as localidades detectamos importantes investimentos para a construção de asilos, hospitais, escolas, creches, albergues, embasados no lema *“Fora da Caridade não há Salvação”*.

A única exceção encontrada foi a cidade de Matão que, sob a liderança de Cairbar Schutel, dava prioridade à divulgação da doutrina, por meio de livros e jornais. Todo o capital disponível era revertido para a manutenção e ampliação da tipografia mantida pelo grupo espírita, na qual era editado o jornal “O Clarim” e a “Revista Internacional do Espiritismo”, ambos com circulação até os nossos dias.

Apesar de dar prioridade ao seu aspecto religioso, é importante salientar que o movimento espírita procuraria manter acesa a sua preocupação com seus propósitos filosóficos e científicos. Dessa forma, conseguiria apresentar-se como uma religião racional, conseguindo adeptos principalmente nos segmentos mais instruídos da sociedade.

Neste trabalho não tivemos a pretensão de esgotar todas as análises sobre o tema, mas procuramos, antes de tudo, abrir alguns caminhos para analisar a trajetória do espiritismo no Brasil. O espiritismo é uma religião que vem crescendo substancialmente e permeando nossa cultura e sociedade, mas que não tem recebido do meio acadêmico uma atenção proporcional ao seu impacto em nosso meio. Esperamos ter colaborado para o preenchimento dessa lacuna e para despertar o interesse de futuros pesquisadores. Novos estudos se fazem necessários em outras regiões para aprimorar nossas conclusões e sua possível

generalização, bem como para investigar outros aspectos ainda obscuros na história da implantação e desenvolvimento do espiritismo no Brasil.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1 – FONTES

1.1 – Periódicos

O Arealense. 1901/1909/1919 - 1937.

Folha de São Paulo. 31 dez. 1995(Mais 5-9) e jan. 1997(Mais 5-10)

Cadernos de História de São Paulo:

São Paulo na virada do século. Espaços públicos e privados 1889/1930. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1994/5. n. 3/4. 72p

Cadernos do ISER:

CAVALCANTI, M. L. V. de C. O Espiritismo. nº 23, 1990. pp. 147-55.

GIUMBELLI, E. A. Uma Visão dos Discursos: Espiritismo e Assistência Social”. In: Em Nome da Caridade. Vol. II, 1996. pp. 87-122.

LOCUS – Revista de História:

BARATA, A.M. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). NHR/UFJF. Vol. I, nº 1, pp. 125-42, 1995.

Manguinhos:

BARATA, A.M. A Maçonaria e a Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz. Vol. I. Jul-Out/1994. pp. 78-99.

Religião e Sociedade:

AZZI, R. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. Mai 1977, nº 1. pp. 125-49.

MAGGIE Y. Resenha. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. nº 11/1 Abr.: 1984 . pp. 163-5.

WARREN,D. A terapia espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900. Dez:1984. pp. 56-84.

_____. A medicina espiritualizada: a homeopatia no Brasil do século XIX. Mar:1986. pp. 88-107.

Revista de Antropologia:

GIUMBELLI, E. A. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. Departamento de Antropologia da FFLCH/USP. Vol. 40 nº. 2, 1997. pp. 31-82.

1.2 - Periódicos Homeopáticos

Revista de Homeopatia:

BERTOLLI FILHO, C. Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social. Vol. 55. nº 3. Jul-ago/1990. pp. 72-8.

1.2 – Publicações Espíritas

1.2.1 – Livros e Artigos

Federação Espírita Brasileira. **As curas espíritas e sua legitimidade perante a lei: peças dos processos instaurados no juízo dos feitos da saúde pública contra a Federação Espírita Brasileira e o médium receitista Domingos de Barros Lima Filgueiras.** Rio de Janeiro: FEB, 1907.

_____. **Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira.** Rio de Janeiro: FEB, 1924.

_____. **Grupos Espíritas: sua organização e fins, de acordo com a orientação seguida pela assistências aos necessitados na Federação Espírita Brasileira.** Rio de Janeiro: Typ e Pap. Marques Araújo, 1923.

_____. **Normas para as sessões públicas de estudo da doutrina e para as de manifestações sonambúlicas adotadas pelo Conselho de Associações Federadas do Distrito Federal e aprovadas pela Diretoria da Federação.** Rio de Janeiro: Henrique M. Sondermann, 1938.

_____. **Normas para as sessões públicas de estudo da doutrina e para as de manifestações sonambúlicas adotadas pelo Conselho de associações Federadas do Distrito Federal e aprovadas pela Diretoria da Federação.** Rio de Janeiro: Henrique M. Sondermann, 1938.

_____. **Prescrições adicionais ao regulamento de adesão à Federação Espírita Brasileira.** Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1929.

_____. **Regulamento de adesão das Sociedade Espíritas à Federação Espírita Brasileira.** Rio de Janeiro: Typ. Marques Araújo, 1925.

FREITAS, W. Primeira sociedade espírita no Brasil - 1865. **Reformador.** Ano 83. Rio de Janeiro : FEB, 1965. pp. 13-22.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos.** Rio de Janeiro: FEB, 1994.

_____ **A Gênese.** Rio de Janeiro: FEB, 1992.

_____ **O Céu e o Inferno.** Rio de Janeiro: FEB, 1998.

_____ **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB, 1995.

_____ **O Livro dos Médiuns.** Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____ **O Que é o espiritismo?** Rio de Janeiro : FEB, 1995.

_____ **Obras póstumas.** Rio de Janeiro : FEB, 1993.

KLEIN FILHO, L. (org.) **Bezerra de Menezes. Fatos e Documentos.** Niterói: Lachâtre, 2000.

LEX, A. **60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (Nossa Vivência).** São Paulo: FEESP, 1996.

LEYMARIE, M.P.G. **Processo dos Espíritas.** Tradução: FEB, Rio de Janeiro: 1976.

LUCENA, A. de S. e GODOY, P. A. **Personagens do Espiritismo.** São Paulo: FEESP, 1997.

MONTEIRO, E. C. ; GARCIA, W. **Cairbar Schutel. O Bandeirante do Espiritismo.** Matão: O Clarim, 1986

MONTEIRO, E.C. **Batuíra. Verdade e Luz.** São Paulo: Lúmen, 1999.

NOBRE, F. **A Perseguição Policial contra Eurípedes Barsanulfo.** São Paulo: EDICEL, 1981.

SOARES, S.B. Um grande ano. **Reformador.** Ano 75, Rio de Janeiro, n.1, jan. 1957. p. 5-6..

SOUZA, J.B de. O Centenário do Reformador. **Reformador.** Ano 100. Rio de Janeiro

: FEB, n. 1845, 1982. p. 8-12.

SOUZA. J.B. O Centenário da FEB. OS Primeiros anos do século XX. **Reformador**. Ano 102, Rio de Janeiro, n. 1858, jan. 1984. p. 7-12.

WANTUIL, Z. & THIESEN, F. **Allan Kardec**. (Pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação). Rio de Janeiro: FEB, 1979. 3v.

WANTUIL, Z. **Grandes espíritas do Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro : FEB, 1969.

XAVIER. F. C. **Parnaso de Além-Túmulo**. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

1.2.2 – Periódicos Espíritas

Nosso Guia. Três Rios: Grupo Espírita Fé e Esperança, 1933 –1945.

Revista Espírita. São Paulo: EDICEL, 1858 -1867.

1.2.2 – Entrevistas

Elza Farias. Três Rios, 07/1997.

Djalma Tepedino. Três Rios, 03/11/1999.

Celina Reis. Três Rios, 07/06/2000

1.2.3 – Arquivo da Igreja

Livro de Tombo da Paróquia de Três Rios 1934/1965.

1.2.4.- Arquivo do GEFE

Livro de Atas e Assembléias de Reuniões de Diretoria do GEFE. Três Rios, 1922-7.

Livro de Atas e assembléias do GEFE. Três Rios, 1927-42.

Livro de Atas e Assembléias de Reuniões do GEFE. Três Rios, 1932-42.

Livro de Atas das Assembléias Gerais Extraordinárias do GEFE. Três Rios, 1933-52.

Meio Século de Vida de uma Casa Espírita. Relatório Comemorativo do Cinquentenário do GEFE.. Três Rios, 1922-72.

2 – BIBLIOGRAFIA

2.1 – Obra de Referência

Dicionário de Ciências Sociais. 2ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987

2.2 – Bibliografia Citada

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC: Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ARAIA, E. **Espiritismo. Doutrina de fé e ciência**. São Paulo: Ática S.A., 1996.

BARROS, R.S.M. **A Ilustração brasileira e a idéia de Universidade**. São Paulo: Convívio/Edusp, 1986. p. 13.

BASTIAN, J. P. (org). **Protestantes, Liberales y Francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, Siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990

BLANK, R. J. **Reencarnação ou Ressurreição: Uma Decisão de Fé**. São Paulo: Paulus, 1995.

CAMARGO, C.P.F. de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Kardecismo e Umbanda. Uma Interpretação Sociológica**. São Paulo: Pioneira, 1961.

CARVALHO, J. J. de. **O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de Uma Teoria dos Estílos de Espiritualidade**. In: **Misticismo e Novas Religiões**. (org.): Alberto Moreira & Renée Zicman. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **O Mundo Invisível. Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983.

- _____. **O Que É o Espiritismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- COSTA, F. L. da. **Trabalho, Solidariedade e Tolerância**. (A Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados. 1912-1989) Paraná: 1995. 180p. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.
- COUTINHO, A. R. **Como Nasceu a Cidade de Três Rios – Sua história, literatura e vultos ilustres de Três Rios**. Três Rios: s/n, 1976.
- DAMAZIO, S.F. **Da Elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DENIS, L. **Socialismo e Espiritismo**. Rio de Janeiro: CELD, 1998.
- DIAS, O. C. **Três Rios – História de Nossas Ruas**. Três Rios: Nilmar Comunicações, 1986.
- DOYLE, A. C. **A Nova Revelação**. Rio de Janeiro: FEB, 1980. p. 64
- DUPRONT, A. **Antropologia Religiosa**. in: LE GOFF, J. & NORA, P. **História Novas Abordagens**.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FAUSTINO, E. **O Catolicismo em São Paulo no Segundo Império e o “Dilema da Modernidade”**. São Paulo, 1991. 176 p. Dissertação (Mestrado em História) – USP.
- FERNANDES, M. O. **Luiz Olympio Telles de Menezes – Os Primeiros momentos da edição Kardecista no Brasil**. São Paulo: 1993. 190 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – USP.
- FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (org.) **usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996
- FILHO, M. B. P. **A História de Três Rios e seus Vultos Importantes**. Rio de Janeiro: Netuno, 1992.
- FUNARI, Pedro P. & ALVES, Júlia F. **“O Ensino da História no Segundo Grau uma experiência”**. Campinas IFCH/Unicamp, 1995.
- GUIMARÃES, Irene L. **Três Rios – A esquina do Brasil**. 1. Ed. Três Rios: s/n, 1988.
- GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

- KLING, HJ. **A Matriz de São Sebastião de Entre-Rios e outras anotações históricas**. Três Rios: s/n, 1969.
- LOBO, Isamarco G. **Debates Regionais. Fazer Historia (Des)construção e (In)certeza**. João Pessoa. NDIHR/UFPB, 1996.
- MACHADO, U. **Os Intelectuais e o espiritismo. De Castro Alves a Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Antares, 1993.
- MEIHY, J. C. S. B. (org.) **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- MENDONÇA, A. G. & FILHO, P. V. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. 276p.
- MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir: A inserção histórica do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MIGUEL, Neise. **“Três Rios: Panorama sócio-econômico”** (comunicação no III Seminário de Iniciação Científica da UFJF – 1994);
- NEGRÃO, L. N. Kardecism. in: **The Encyclopedia of Religion**. Editor in Chief: Mircea Eliade. New York: Macmillan Publishing Company, 1987.
- Nosso Século**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 1900/10.
- OLIVEIRA, X. de. **Espiritismo e Loucura**. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1931.
- RIBEIRO, L. **Novo Código Penal e a Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Jacintho Editora, 1942.
- RIO, J. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier, p. 213-35.
- RODRIGUES, B.J. **Catecismo Anti-Spirita**. São Carlos: Typ Artística, 1919.
- ROSEN. G. e SKULTANS. V., citado por: SCLIAR, M. **Do Mágico ao Social – A Trajetória da Saúde Pública**. São Paulo: L&PM, 1987.
- ROXO. H. de B. B. **Manual de Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938. –
- SANTOS, A. P. dos. **Geografia do (In)Visível. O Espaço do Kardecismo em São Paulo**. São Paulo: 1999. 231 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – USP.

- SANTOS, J.L. **Espiritismo. Uma religião brasileira.** São Paulo: Moderna, 1997.
- SILVA, A. C. S. **Psiquiatria Clínica e Forense.** Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1940.
- SILVA, E.M. **Fé e Leitura: A Literatura Espírita e o Imaginário Religioso. Gêneros de Fronteira.** Cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.
- _____. **O Espiritualismo no Século XIX.** Campinas: IFCH/Unicamp, Textos Didáticos, Mai 1997, nº 27.
- _____. **Vida e morte o homem no labirinto da eternidade.** Campinas, 1993. 245 p. Tese (Doutorado em História) – Unicamp
- SILVEIRA, G.R. **Utopia e Cura: A Homeopatia no Brasil Imperial (1840-1854).** Campinas: 1997. 104 p. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp.
- VIEIRA, David G. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** Brasília: UNB, 1980.

2.3 Outras Referências

- AUDI, E. **Vida e Obra de Allan Kardec.** Niterói: Lachatrê, 1999.
- CASTELLAN, Y. **O Espiritismo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1955. (trad.) Alcântara Silveira.
- DOYLE, A. C. **História do Espiritismo.** São Paulo: Pensamento, 1995. (trad.) Júlio Abreu Filho.
- KLING, H. J. **Cinzas Que Falam.** Juiz de Fora: Esdeva, 1971.
- KLOPPENBURG, B. O.F. M. **Espiritismo. Orientação para os católicos.** São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. **Cruzada de Defesa da Fé Católica no I Centenário do Espiritismo.** Petrópolis: Vozes, 1956.
- MACHADO, L. **Uma Grande Vida.** (Estudo Biográfico de Cairbar Schutel). Matão: O Clarim, 1980.
- SCHUTEL, C. e JÚNIOR, F. R. **Espiritismo e Protestantismo.** Em face dos evangelhos e da ciência. Matão: O Clarim, 1987.

SCHUTEL, C. **Conferências radiofônicas**. Matão: O Clarim, 1985.

SILVA, P. G. **Capítulos de História de Paraíba do Sul**. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

SOARES, S. B. **Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1975.

SOARES, S. B. **Vida e Obra de Bezerra de Menezes**. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

TEIXEIRA, E. M. **A Capela de Nossa Senhora da Piedade**. Contribuição à História e aos Aspectos Legais. Três Rios (RJ). Três Rios: Linoset, 1997.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

"Religião em Confronto: O Espiritismo em Três Rios"
(1922-1939)

ERRATA

Página 11, 3º parágrafo, onde se lê:

"... segundo Mirceia Eliade, ..."

leia-se:

"... segundo Mircea Eliade, ..."

Página 14, nota nº 11, onde se lê:

"LIVROS mais vendidos. Folha de São Paulo. São Paulo, 31/12/95(Mais 5-9) e 01/97(Mais 5-10)."

leia-se:

"Folha de São Paulo. São Paulo, 14/01/96 (Brasil 1-12) & O Dia. Rio de Janeiro, 01/06/97. pp. 15-6."

Página 32, 5º parágrafo, onde se lê:

"... preceitos pregados por este, originou uma situação bem diferente: ocorreu ..."

leia-se:

"... preceitos pregados por este, ocorreu ..."

Página 37, 3º parágrafo, onde se lê:

"... periódicos que surgiram no Rio de Janeiro entre 1908 e 1980 e que existe..."

leia-se:

"...periódicos que surgiram no Rio de Janeiro entre 1808 e 1890 e que existe..."

Página 48, nota nº 70, onde se lê:

"... assume a presidência, permanecendo até 1899."

leia-se:

"...assume a presidência, permanecendo até 1900."